

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

NATALLIE NAZARETH ALCANTARA CHAGAS

A CONSTRUÇÃO DO LEITOR EM TOLKIEN:

Um estudo a partir do Fórum Valinor

BELÉM
2011



There and back again,



by

Bilbo Baggins



NATALLIE NAZARETH ALCANTARA CHAGAS

A CONSTRUÇÃO DO LEITOR EM TOLKIEN:

Um estudo a partir do Fórum Valinor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Pará, orientado pelo Prof. M. Sc. Rubens da Silva Ferreira.

BELÉM
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C246c Chagas, Natallie Nazareth Alcantara
A construção do leitor em Tolkien: um estudo do Fórum Valinor / Natallie Nazareth Alcantara Chagas. – 2011.
117f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

Orientador: Prof. M. Sc. Rubens da Silva Ferreira.

1. Formação de leitores. 2. Literatura – Romance. 3. John Ronald Reuel Tolkien. 4. Fórum Valinor. I. Ferreira, Rubens da Silva, *orient.* II. Título.

CDD: 372.414 2

NATALLIE NAZARETH ALCANTARA CHAGAS

A CONSTRUÇÃO DO LEITOR EM TOLKIEN:

Um estudo a partir do Fórum Valinor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Pará, orientado pelo Prof. Rubens da Silva Ferreira.

Banca Examinadora:

Prof. M. Sc. Rubens Ferreira da Silva

Prof^a. Oderle Milhomem Araújo

Prof^a. M. Sc. Maurila Bentes Mello e Silva

Julgado em: 29/06/2011

Conceito: Excelente

AGRADECIMENTOS

A minha família, por desenvolverem em mim o hábito da leitura e pela compreensão durante os momentos de estresse na elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Rubens Ferreira, pela dedicação, disposição e competência com as quais me orientou.

Aos meus amigos usuários do fórum Valinor, pela presteza e disponibilidade em participar da pesquisa.

— De qualquer forma, eu gostaria de saber se alguma vez apareceremos em histórias e canções. Estamos numa, é claro, mas quero dizer: ser posto em palavras, sabe, contadas ao pé da lareira ou lidas de um grande livro grosso com letras vermelhas e pretas, anos e anos depois. E as pessoas dirão: “Vamos ouvir a história de Frodo e do anel!”. E elas dirão: “Essa é uma das minhas histórias preferidas”.

J.R.R.Tolkien, *O Senhor dos Anéis*.

“Reading is associated [...] with education in the broadest sense, that is, with intellectual and moral development.”

Alan Richardson, *Reading Practices*.

RESUMO

Busca compreender a formação do leitor a partir das obras de John Ronald Reuel Tolkien. Nessa direção, utiliza como *corpus* de pesquisa os romances mais conhecidos desse escritor inglês, a saber: *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*. Na condução do estudo, segue uma abordagem qualitativa, por meio da qual leitores de Tolkien pertencentes ao fórum chamado Valinor são tomados como sujeitos da pesquisa. Como instrumento de coleta de dados adota o questionário, empregado na coleta de evidência sobre a relação desses leitores com o autor e com as obras analisadas. Constrói o panorama biográfico e teórico com o auxílio da pesquisa bibliográfica por meio do levantamento e da leitura de livros, artigos e dissertações. Verifica que o leitor de Tolkien tem contato com as obras em foco a partir dos próprios livros, de músicas de *rock*, de jogos de *Role Playing Game* (RPG) e dos filmes da trilogia *O Senhor dos Anéis*. Os leitores reconhecem nas obras de Tolkien uma fonte de informação, conhecimento e prazer. Por fim, entende que estratégias de mediação da leitura são mais bem-sucedidas quando educadores e bibliotecários conhecem mais profundamente a obra e seu autor em direção à construção do hábito da leitura.

Palavras-chave: Formação de leitores. Literatura – Romance. John Ronald Reuel Tolkien. Fórum Valinor.

ABSTRACT

It seeks to understand the formation of the reader from the works of John Ronald Reuel Tolkien. In this direction, use as a *corpus* the best known novels of this English writer, namely: *The Hobbit*, *The Lord of the Rings* and *The Silmarillion*. In conducting the study, follows a qualitative approach, whereby Tolkien readers belonging to the forum called Valinor are taken as research subjects. As a tool for data collection adopts the questionnaire, used in gathering evidence about their relationship with the author and readers with the works analyzed. Build the biographical and theoretical overview with the aid of literature through the survey and the reading of books, articles and dissertations. Checks that the Tolkien reader has contact with the works in focus from the books, rock music, *Role Playing Game* (RPG) and film trilogy *The Lord of the Rings*. Readers will recognize in Tolkien's works a source of information, knowledge and pleasure. Finally, it considers that mediation strategies of reading are most successful when teachers and librarians know more deeply the work and its author toward the construction of the habit of reading.

Keywords: Formation of readers. Literature – Novel. John Ronald Reuel Tolkien. Valinor Forum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Leitores de Tolkien.....	16
Desenho 1 – Thorin e Companhia na Toca de Bilbo (Irmãos Hildebrandt).....	32
Desenho 2 – Esgaroth, a Cidade do Lago (J.R.R.Tolkien).....	33
Desenho 3 – Smaug dorme sobre o tesouro dos anões (John Howe).....	34
Fotografia 1 – <i>A Sociedade do Anel, As Duas Torres e O Retorno do Rei</i> ilustradas por Tolkien.....	35
Desenho 4 – Aniversário de Bilbo (Inger Edelfeldt).....	36
Desenho 5 – O nazgûl no Condado (John Howe).....	37
Desenho 6 – Gandalf e o Balrog (John Howe).....	38
Desenho 7 – A Sociedade repousa em Lórien (Ted Nasmith).....	38
Desenho 8 – Ents em Isengard (Ted Nasmith).....	40
Desenho 9 – Meduseld, o Palácio Dourado de Rohan (John Howe).....	41
Desenho 10 – Faramir encontra Frodo e Sam (Irmãos Hildebrandt).....	42
Desenho 11 – Sam luta com Laracna (John Howe).....	42
Desenho 12 – Gandalf chega a Minas Tirith (Ted Nasmith).....	43
Desenho 13 – O cerco a Minas Tirith (John Howe).....	44
Desenho 14 – A destruição do Um Anel (John Howe).....	45
Desenho 15 – Portos Cinzentos (Ted Nasmith).....	46
Mapa 1 – Terra-média e as Terras Imortais (autor desconhecido).....	47
Desenho 16 – Melkor, prisioneiro, diante do trono dos Valar (Jacek Kopalsk).....	48
Desenho 17 – Ungoliant e Melkor destroem as Duas Árvores (John Howe).....	49
Desenho 18 – Beren, na forma de lobo, e Lúthien enfrentam Melkor em seu trono (Sam Hadley).....	50
Desenho 19 – Elwing, na forma de cisne, e Eärendil partem em busca do perdão dos Valar (Roger Garland).....	51
Desenho 20 – A destruição de Númenor (Darrel Sweet).....	52
Desenho 21 – Sauron forja o Um Anel (Ted Nasmith).....	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 PESQUISANDO OS LEITORES DE TOLKIEN.....	12
3 A VIDA DE J.R.R. TOLKIEN.....	20
4 ESCRREVENDO O HOBBIT, O SENHOR DOS ANÉIS E O SILMARILLION.....	27
4.1 O HOBBIT, O SENHOR DOS ANÉIS E O SILMARILLION.....	27
4.1.1 O Hobbit (The Hobbit).....	31
4.1.2 O Senhor dos Anéis (The Lord of the rings).....	35
4.1.2.1 A Sociedade do Anel (The Fellowship of the Ring).....	35
4.1.2.2 As Duas Torres (The Two Towers).....	39
4.1.3 O Retorno do Rei (The Return of the King).....	43
4.1.3 O Silmarillion (The Silmarillion).....	46
5 A OBRA DE TOLKIEN.....	55
6 LITERATURA E HISTÓRIA INFLUENCIANDO AS NARRATIVAS DE TOLKIEN – OU, A LEITURA POR TRÁS DA LEITURA.....	64
7 O PROCESSO DE LEITURA.....	71
7.1 AS PRIMEIRAS LEITURAS DE TOLKIEN.....	73
7.2 CONHECENDO E LENDO TOLKIEN.....	77
7.3 TOLKIEN E SUAS COMUNIDADES DE LEITORES.....	85
7.4 TOLKIEN COMO FONTE DE INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E PRAZER.....	92
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	102
GLOSSÁRIO.....	108

1 INTRODUÇÃO

As obras de J. R. R. Tolkien seguem disseminadas no mundo literário e também sustentam um impacto cultural significativo: estão entre os romances mais lidos e influentes desses tempos, mesmo antes dos filmes *blockbuster*¹ serem lançados. Os autores e os críticos também reconhecem o trabalho de Tolkien como uma grande influência sobre o recém ampliado gênero da fantasia, sendo difícil encontrar algo desse padrão que não contenha elementos presentes no trabalho de Tolkien. É função de sua genialidade que algumas produções acadêmicas como dissertações e teses começam a florescer a partir das obras por ele publicadas.

Assim, entre seus próprios livros e aqueles inspirados por ele, Tolkien teve e continuará a ter um grande efeito sobre o imaginário de várias gerações. Apropriadamente os críticos têm comentado acerca dos diversos aspectos das obras desse autor inglês ao longo de quase oito décadas. Como leitora e estudiosa sobre Tolkien e sua obra, a autora deste trabalho escolheu o objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Cursos (TCC) em torno do escritor inglês, na perspectiva de contribuir nas discussões tolkenianas, em que pese a pouca experiência em pesquisa e algumas inseguranças acadêmicas.

Compreender a curiosidade que Tolkien provoca no leitor é fácil. O mundo secundário criado por ele tem dimensão geográfica e temporal, linguagens, escritas e alfabetos, assim como uma mitologia própria – ainda que alimentada por mitologias do mundo real –, enfim, elementos que lhe oferecem sentido em sua dimensão informacional. Um dos prazeres de ler Tolkien é descobrir as inúmeras referências à história e à literatura escondidas em seus livros. Aliás, o próprio escritor viu na criação de seu mundo uma justificativa para dar vida aos idiomas, aos lugares e às narrativas míticas inventadas.

No campo da Biblioteconomia, e precisamente no contexto da disciplina “Leitura e Competência Informacional” ou “Fontes de Informação”, a obra de Tolkien oferece muitas possibilidades de análise. Em *O Senhor dos Anéis*, por exemplo, nota-se a preocupação do escritor em fundamentar, através de documentos imaginados por ele, a história da Terra-média. Por outro lado, ele cria uma produção

¹ O termo “blockbuster” se refere a uma grande produção teatral ou de cinema. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/enpt/blockbuster>>

literária permeada de elementos científicos, como menção a tratados de plantas medicinais e etnografias de povos que só existem em seu mundo ficcional.

Como obras de grande alcance e apelo literário, é pertinente questionar como os livros *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* podem ser utilizados na promoção da leitura? Quais são as referências presentes nestas obras que remetem à intertextualidade, ou seja, a outros textos que inspiraram Tolkien em seu processo criativo? A hipótese que resulta deste problema emerge com base no que ensina Merege (2010) quanto à necessidade dos agentes mediadores da leitura possuir domínio dos livros utilizados em suas dinâmicas. Entende-se com isso que, mais do que conhecer a obra, é preciso também conhecer seu autor, tanto do ponto de vista biográfico quanto do processo criativo que resultou no livro escrito.

Outro aspecto que chama a atenção nos livros tomados como *corpus* de estudo, é a presença de seres e passagens históricas mencionados, também, no mundo real. Em verdade, isso não se trata de mera coincidência; pelo contrário, aponta para a bagagem cultural do escritor, que além do interesse pela literatura também se inclinava pelos estudos em linguística e história. Daí resulta a idéia de pensar *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* como fontes de informação sobre esses interesses, mas, situando-os no mundo imaginário do escritor.

Todas essas marcas típicas da literatura fantástica em Tolkien levam a pensar se os leitores de suas obras conseguem identificar elementos de outros textos literários, relacionados aos acontecimentos históricos registrados no *corpus* já citado. Esse objetivo levou ao delineamento de uma metodologia exploratória no ambiente virtual, especificamente nos chamados fóruns de discussão sobre Tolkien. A partir dessa estratégia de caráter qualitativo, buscou-se coletar evidências relacionadas às práticas de leitura dos participantes desses espaços virtuais de troca de informação. Preocupou-se, também, em conhecer os itinerários de leitura dos que são aficionados por Tolkien e seus livros, enfatizando a finalidade de suas leituras (informacional, de entretenimento ou de conhecimento).

Este trabalho também se apóia nas concepções de Roger Chartier (2001) sobre as práticas de leitura dos entrevistados, seus modos de ler, como eles aprenderam a ler, e as sociabilidades suscitadas por essas leituras. No campo da Biblioteconomia, por meio das colocações teóricas de Yves-François Le Coadic (2004), Lígia Dumont (1998) e Lena Pinheiro (2006), buscou-se construir uma noção de informação e de fontes. Já em Ezequiel Theodoro da Silva (1993), procurou-se

compreender o modo como a leitura de uma obra literária como a de Tolkien pode atuar como fonte de informação.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, foi da maior importância na construção do debate sobre o gênero literário no qual podem ser classificadas as obras que formam o *corpus* da pesquisa. Ela auxiliou, ainda, o conhecimento sobre a vida e a produção literária desse escritor inglês. Entre as fontes consultadas cabe destacar algumas cartas do autor, editadas pelo filho Christopher Tolkien. Os instrumentos da pesquisa, por sua vez, correspondem a fichas de apontamentos de fontes secundárias sobre o tema proposto, destacando os registros feitos sobre as principais sagas mitológicas européias que influenciaram Tolkien. O questionário também foi utilizado, em especial, na coleta de informações junto aos leitores que se relacionam virtualmente através de fóruns temáticos.

Uma vez apresentadas estas orientações iniciais, tem-se no capítulo seguinte uma síntese da vida de J.R.R. Tolkien, englobando os principais acontecimentos relacionados à biografia dele e que acabaram por moldar sua mentalidade. Posteriormente é apresentado o contexto em que os livros que constituem o *corpus* de estudo foram escritos, assim como o resumo de cada uma dessas obras.

Um capítulo específico é dedicado à discussão sobre o gênero literário em que as obras de Tolkien se enquadram, haja vista que este assunto ainda não gerou uma conclusão satisfatória entre os especialistas. Isso porque ela engloba características inerentes a várias categorias. Seguindo a esse capítulo, tem-se um apanhado explicativo sobre as principais obras literárias cujas influências serviram de pano de fundo à criação da Terra-média, ou seja, ao mundo imaginário de Tolkien, sobre o qual se movem os diferentes personagens e acontecimentos.

Finalmente, o capítulo mais longo do estudo é dedicado às considerações acerca da prática de leitura desenvolvida pelos leitores de Tolkien, bem como, a delimitação dos livros enquanto obras literárias e fontes de informação histórica e literária. Nele será exposto o produto da pesquisa de campo realizada entre usuários do fórum Valinor e com os estudiosos de Tolkien, entrecruzando os dados coletados com os estudos sobre informação e suas fontes. Desta forma, importa esclarecer que não se pretende analisar o *corpus* da pesquisa somente como literatura, e sim seu papel como fonte de leitura e informação.

2 PESQUISANDO OS LEITORES DE TOLKIEN

Pensar *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* na perspectiva da construção do hábito de ler, implicou adotar a postura de um leitor ficcional para aproximar-se do que os estudiosos de Tolkien pensam a respeito dessas obras épicas. Isso se revelou uma tarefa complicada, pois já havia lido e relido por mais de uma vez cada um desses livros, mas por mero entretenimento, sem, no entanto, aprofundar a visão em seus conteúdos e significados.

Para começar a entender as obras citadas pelo olhar de um estudioso, foi necessário pesquisar com acuidade trabalhos acadêmicos que tivessem Tolkien como objeto de estudo. A exemplo de Carvalho (2007), começou-se a pesquisar no Banco de Teses do site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mas nele existem poucos trabalhos a respeito de *O Senhor dos Anéis*. Então, a procura de informações foi voltada para a pesquisa em bases de dados internacionais, a partir das quais se obteve um resultado mais satisfatório. Nelas foram encontrados trabalhos e artigos, de forma que ainda se pôde entrar em contato com alguns dos autores. Estes foram apresentando à pesquisa novas possibilidades e ferramentas de consulta. Assim, percebeu-se que pesquisar sobre Tolkien é, paradoxalmente, fácil e difícil.

Fácil, porque a Internet disponibiliza muita informação. Difícil, porque o estudo se resume à Internet, pois, na maioria das vezes, não há um contato real com os sujeitos da pesquisa. Conhecer outras pessoas com saber consistente sobre as obras dele só é possível ao participar de comunidades virtuais, o que de certa forma impõe alguns limites à investigação, pois ainda nada supera o contato real com os sujeitos com os quais se quer trabalhar.

Ao elaborar o projeto de pesquisa, sabia de antemão que não poderia realizar entrevistas presenciais, pois a maior parte das pessoas que discute Tolkien só se encontra virtualmente, através de *e-mails*, fóruns ou páginas de relacionamento. Outro fator de dificuldade é que em Belém existem poucas pessoas que conhecem o autor a ponto de quererem se envolver em discussões aprofundadas.

Por outro lado, talvez essa facilidade em atingir o público-alvo da pesquisa, ou seja os tolkenianos, ainda que por meio da Internet, tenha a ver com o que Carvalho (2007, p. 42) frisa em sua tese sobre os jovens leitores de *O Senhor dos Anéis*, ao

falar sobre as possibilidades que o mundo virtual disponibiliza para o mundo da leitura.

[...] através do texto eletrônico que não precisa ser, necessariamente, um livro ou uma publicação oficial, mas que pode ser representado pelas mensagens de correio eletrônico, textos disponíveis em blogs, escritos alocados em comunidades do orkut e mesmo as discussões escritas e compartilhadas numa lista de discussões, o envolvimento entre os leitores que participam de uma comunidade de leitura, compartilham sentidos, códigos e normas ocorre de forma que podemos chamar *espontânea*, ou melhor, mais livre de regras sociais capazes de restringir a expressão destes sujeitos.

Fortuna (1997, p.128 *apud* CARVALHO, 2007, p. 42) afirma que isso acontece porque, na sociedade atual, os sujeitos atuam de acordo “com as suas competências identitárias que [...] não são mais estáveis e rígidas, mas se tornaram transitórias, plurais e auto-reflexivas” e “objeto de escolhas e de possibilidades individuais”. Talvez isso

[...] possibilite também que os jovens aventurem-se livremente por mundos muito diferentes entre si. Mas isto se deve, e muito, ao lugar que o mundo virtual ocupa na vida dos jovens (e das pessoas em geral), o que promove a aproximação de um indivíduo com diferentes grupos de pertencimento e não exige que seja adotado um padrão identitário específico de um único e determinado grupo. (CARVALHO, 2007, p. 42)

Nessa direção, no fórum Valinor, o usuário participa de discussões, recebe notícias, participa de jogos e aprendizados referentes a Tolkien e às suas obras. Cadastrada desde 2006, a realizadora deste estudo só se tornou participante ativa a partir de 2008, quando já estava mais familiarizada com as obras do autor e com os usuários do fórum.

Assim, optou-se por realizar uma única pesquisa no fórum, criando um tópico aberto destinado a todos os usuários que lêem esse autor. Todavia, surgiram duas questões: o tempo disponibilizado para a pesquisa não era suficiente (dado que no fórum podem existir 50 acessos em um único dia ou mesmo nenhum) e o tópico, por não se dirigir a alguém em particular, poderia não receber resposta alguma.

Percebendo que o tempo destinado as respostas no tópico não seria suficiente, foi realizado o contato com cada usuário no fórum, sendo enviado a eles um questionário. Ainda assim, o tópico aberto recebeu algumas respostas, mandadas diretamente às caixas de mensagem da pesquisadora.

Uma surpresa ocorreu quando outras pessoas se disponibilizaram a responder e a repassar o questionário a outros leitores de Tolkien, a exemplo do que fez a coordenadora do Grey Book², que informou sobre seus alunos e estudos abordando Tolkien. Apesar de ter permitido que ela repassasse o questionário, infelizmente as respostas não chegaram em tempo hábil.

Outros interessados foram alguns autores de trabalhos acadêmicos sobre Tolkien, com os quais se pôde manter contato, são eles: André Luiz Pereira, Larissa Carvalho, Livy Coelho e Renata Pinheiro. Com o aparecimento de outros sujeitos de pesquisa, percebeu-se que poderia avançar um pouco mais na investigação. Assim, decidiu-se entrar em contato com os autores do Tolkien Studies³, os quais estudam e publicam artigos sobre os mais variados aspectos da obra desse escritor.

Então foi preciso localizar os e-mails de contato dos participantes do Tolkien Studies na Internet, especialmente a partir dos artigos que publicam, o que se revelou uma busca difícil, pois a visualização total dos artigos só poderia ser feita a partir de um computador que acesse o banco de dados internacional que indexa o periódico. Nesse caso, o Project Muse⁴ só pôde ser acessado a partir da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Em que pese o esforço não foram encontrados os e-mails de todos os autores; então foram contatados os seguintes: Verlyn Flieger, Brian Rosebury, Robin Anne Reid e Thomas Honeger. Este último, aliás, entrou em contato, porém informou não dispor de tempo para responder o questionário. Membros brasileiros da Elvish Linguistic Fellowship⁵ também se interessaram, mas somente Rodrigo Jaroszewski respondeu no tempo devido.

Através de Larissa Carvalho – uma leitora fã de Tolkien chamada Luana – se interessou e também respondeu ao questionário. Do fórum Valinor, foram recebidos 20 questionários. Algumas pessoas de uma comunidade chamada Dúvendor também se interessaram, mas, novamente, o tempo disponível não foi suficiente.

² *The Grey Book* é um jornal online que publica exclusivamente trabalhos acadêmicos de estudantes sobre Tolkien. Para saber mais, acesse: <<http://www.unm.edu/~tolkien/Greybook/staff.html>>.

³ *Tolkien Studies: An Annual Scholarly Review* é um jornal acadêmico que publica trabalhos sobre as obras de Tolkien. Afirma-se que é a primeira publicação acadêmica publicada por uma editora acadêmica na área de pesquisa sobre o autor. Para saber mais, acesse: <<http://www.tolkien-studies.com/>>

⁴ É uma base de dados internacional.

⁵ *The Elvish Linguistic Fellowship* (E.L.F.) é uma organização internacional devotada exclusivamente ao estudo acadêmico das línguas criadas por Tolkien. Para saber mais, acesse: <<http://www.elvish.org/>>

Assim, vinte e nove sujeitos da pesquisa deram retorno dos questionários: 16 homens e 13 mulheres.

Após as apresentações, algumas questões começaram a ser delineadas. O primeiro roteiro do questionário excluía perguntas sobre os itinerários de leitura dos fãs, sobretudo em função do tempo pré-planejado para a pesquisa. No entanto, conhecendo de antemão alguns históricos devido à participação no fórum, decidiu-se por questioná-los sobre suas primeiras leituras e incentivos nessa prática.

Antes de abordar a questão central, ou seja, a leitura das obras de Tolkien, as perguntas sobre as trajetórias se revelaram cruciais, já que muitos adquiriram o hábito de ler mais frequentemente depois de conhecer Tolkien. Ao longo das conversas virtuais, novos questionamentos surgiram das próprias respostas dos entrevistados, todos relacionados à leitura das obras deste escritor.

Essas questões foram reformuladas e adicionadas na versão final do questionário. Assim, o questionário final contava com 26 questões divididas nas seguintes categorias:

- ✚ seis primeiras perguntas, sobre questões pessoais e suas práticas de leituras iniciais;
- ✚ quinze perguntas seguintes, sobre a leitura de Tolkien;
- ✚ cinco últimas perguntas, sobre Tolkien como fonte de informação.

Desse modo, o questionário foi aplicado durante o mês de dezembro de 2010, tanto por meio do fórum quanto dos e-mails dos entrevistados. Após receber de volta os questionários, eles foram reunidos e lidos, destacando as falas que considerava importantes, sistematizando-as, dividindo as respostas por eixos temáticos, os quais abrangiam seus antecedentes e práticas de leitura iniciais até o momento em que conheceram os livros de Tolkien. Percebe-se que, mesmo partilhando de gostos comuns, suas histórias de vida são diferentes.

Pôde-se perceber que, apesar de suas histórias de vida serem diferentes, além do gosto em comum por Tolkien, as vivências literárias assemelhavam-se em certos aspectos. Dentre os entrevistados, alguns foram incentivados a ler pelos pais;

outros, por amigos. A obra *Harry Potter* e o RPG⁶ foram algumas das influências à leitura de Tolkien.

Importa relatar que os entrevistados não frequentam os mesmos grupos e não circulam juntos nos mesmos ambientes virtuais; ademais, eles possuem identidades que se adaptam às condições sociais dos grupos aos quais pertencem. Suas identidades são frutos de suas relações sociais, crenças, preferências e escolhas próprias. Os entrevistados pertencem a culturas variadas e optam por práticas que lhes agradam conforme seus interesses e condições socioeconômicas.

No entanto, em comum, os sujeitos entrevistados possuem o gosto pela leitura de Tolkien, que os uniu e os faz partilhar de experiências e sociabilidades semelhantes, demonstrando a influência de Tolkien na cultura popular por meio de suas obras, conhecidas pelo grande público em função da indústria do cinema. A estratégia de contato com os sujeitos que lêem as obras deste escritor resultou na caracterização desses leitores, conforme se apresenta no quadro abaixo. Por meio delas, evidenciam-se as peculiaridades de cada um deles cujo interesse de leitura converge para as obras de J.R. Tolkien.

Quadro 1 – Leitores de Tolkien

Caracterização dos leitores contatados a partir de fóruns sobre Tolkien e e-mails				
Nome	André Luiz Pereira	Brian Rosebury	Caio Graco	Carlos Marcelo
Idade	25 anos	58 anos	15 anos	20 anos
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Residência	Araraquara – São Paulo	Preston - Inglaterra	Machado – Minas Gerais	São Paulo
Escolaridade	Letras – UNESP		Ensino médio	Arquitetura e Urbanismo
Atividade	Estudos literários - UNESP	University lecturer – University of Central Lancashire, Inglaterra	Estudante	-
Grupos em que participa	-	-	Valinor	Valinor
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	<i>Beowulf;</i> <i>Anel dos Nibelungos</i>	Sim	Mitologia européia e nórdica	<i>Eddas;</i> mitologias nórdica, grega e cristã
Nome	Cassiano Dalberto	Claúdio das Alagoas	Edson de Lima	Fernando Consentino
Idade	24 anos	20 anos	28 anos	26 anos

⁶ O RPG é um jogo de interpretação diferente da maioria dos outros jogos. Para jogar, precisa-se criar um personagem e histórias em grupo. Para saber mais, ver: LONG, Steven S. *et al.* **O Senhor dos Anéis – RPG**: Livro básico. São Paulo: Devir, 2002. p.4.

Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Residência	Marechal Cândido Rondon – PR	Maceió – AL	Piracicaba – SP	Florianópolis – SC
Escolaridade	Administração	Letras	História	-
Atividade realizada	Cursando Economia	-	Professor	Engenheiro eletricista, músico, compositor
Grupos em que participa	Valinor	Valinor	Valinor	Valinor
Leitores contatados a partir de fóruns sobre Tolkien e e-mails (Cont.)				
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	Mitologia nórdica; <i>Anel dos Nibelungos</i>	Mitologias nórdica, grega e cristã	Mitologias germânica e judaico-cristã; <i>Beowulf</i>	Mitologia celta; lenda de Atlântida
Nome	Gabriela	“Indily”	José Medeiros	Juliano Abilio
Idade	15 anos	30 anos	33 anos	29 anos
Sexo	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
Residência	São José do Rio Pardo – SP	-	Duque de Caxias – Rio de Janeiro	Penha – SC
Escolaridade	Ensino médio	Administração e Direito (Bacharelado)	-	-
Atividade	Estudante	Assessoria e consultoria administrativa e jurídica	Técnico mecânico	Sócio em um cyber café, barista e operador de caldeira
Grupos em que participa	Valinor	Valinor	Valinor	Valinor
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	Mitologia nórdica	Bíblia	Mitologias nórdica e celta	Sim
Nome	Larissa	Livy Real	Luana	Luccas Leccioli
Idade	29 anos	25 anos	29 anos	20 anos
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
Residência	Rio Grande - RS	São Paulo	Pelotas - RS	São Paulo – SP
Escolaridade	História (Bacharelado) - UFRS	Letras	Biologia	Física
Atividade	Professora substituta - FURG; Educação (Doutorado) - UFRS	Lingüista; Lingüística (Doutorado) - EFPR	Biotecnologia (Doutorado)	Estudante
Grupos em que participa	Conselho Branco (somente inscrita)	-	-	Valinor
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	Mitologia celta; <i>Beowulf</i> ; <i>Anel dos Nibelungos</i>	Sim	Mitologias nórdica e grega	Mitologia cristã
Nome	Marcos	Mônica	“Nessa Ancalímon”	Patrícia Cortezzi
Idade	37 anos	25 anos	23 anos	24 anos

Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Residência	Paraisópolis - SP	Osasco - SP		Niterói – RJ
Escolaridade	-	Letras - Universidade Presbiteriana Mackenzie	-	Medicina – UFF
Atividade	Técnico administrativo	Professora de inglês	Vendedora	Estudante
Grupos em que participa	Valinor	Valinor	Valinor	Valinor
Leitores contatados a partir de fóruns sobre Tolkien e e-mails (Cont.)				
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	Mitologia nórdica; <i>Anel dos Nibelungos</i>	<i>Beowulf</i> , lenda da Távola Redonda; <i>Bíblia</i>	Mitologia nórdica	Sim
Nome	Paulo Henrique	Renata Pinheiro	Renatinha	Robin Anne Reid
Idade	21 anos	41 anos	20 anos	55 anos
Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Residência	Curitiba - PR	Pelotas - RS	São José do Rio Preto - SP	-
Escolaridade	Engenharia mecânica	Linguística Aplicada (Mestrado)	Educação Física (Licenciatura)	PhD - Universidade de Washington
Atividade	Estudante	Professora de inglês; Texto, Discurso e Relações Sociais (Doutorado) – Ucpel		Professora de Literatura e Linguagens
Grupos e, que participa	Valinor	-	Valinor	-
Identifica elementos de outras obras nos livros deTolkien?	Mitologias nórdica, finlandesa e judaico-cristã	Mitologias nórdica e celta; <i>Kalevala</i> ; <i>Rei Lear</i>	Não	-
Nome	Rodrigo Jaroszewski	Verlyn Flieger	“Sauron”	Anônimo 1
Idade	26 anos			20 anos
Sexo	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Residência	Porto Alegre - RS	Silver Spring - Maryland	Viçosa - MG	Belo Horizonte – MG
Escolaridade	Tecnologia de Processos Gerenciais	-	Ensino médio	Engenharia elétrica
Atividade	Função administrativa	Professora de inglês – Universidade de Maryland	Estudante	Estudante
Grupos em que participa	-	The Annual Tolkien Symposium	Valinor	Valinor
Identifica elementos de outras obras nos livros deTolkien?	Mitologia nórdica e judaico-cristã; <i>Kalevala</i> ; <i>Ilíada</i> ; lenda de Atlântida	Mitologia da Islândia e anglo- saxônica	Mitologia nórdica; <i>Beowulf</i>	Mitologia cristã

Nome	Anônimo 2
Idade	25 anos
Sexo	Feminino
Residência	-
Escolaridade	Letras
Atividade	Técnica em informática
Grupos em que participa	Valinor
Identifica elementos de outras obras nos livros de Tolkien?	Não

Por fim, compreendidos esses detalhes que alimentaram os bastidores da pesquisa, a parte seguinte adentra na análise das informações coletadas juntos aos leitores arrolados no quadro acima.

3 A VIDA DE J.R.R. TOLKIEN

John Ronald Reuel Tolkien, ou simplesmente J.R.R. Tolkien, nasceu em 03 de janeiro de 1892, na cidade de Bloenfontein (África do Sul), filho primogênito de Arthur Tolkien e Mabel Suffield. Criado em um ambiente perigoso para uma criança, devido ao clima, enquanto a mãe lutava para se adaptar, o pai vivia entrincheirado no trabalho no banco. Ele teve um irmão: Hilary Tolkien nasce em 17 de fevereiro de 1894 e era uma criança saudável, enquanto Ronald vivia doente devido às variações climáticas.

A mãe de Tolkien ansiava por mudança de ares, então o casal decidiu que ela e as crianças iriam para a Inglaterra passar o verão sul-africano enquanto Arthur continuava trabalhando. Em abril de 1895, ela e os meninos embarcam. Alguns meses depois, Arthur escreve a Mabel para avisar de sua doença: febre reumática. Com a chegada do verão em Bloemfontein, a doença degenerou-o rápido. Então Mabel decide voltar para a África do Sul.

White (2002) afirma que a viagem de retorno foi angustiante, pois no dia 15 de fevereiro de 1896 chega a notícia de que Arthur morrera após uma séria hemorragia. Mabel viajava apenas para descobrir onde o marido havia sido enterrado. Esse momento da vida do jovem Tolkien é marcado não apenas pela morte precoce do pai, mas também, pela mudança drástica de ares, quando a selva de Bloemfontein é substituída pela industrial Birmingham.

No mesmo ano, Mabel e os meninos se mudam para Sorehole, hoje um subúrbio de Birmingham. Foi uma época de relativa tranquilidade para todos. Mabel se encarregou da educação preliminar dos filhos, ensinando ao mais velho, francês, latim e música. Quanto a esta última, quem mais demonstrou aptidão foi Hilary. Para Tolkien, a vida em Sorehole foi uma época de descobertas de livros, sobretudo estimulado pela mãe.

Em 1899, Tolkien fizera a prova de admissão para a King Edward's⁷, uma prestigiosa escola inglesa. Aceito na segunda tentativa, em 1900 ele e a família puderam voltar para Birmingham, devido aos custos de transporte para a escola. Um ano antes, Mabel se convertera ao catolicismo, o que foi mais um ponto para a

⁷ A King Edward's School, em Birmingham, foi fundada em 1552 pelo rei Edward VI. Disponível em: <<http://kes.interaweb.com/past-present-and-future.html>>

mudança. No entanto, sua conversão trouxe como consequência o desprezo de seu pai, cunhado e sogra, antipapistas declarados.

Segundo White (2002), devido às impropriedades da antiga casa, Mabel se muda novamente, mas a estabilidade que buscava só apareceu em janeiro de 1902, quando se estabelece em Oliver Road e seus filhos se matriculam na St. Philip's Grammar School⁸. A família passa a ter contato com o padre Francis Xavier Morgan, que logo se torna amigo íntimo. Mesmo enfrentando contínuas dificuldades financeiras, Mabel e os filhos encontram apoio na figura do padre.

Como a St. Philip's não oferecia as condições que Mabel queria para os filhos, retira-os da escola e volta a ensiná-los em casa. Em 1903, Tolkien é aceito de volta na King Edward's através de bolsa de estudos. Nessa época ele desenvolve seu interesse por línguas, estudando os idiomas do currículo padrão (francês e alemão), grego e inglês medieval⁹. Durante esse tempo, Mabel é diagnosticada com diabetes.

Em 1904 não existia tratamento para a doença de Mabel e desconhecia-se o papel da insulina, então a família passou por novas provações. A casa em Oliver Road foi entregue e os irmãos foram separados para serem cuidados por parentes diferentes, enquanto a mãe estava no hospital. Novamente Tolkien é forçado a deixar a King Edward's, mas continua equiparando seus estudos.

A doença progredia, mas a mudança para uma nova casa na aldeia de Rednal, no campo de Worcestershire, trouxe uma relativa tranquilidade e foi uma boa época para Tolkien, da qual ele sempre se lembraria, pois deve ter sido fonte de inspiração para o idílico Condado. A intimidade contínua com o padre Francis foi um pequeno alívio para Mabel, que sofreu um colapso na frente dos filhos e faleceu em 20 de novembro de 1904.

White (2002) afirma que a morte precoce da mãe afetou o filho mais velho de várias maneiras, que culpou a família pela doença desencadeada devido à reação negativa a adesão de Mabel ao catolicismo. Foi orientado por essa crença que muitas vezes conduziu sua vida e carreira. Apesar do padre Francis ser o guardião

⁸ A St. Philip's RC Grammar School, também em Birmingham, foi uma escola de gramática católica romana para meninos. A escola foi fundada por dois padres do Oratório de Birmingham, em 1887 (não confundir com a escola do Oratório). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/St._Philip's_School>

⁹ Inglês medieval ou inglês médio se caracteriza pela fase compreendida entre o início do século XII até o fim do século XV. Nela, temos o reinado da Dinastia Tudor, quando o inglês perdeu muitas de suas flexões nominais e verbais, e muitas palavras francesas incorporaram-se ao léxico. Disponível em: <<http://www.tlumaczenia-angielski.info/linguistics/middle-english.htm>>

nomeado pela mãe, os meninos precisaram de uma casa. É quando se mudam para a casa da tia Beatrice, em Stirling, e o relacionamento com o padre se estreita.

Tolkien continua a se dedicar aos estudos. O professor George Brewerton, um entusiasta da literatura medieval, que antes o havia apresentado ao inglês medieval, agora faz com que o aluno conheça o anglo-saxão e o clássico *Beowulf*. Apesar disso, a vida era infeliz em Stirling. O padre Francis descobre uma alternativa e, em fevereiro de 1908, os irmãos se mudam para uma casa em Duchess Road, dos Faulkner.

Foi nessa casa que Tolkien conheceu Edith Brah, três anos mais velha que ele. Apesar de ter sido criada em um ambiente mais confortável que os irmãos Tolkien, ela tinha algo em comum com eles e logo travou-se uma amizade entre Edith e o menino mais velho. Já no verão de 1909 começam a se apaixonar. Os encontros clandestinos são proibidos quando o padre Francis intervém com a justificativa de que Tolkien precisa estudar com afinco para os exames de admissão em Oxbridge¹⁰. A proibição duraria até sua maioridade.

White (2002) coloca que, apesar disso, no final do verão de 1909, ele presta as provas mas não ganha a bolsa para a Universidade de Oxford. No ano seguinte, novamente os irmãos se mudam e Tolkien, às escondidas, quebra a promessa feita ao padre e se encontra com Edith para se despedir. Ao ser descoberto, fica terminantemente proibida a comunicação entre eles por qualquer meio até seus 21 anos.

Após a partida de Edith para Cheltenham, Tolkien mergulha nos estudos e se distingue. Ele funda com outros colegas brilhantes o Clube do Chá, Sociedade Barroviana ou TCCSB¹¹, onde liam trechos de *Beowulf* e *Sir Gawain and the Green Knight*, além de discutirem sobre línguas antigas e mitologia. Em dezembro de 1910, Tolkien presta novo exame e é admitido na Exeter College¹² com uma Open Classical Exhibition¹³.

¹⁰ Oxbridge é o nome composto dado a junção das Universidades de Oxford e Cambridge, geralmente usado com implicações de status social. Pode denominar uma ou as duas universidades ou seus estudantes. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Oxbridge>>

¹¹ Clube do Chá (Tea Club), Sociedade Barroviana (Barrovian Society) ou TCBS. Primeiramente denominado Clube do Chá, o grupo consistia de quatro rapazes que haviam recebido o título de Bibliotecário, um grupo de alunos-monitores. Faziam parte do grupo Christopher Wiseman, Robert Gilson, Geoffrey Bache Smith e Tolkien (WHITE, 2002, p. 51).

¹² Uma das faculdades da Universidade de Oxford.

¹³ Uma Open Classical Exhibition era uma bolsa de estudos parcial para o Exeter College. (WHITE, 2002, p. 52).

Tolkien teve como professor o autodidata Joe Wright¹⁴, que logo viu e estimulou o interesse do aluno pelo estudo de línguas. A essa altura, Tolkien já conhecia o latim, o grego, o finlandês e o nórdico. Adentrando seu segundo ano universitário, ele completa a maioria e escreve para Edith reafirmando seu compromisso. Ela responde informando que estava noiva de outro. Eles decidem se encontrar e resolvem a questão.

O primeiro exame público na universidade se aproximava e Tolkien precisou se concentrar nos estudos para obter o grau de bacharel em Letras Clássicas. Obteve uma Segunda Classe¹⁵ total, mas a nota máxima na matéria Filologia Comparativa (de Wright) fez com que os fellows¹⁶ recomendassem a mudança de curso de Letras Clássicas para Língua e Literatura Inglesas.

Segundo White (2002), a sugestão foi acatada. Entrementes, o noivado com Edith precisava ser comunicado a todos e ela precisava se converter ao catolicismo. Em 1913, ele ganhou o Prêmio Skeat de Inglês¹⁷ concedido pelo Exeter College. No ano seguinte, Edith é recebida na Igreja Católica Romana e o noivado é oficializado. Em outubro do ano seguinte, Tolkien retorna a universidade.

Há poucos meses, a Inglaterra havia declarado guerra à Alemanha, e a Europa mergulhava na preparação para um novo conflito mundial. Inicia a Primeira Guerra Mundial. Tolkien odeia o serviço militar, mas começa a preparação no Corpo de Treinamento e Formação de Oficiais. Oxford é muito afetada pela guerra e a cidade vazia permite que ele se dedique aos estudos. Em junho de 1915, Tolkien presta seu exame final de Língua e Literatura Inglesas e obtém uma Primeira Classe¹⁸.

Devido ao seu compromisso com o Corpo de Formação, assume o posto de segundo-tenente nos Fuzileiros de Lancashire, o mesmo de um velho amigo do TCCSB, G.B. Smith. É durante essa época de treinamento que surgem as primeiras

¹⁴ Joe Wright foi um estudioso de línguas autodidata. Conhecedor do francês, latim, russo, nórdico, saxão e do inglês antigo, montou casa em Oxford após seu doutorado em Heidelberg. Em Oxford, foi nomeado para o cargo de Vice-Professor de Filologia Comparativa. Em 1892, ano de nascimento de Tolkien, Wright escreveu *A Primer of the Gothic Language*. Joe Wright não tinha nada do estereótipo de um don (catedrático, diretor ou professor titular de um college) de Oxford (WHITE, 2002, p. 56).

¹⁵ Primeira Classe, Segunda Classe e Terceira Classe são as classes em que se dividem os graus acadêmicos conseguidos nas universidades inglesas. Disponível em: <http://www.worldlingo.com/ma/enwiki/pt/Education_in_the_United_Kingdom>

¹⁶ Fellow era o membro do conselho da universidade. No Exeter College, os fellows eram chefiados pelo Reitor da universidade, Dr. Farnell (WHITE, 2002, p. 59).

¹⁷ O Prêmio Skeat de Inglês faz referência ao filólogo inglês Walter William Skeat (1835-1912), cuja obra principal é *Etymological English Dictionary*.

¹⁸ Ver nota 9.

sementes d'O *Silmarillion*. Como as condições no momento não eram favoráveis devido à guerra e com medo de ser convocado antes do tempo, Tolkien e Edith se casam em 22 de março de 1916.

Em quatro de junho, ele é convocado. Alguns dias depois começa a Batalha do Somme, na região da Picardia (norte da França), na qual outro membro do TCCSB, Rob Gilson, estava entre os 19 mil mortos no primeiro dia. Em 14 de julho de 1916, Tolkien é mandado para ação no front, mas em novembro volta para Birmigham com a febre das trincheiras¹⁹. Durante esse intervalo, soube da morte de Smith. Agora, só restavam Christopher Wiseman e ele de seu antigo grupo, TCCSB.

Nessa fase, a vida se dividia entre voltar ao acampamento, cair doente e se curar. Edith, grávida, em 1917 sai de Hornsea e dá a luz em Cheltenham. O primeiro filho do casal, John Francis Reuel, nasce em 16 de novembro desse ano. O fim da guerra se aproxima quando os Estados Unidos se envolvem diretamente. As constantes mudanças decorrentes do alistamento desgostam Edith, mas em 11 de novembro de 1918 a Alemanha assina sua rendição. É então que Tolkien escreve a seu comandante pedindo um posto em Oxford.

Segundo White (2002), antes de seu encontro final com os membros restantes do TCCSB, ele já havia escrito seu mais antigo trabalho conhecido: *The Voyage of Eärendel the Evening Star*²⁰. Durante e até o fim de 1914 e início de 1915, ele continua escrevendo, expandindo o tema que teve como base o conjunto de poemas religiosos anglo-saxônicos *Christ of Cynewulf*²¹. As tentativas de ampliar seu poema criado somaram-se ao trabalho já há muito iniciado de criar línguas.

Na primavera de 1915, quando trabalhava para os exames finais em Oxford, Tolkien inicia a *Lay of Earendil*²², que lhe encaminhou para a escrita e o

¹⁹ Febre das trincheiras era o nome dado a um conjunto de graves sintomas de febre, uma infecção bacteriana batizada de piroxia pelos médicos de campanha, propagada por piolhos (WHITE, 2002, p. 82).

²⁰ É nesse trabalho que Tolkien menciona pela primeira vez o marinheiro Earendel e a Westerland, que se tornou n'O *Silmarillion* a terra dos imortais no Oeste. A partir desse trabalho, Tolkien começou a expandir o tema a partir desse texto e a mitologia da Terra-média. Para saber mais, ver: WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p.102.

²¹ *Christ of Cynewulf* é um poema do poeta anglo-saxão Cynewulf, uma importante figura da poesia cristã em inglês-antigo. O poema narra uma história que aparece nas antigas Crônicas anglo-saxãs. É um registro analítico da época do domínio dos anglo-saxões na Inglaterra, indo desde a chegada dos saxões (na verdade há verbetes ainda mais antigos) até o ano de 1154. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Cynewulf>>

²² *Lay of Earendil - The song of the Mariner* fala da viagem de Earendil em seu navio Vingilot em busca dos Valar. Sua esposa Elwing lhe traz uma das Silmarils, e através de seu poder, o marinheiro consegue aportar na costa de Aman e apelar por um fim à guerra contra Morgoth. Para saber mais, ver. TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p.316.

desenvolvimento d'O *Silmarillion*. Em um caderno de exercícios escolares que intitulou como "O Livro dos Contos Perdidos", Tolkien começou a escrever poemas, trechos e fragmentos de sua mitologia, e o primeiro texto que se tornou um dos últimos episódios d'O *Silmarillion* foi *A Queda de Gondolin*. As lições tiradas da guerra também estão presentes na *Lay of Beren and Lúthien*²³.

O fim da guerra trouxe alívio para Tolkien e sua família. Em novembro de 1918, ele conseguiu um emprego como filólogo para *The New English Dictionary*, em Oxford. As aulas particulares em casa proveram um complemento à renda familiar. Foi um bom período, pois ele pôde melhorar sua qualidade de vida e descobriu que era um bom professor, que durou o ano de 1919.

No verão de 1920, Tolkien se candidata ao cargo de professor leitor²⁴ de Língua Inglesa da Universidade de Leeds e consegue a vaga. Negando-se a mudar de casa novamente, ele e Edith permanecem em Oxford até o nascimento do filho Michael, em outubro, quando se estabelecem em Leeds. Tolkien encontra um amigo no chefe do departamento de Inglês, George Gordon. Em 1922, Eric Gordon, seu ex-aluno, assume a nomeação de professor *lecture*²⁵ assistente no mesmo departamento.

White (2002) afirma que eles começam a colaborar com publicações e divulgam uma nova edição do poema *Sir Gawain and the Green Knight*, em 1925. O terceiro filho nasce e Tolkien é nomeado Professor de Língua Inglesa na Universidade de Leeds. Mas a grande conquista chega em outubro, quando é nomeado Professor Titular da Cátedra Rawlinson e Bosworth²⁶ de anglo-saxão da Universidade de Oxford.

Nesse cargo, sugeriu uma mudança curricular que só foi implementada seis anos depois. Ele continuou corrigindo provas para o Diploma Escolar. Em 1929, nasce a única filha, Priscila. Tolkien, como um pai afetuoso e para diversão das crianças, escrevia cartas para os filhos todo ano como se fosse Papai Noel. Preservadas pela família, em 1976 as cartas foram publicadas como *Letters from*

²³ A história de Beren e Lúthien é a maior história de amor da Terra-média. Contém insinuações a Tristão e Isolda e a Romeu e Julieta. Para saber mais, ver: WHITE, Michael. **Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p.107.

²⁴ Em inglês, "reader", nomeação dada nas universidades britânicas ao professor universitário de língua e literatura, em particular no nível abaixo do professor titular (WHITE, 2002).

²⁵ É um nível acadêmico concedido aos professores dos colleges e universidades classificados abaixo de professor-assistente (WHITE, 2002, p.116).

²⁶ Era a Cátedra de anglo-saxão em Oxford.

Father Christmas. As obras *Tom Bombadil* e *Roverandom* também surgiram nesse período criativo da vida de Tolkien.

Tolkien e Lewis se conheceram em 11 de maio de 1926, enquanto o primeiro era professor de anglo-saxão e o outro, de língua e literatura inglesas no Magdalen College²⁷. O vínculo do relacionamento dos dois foi a literatura e Tolkien convida Lewis para ingressar no seu grupo de leitura de islandês, o Coalbiters²⁸ até 1933, quando ingressam no Inklings²⁹. O grupo se reunia em vários pubs e seus membros estavam envolvidos em diversas atividades literárias.

Os dois foram íntimos talvez por quase 20 anos, ambos influenciando-se mutuamente. Tolkien converteu Lewis ao cristianismo, enquanto Lewis opinava sobre os escritos de Tolkien, assim como os outros membros do Inklings, que conheceram partes d'*O Senhor dos Anéis* e de *As Crônicas de Nárnia*³⁰. O grupo continuou se encontrando até talvez 1964, quando as reuniões deixaram de ser frequentes.

Segundo o biógrafo White (2002), na década de 1960, Tolkien era multimilionário. No entanto, a morte de sua mulher Edith, em 29 de novembro de 1971, o mergulhou em luto profundo. Instala-se em um apartamento, propriedade da Merton College, e é homenageado pela comunidade acadêmica e pelo mundo da literatura. Com saúde debilitada, John Ronald Reuel Tolkien falece em 02 de setembro de 1973, aos 81 anos.

²⁷ Faculdade (college) que faz parte da Universidade de Oxford.

²⁸ Coalbiters foi um grupo formado por Tolkien e seus amigos intelectuais com o objetivo de discutir mitos e línguas da Islândia antiga. Além de Tolkien, faziam parte do grupo Hugo Dyson, Neville Coghill, George Gordon, C.S. Lewis e outros. Disponível em: <<http://www.tolkien-online.com/coalbiters.html>>.

²⁹ O grupo Inklings foi o mais importante grupo de discussão literária do qual Tolkien fez parte. Seus membros, antes participantes do Coalbiters, discutiam sobre os mesmos assuntos abordados por este. O grupo era informal e para fazer parte dele, bastava que um membro convidasse. Disponível em: <<http://www.tolkien-online.com/coalbiters.html>>.

³⁰ *As Crônicas de Nárnia* é uma série de sete livros de romance para o público infantil, escrita pelo autor irlandês Clive Staples Lewis.

4 ESCRREVENDO O HOBBIT, O SENHOR DOS ANÉIS E O SILMARILLION

Tolkien, ao estudar línguas antigas, começa a apreciar o conceito de mito³¹ em direção ao entendimento de sua função como documento da cultura. Segundo White (2002), o desejo de produzir uma mitologia para a Inglaterra está na essência da criação da Terra-média. Do seu estudo de línguas antigas e das culturas onde estavam inseridas, Tolkien percebeu que a Inglaterra não tinha um conjunto de lendas escritas que pudesse classificar como “patriótico”, ou seja, que formasse uma mitologia (ao contrário da Islândia, da Escandinávia ou da Europa Central).

Tolkien não se interessava por Shakespeare, considerado por uns como um registro de mitos e lendas, ou Chaucer. A fascinação pela língua não foi, porém, o único fator motivador para a criação dessa mitologia. Segundo White (2002, p. 91), ele precisava de “[...] uma imaginação que moldasse a língua e movimentasse as personagens pelo reino ficcional que concebera [...]”.

O autor também afirma que o fato de Tolkien ver a morte de perto, qual seja a dos seus grandes amigos na guerra ou a da mãe (uma grande incentivadora de seu aprendizado por línguas) afetaram-no de tal maneira, que é como se ele quisesse perpetuar tais presenças através da continuidade de seu aprendizado.

4.1 O HOBBIT, O SENHOR DOS ANÉIS E O SILMARILLION

Diz Tolkien em sua obra: “Numa toca no chão vivia um hobbit” (CARPENTER, 2006, p. 207). *O Hobbit* começou com um lampejo, enquanto Tolkien corrigia provas. Seu primeiro manuscrito foi lido por sua ex-aluna Elaine Griffiths, que trabalhava em 1936 para a editora George Allen & Unwin. Sua amiga e assistente editorial do mesmo local, Susan Dagnall, pediu e Tolkien emprestou os escritos.

A edição revisada e completa de *O Hobbit* foi enviada para Susan. O presidente da editora, Stanley Unwin, quis avaliar a reação de alguém da idade para a qual o livro havia sido escrito e pede a seu filho Rayner que o leia. O menino gosta

³¹ Mito é não tem o mesmo significado de lenda e fábula; mito é a narrativa de uma criação, é uma representação coletiva, transmitida por gerações e que relata uma explicação do mundo. Para saber mais, ver: BRANDÃO, Junito. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. 418 p. (vol.1)

e recomenda a publicação. Eles contatam Tolkien e informam que gostariam de publicar o livro.

Tolkien entrega a Susan uma série de mapas que acompanhavam o manuscrito, os quais os editores julgaram serem adequados para incluir na publicação. No entanto, o autor, tinha ideias grandiosas demais. As ilustrações feitas por ele também foram consideradas adequadas para fazer parte do livro. Com as provas prontas em fevereiro, Tolkien ainda aperfeiçoava detalhes.

A obsessão de Tolkien por perfeição exasperou os editores e só em 1937 as provas do livro estavam prontas. Começaram as discussões em torno da data da publicação, e após certas questões o livro é publicado em setembro de 1937. Uma editora americana se interessa e no início de 1938 a edição americana é recebida com entusiasmo.

O relativo sucesso d'*O Hobbit* tornou o autor conhecido, mas não o enriqueceu. Os filhos estavam fora e ele passava por algumas dificuldades pessoais, pois a II Guerra se aproximava. Interessados queriam uma continuação d'*O Hobbit*, então em 15 de dezembro de 37, Tolkien e Stanley se reúnem para discutir planos futuros.

Tolkien estava abarrotado de ideias. Tinha nas mãos as cartas de Papai Noel, uma versão em prosa d'*O Silmarillion (Quenta Silmarillion)* e outros textos. Na visão de Stanley Unwin, as cartas não podiam ser publicadas como continuação d'*O Hobbit*, mas serem impressas com ilustrações coloridas, o que seria um risco financeiro.

White (2002) afirma que o editor deve ter considerado a versão inacabada d'*O Silmarillion* uma oferta mais confusa ainda. No entanto, ele leva os manuscritos para ler. Em dezembro, Tolkien inicia a escrita d'*O Senhor dos Anéis*. Vários problemas fizeram o livro ser escrito em 12 anos, passando por períodos de atrasos e decisões. Tolkien, em uma carta de 1937 para Stanley Unwin, afirma que

Minha principal alegria vem por saber que o *Silmarillion* não é rejeitado com desdém. Tenho sofrido de um sentimento de medo e privação, bastante ridículo, desdém que liberei essa tolice amada e particular; e creio que se ela tivesse parecido uma tolice ao senhor eu me sentiria realmente arrasado.[...] / Acredito estar claro que, fora isso, uma continuação ou sucessor para *O Hobbit* é exigido. Prometo dar atenção a essa questão. Mas tenho certeza de que tenho a simpatia do senhor quando digo que a construção de uma mitologia (e dois idiomas) elaborada e consistente ocupa por demais a mente, e as *Silmarils* estão no meu coração[...] (CARPENTER, 2006, p. 31)

No outono de 1938, a nova ficção passa a se chamar *O Senhor dos Anéis*. No ano seguinte, a declaração de guerra à Alemanha trouxe novas mudanças. Mesmo antes, uma editora alemã solicitava os direitos de publicar *O Hobbit* e perguntava sobre sua (ausente ou presente) descendência ariana. Tolkien odiava Hitler e respondeu adequadamente:

[...] Lamento informar que não me ficou claro o que os senhores querem dizer com arisch. Não sou de origem ariana: tal palavra implica indo-iraniana; que eu saiba, nenhum dos meus antepassados falava flindustani, persa, romani ou qualquer dialeto relacionado. Mas se devo deduzir que os senhores estão me perguntando se eu sou de origem judaica, só posso responder que lamento o fato de que aparentemente não possuo antepassados deste povo talentoso. Meu tataravô chegou na Inglaterra no século XVIII vindo da Alemanha: a maior parte da minha ascendência, portanto, é puramente inglesa, e sou um indivíduo inglês – o que deveria ser suficiente. Fui acostumado, no entanto, a estimar meu nome alemão com orgulho [...] / O questionamento dos senhores sem dúvida é feito para estar de acordo com as leis de seu próprio país, mas seria inapropriado pensar que isso deveria aplicar-se a indivíduos de outro Estado, mesmo que isso tivesse (se bem que não tem) qualquer relação com os méritos do meu trabalho ou sua adequação à publicação, com a qual os senhores aparentemente ficaram satisfeitos sem referência a minha Abstammung.[...] (CARPENTER, 2006, p. 41).

A guerra trouxe um de seus filhos ferido, enquanto as responsabilidades acadêmicas e os deveres de guerra se intensificavam. Tolkien interrompeu a escrita durante o ano de 1940, só continuando em fins do ano seguinte. Em 1943 parou definitivamente e só retornou talvez um ano após escrever *Folha de Niggle*. Retomando o trabalho em 1944, até interrompê-lo novamente no outono.

O fim da guerra acontece em 7 de maio de 1945. No verão, Tolkien se torna professor de Língua e Literatura Inglesa de Merton College e se muda. Dois anos após o fim da guerra, ele continua escrevendo e mostra os primeiros rascunhos para seu editor. Mesmo aprovado e tendo toda a história escrita em fins de 1947, reescreve capítulos inteiros d'*O Silmarillion* nos anos seguintes.

O livro fica pronto em 1949. O autor queria publicar *O Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis* como obras associadas, mas Sir Stanley não acreditava no primeiro (houve certo desapontamento com a publicação de *Farmer Giles of Ham*). Decepcionado com seu editor, Tolkien mostrou-se receptivo ao interesse de Milton Waldman, da Collins.

Waldman entrou em contato com Tolkien logo que soube da existência de uma continuação d'*O Hobbit*. Mas no lugar d'*O Senhor dos Anéis*, recebeu *O Silmarillion*. Apesar de seu interesse em fazer este último ser publicado e de ter recebido e percebido a grandiosidade d'*O Senhor dos Anéis*, Waldman queria mesmo os direitos do bem-sucedido *O Hobbit*.

Para conseguir seu objetivo, o editor afirmou a Tolkien que se achava em melhor situação que a George Allen & Unwin, enquanto gráfica e editora. Tolkien foi convencido. Em conversas com Unwin, afirma que estava preocupado se alguém se interessaria em ler as obras juntas (*O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*), mas não permitiria a divisão da obra.

White (2002) afirma que Tolkien não queria um rompimento abrupto com Unwin, mas uma carta em que Rayner escreve ao filho afirmando que após uma publicação d'*O Senhor dos Anéis*, eles poderiam extrair o material d'*O Silmarillion* e não publicar o livro. Então um Tolkien furioso dá um ultimato: ou eles publicariam os dois livros ou nenhum.

Unwin libera Tolkien, que volta a negociar com Waldman. Este, no entanto, queria fazer cortes n'*O Senhor dos Anéis*. Tolkien manda a ele capítulos novos d'*O Silmarillion* sem dizer onde encaixá-los no material existente. Como Waldman viaja de férias, deixa Tolkien nas mãos de quem desconhecia as negociações. Assim, a relação com Waldman se desfez.

Tolkien, então passa a avaliar sua situação se quisesse ver sua obra publicada (ele já contava 60 anos). Em junho de 1952, Tolkien volta a se comunicar com Ranyer e percebe que a publicação de toda a mitologia era arriscada. Autoriza a contragosto a divisão d' *O Senhor dos Anéis*. Após revisar o livro em 1953, a publicação da (agora) trilogia ocorre em 1954 e 1955.

A discussão em torno dos títulos também virou problema. Tolkien criou apêndices, mapas, árvores genealógicas e linhas temporais abatendo material d'*O Silmarillion*. Os próprios editores não viam onde poderiam encaixar a obra quanto ao gênero. Sem confiança alguma, a George Allen & Unwin ordena uma impressão de 3.500 exemplares.

Segundo White (2002), para dar um reforço a mais na campanha publicitária, a editora empregou autores famosos que escreveram elogios atraentes para a sobrecapa do livro: C.S. Lewis, Naomi Mitichison e Richard Huges. Em 29 de julho

de 1954 é publicado *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*; em 11 de novembro, *As Duas Torres*; e em 20 de outubro de 1955, *O Retorno do Rei*.

Tolkien também enfrentou problemas com a edição pirata americana em 1965, mas a Ballantine publica a edição oficial. Tamanha publicidade transforma sua obra em best-seller internacional, com leitores e jornalistas procurando-o cada vez mais. A crítica da época ficou em estado de perplexidade.

Tolkien tornou-se um *cult* nas universidades norte-americanas e inglesas. Suas obras, até hoje, ainda dividem a crítica. Infelizmente, Tolkien não viveu para ver *O Silmarillion* publicado, e seu filho Christopher assumiu a tarefa, trabalhando duro para esclarecer os detalhes da Terra-média, editando as várias notas e fragmentos de histórias que seu pai deixou inacabadas.

As obras de Tolkien influenciaram diversos autores e criadores de fantasia ao redor do mundo. A trilogia fílmica *O Senhor dos Anéis*, dirigida por Peter Jackson, e exibida nos cinemas do mundo inteiro em 2003, dividiu alguns fãs mais ardorosos, mas conseguiu um sucesso estrondoso, aumentando a atenção em torno da obra, da vida e das influências do próprio autor.

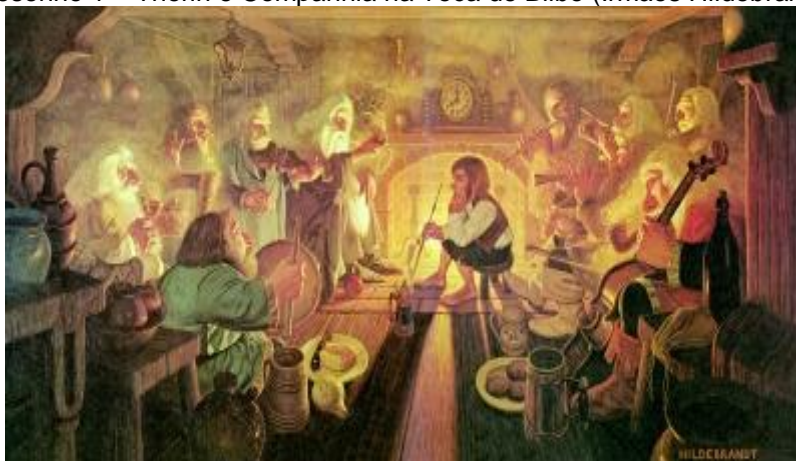
Tolkien não apenas criou um mundo de fantasia verossímil, mas também, explorou o tema da amizade e trouxe para debate importantes questões humanas. White (2000) afirma que a Terra-média oferece noções de tradição e herança e Tolkien, por causa de sua capacidade de animar os arquétipos dentro de cada leitor, conseguiu infundir um imenso poder em sua obra, que continua a cativar a mente de milhões de leitores e a oferecer-lhes um mundo estranho no qual o leitor pode facilmente se reconhecer.

Pretendo resumir as três obras principais de Tolkien: *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion*, para que aqueles que, ainda, não mergulharam em sua ficção possam ter uma idéia do que os livros são em termos de tema e personagens. Que fique claro que ao comprimir mais de duas mil e trezentas páginas em resumos breves, muitos personagens e assuntos secundários não serão mencionados. Este resumo, obviamente, não substitui a leitura do material original. Nem é seu objetivo.

4.1.1 O Hobbit (The Hobbit)

O *Hobbit* relata a história de um hobbit³² chamado Bilbo Bolseiro, morador do Condado, que é "convidado" por um mago, Gandalf, a entrar numa aventura como ladrão, com mais 13 anões: Thorin Escudo-de-Carvalho, Dwalin, Balin, Dori, Nori, Ori, Oin, Gloin, Bifur, Bofur, Bombur, Kili e Fili. O objetivo dessa aventura é recuperar o tesouro dos anões roubado pelo dragão Smaug no tempo de Thrór, avô de Thorin. A contragosto, Bilbo aceita.

Desenho 1 – Thorin e Companhia na Toca de Bilbo (Irmãos Hildebrandt)



Fonte: Dúvendor (2007)

Montados em pôneis, o grupo começa o caminho para a travessia das Montanhas Nevoentas. Eles encontram no meio da planície o vale secreto em que está Valfenda. Neste refúgio élfico, o grupo é acolhido e recebe os conselhos do mestre elfo Elrond. Ao continuarem a travessia, eles são perseguidos por orcs e, na confusão, Bilbo é deixado desacordado para trás.

Quando acorda, todos já desapareceram e ele, engatinhando pelo chão, encontra um anel. Descendo por um corredor, encontra a criatura chamada Gollum e lhe propõe um jogo de adivinhação. Se ganhasse, Gollum lhe mostraria a saída da gruta. O jogo começa e a criatura perde quando Bilbo lhe pergunta o que tinha no bolso. Gollum se vê obrigado a cumprir o acordo e quando vai buscar o anel, percebe que era isso que Bilbo tinha no bolso.

Ele tenta capturar o hobbit, mas Bilbo coloca o anel sem querer no dedo, fica invisível e consegue fugir. No vale, encontra Gandalf e os anões e os acompanha,

³² Os hobbits são um povo discreto, menores que os anões e amam a tranquilidade de uma terra campestre. Os hobbits do Condado vestiam-se com cores vivas mas não usavam sapatos, pois seus pés tinham solas grossas como couro, gostavam de brincadeiras e de seis refeições por dia. Eram hospitaleiros e adoravam festas. Para saber mais, ver: TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**: primeira parte: a sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.01.

mas encontram um bando de wargs. O grupo escapa ao ser salvo pelas águias das Montanhas Nevoentas que, comandadas pelo Senhor das Águias, os fazem avançar em seu caminho. Gandalf conduz o grupo até a casa de Beorn.

Desenho 2 – Esgaroth, a Cidade do Lago (J.R.R.Tolkien)



Fonte: Dúvendor (2007)

Na casa de Beorn, conseguem recuperar suas forças. De volta a sua jornada, Bilbo e os anões levam dias atravessando a Floresta Sombria. Sem comida, eles saem da trilha e são atacados por aranhas e depois feitos prisioneiros pelos elfos da Floresta das Trevas. Com a ajuda do anel, Bilbo os ajuda a fugir em direção a Cidade do Lago. Na cidade, erguida sobre palafitas, Thorin se proclama o “rei sob a Montanha”, que veio recuperar o que lhe pertence.

Recuperados, partem para a Montanha Solitária. Eles entram na montanha e os anões começam a pressionar Bilbo para fazer aquilo pelo qual foi contratado. Assim, invisível pelo poder do anel, o hobbit desce até a câmara do dragão, de onde rouba uma taça do tesouro. Smaug sente falta do objeto e sai à caça do ladrão. Quando ele volta, o hobbit se aventura até a câmara novamente e eles dialogam.

O dragão não consegue descobrir quem é, mas um dos nomes que Bilbo dá ao dragão, “Cavaleiro do barril”, faz com que Smaug saia para se vingar dos homens de Esgaroth, a Cidade do Lago, mas Bard flecha-o em seu ponto fraco e o dragão desaba sobre a cidade e junto com ela é sepultado no rio. Nesse ínterim, Bilbo descobre a pedra Arken, o maior tesouro, e a guarda para si.

Desenho 3 – Smaug dorme sobre o tesouro dos anões (John Howe)



Fonte: Dúvendor (2007)

Ao descobrirem que elfos e homens estão se dirigindo a montanha em busca do tesouro, Thorin envia mensagens pedindo socorro aos seus parentes do povo de Dain e formam uma muralha de pedras na entrada de Erebor. Começa uma intensa negociação, mas Thorin se recusa a dar qualquer compensação. Com a montanha sitiada, Bilbo resolve levar aos sitiados a pedra Arken para que tudo acabe de uma vez. Thorin, quando descobre, se enche de vingança contra Bilbo.

A essa altura, Dain chega com reforços e estão prestes a atacá-los, quando uma nuvem de morcegos anuncia a chegada de orcs e wargs. Homens, elfos e anões lutam e quando a batalha parece perdida, as águias das Montanhas Nebulosas e Beorn, este em forma de urso, surgem e resgatam Thorin, ferido mortalmente por lanças inimigas.

A batalha é vencida e Thorin, antes de morrer, faz as pazes com Bilbo e é enterrado na Montanha Solitária com a pedra Arken e a espada Orcrist sobre seu túmulo. Dain passa a reinar como Rei sob a Montanha e dá um quarto do tesouro para os homens de Bard, assim como esmeraldas para o rei élfico. Bilbo aceita como presentes dois baús, um de ouro e outro de prata.

Gandalf e Bilbo voltam com Beorn contornando a Floresta das Trevas, hospedando-se com este em Valfenda. Chegam ao Condado um ano após a partida, justamente no dia em que está ocorrendo um leilão de todo o mobiliário da moradia

de Bilbo, por julgarem-no morto. O hobbit consegue recuperar seus bens com alguma dificuldade, mas perde a reputação de hobbit respeitável.

Certo dia, Gandalf e Balin aparecem novamente em sua porta para contar as novidades. A antiga cidade dos homens, Dale, é reconstruída por Bard, assim como a Cidade do Lago, e reina uma forte amizade entre elfos, anões e homens.

4.1.2 O Senhor dos Anéis (The Lord of the rings)

A segunda edição d'*O Senhor dos Anéis*, foi publicada em dois formatos pela editora que detêm os direitos autorais no Brasil: como volume único, em 2000, como era o desejo inicial do autor. A segunda versão, utilizada para esse trabalho, foi publicada em três volumes no ano de 2002, cujas capas contêm ilustrações de Tolkien.

Fotografia 1 – *A Sociedade do Anel, As Duas Torres e O Retorno do Rei* ilustradas por Tolkien

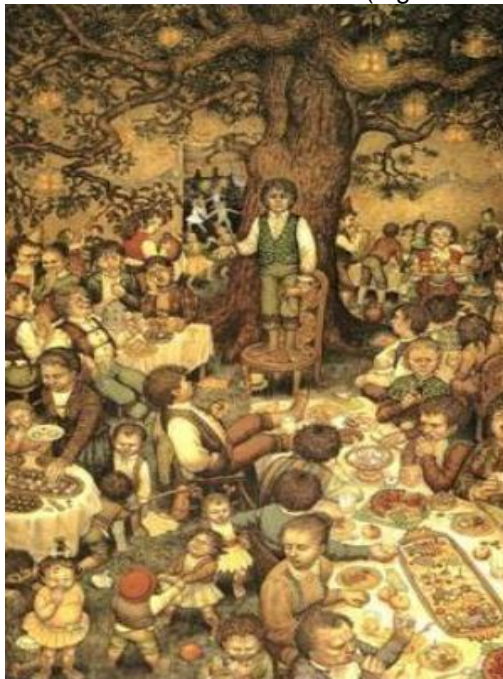


Fonte: Submarino (2011)

4.1.2.1 A Sociedade do Anel (The Fellowship of the Ring)

Sessenta anos passaram desde que Bilbo Bolseiro tinha voltado de sua jornada. Ele é conhecido pela sua riqueza legendária e pelo fato de que a idade não parece afetá-lo. Ele anuncia uma grande festa em honra de seu 111º aniversário e do 33º aniversário do seu sobrinho Frodo, adotado como herdeiro e trazido para viver no Bolsão. Durante a festa, o hobbit coloca o anel mágico e desaparece, surpreendendo seus convidados. Gandalf o convence a deixar o anel com Frodo.

Desenho 4 – Aniversário de Bilbo (Inger Edelfeldt)



Fonte: HAGUE, Michael. **Tolkien's world**: Paintings of Middle-earth, 1993.

Frodo recebe de Gandalf os bens e o Anel como herança. Mas o mago o adverte para nunca usá-lo. Gandalf parte, e visita Frodo poucas vezes nos anos seguintes. No seu 50º ano de vida, Gandalf novamente aparece e explica a história do anel, afirmando que este é o Um Anel, o maior dos Anéis de Poder forjado por Sauron, o Senhor do Escuro, afirmando que o Anel só poderia ser destruído em Orodruin, a Montanha da Perdição em Mordor.

O Condado deixa de ser um lugar seguro para Frodo. Ele vende Bolsão e parte, acompanhado por seus amigos Sam Gamgi, Merry Brandebuque e Peregrin Tûk. Gandalf o deixou por algum tempo em busca de notícias e ainda não voltou, o que preocupa Frodo. No dia seguinte, os hobbits notam que estão sendo seguidos pelos misteriosos Cavaleiros Negros.

Eles resolvem pegar um atalho que passa através da Floresta Velha, lar de árvores que se comunicam entre si. Dentro da Floresta, os hobbits são salvos de um salgueiro violento por um estranho ser que adora cantar: Tom Bombadil. Passando por outros perigos, os hobbits chegam a Bree, uma vila habitada por Homens e hobbits e lá aceitam a ajuda de um Guardião chamado Passolargo, amigo de Gandalf que na verdade se chama Aragorn, como guia até Valfenda.

Desenho 5 – O nazgûl no Condado (John Howe)



Fonte: Dúvendor (2007)

Mas o grupo é emboscado no Topo do Vento, onde Frodo acaba apunhalado por um nazgûl, Espectro do Anel. Passolargo consegue repelir a ofensiva do Inimigo e foge com Frodo, que está gravemente ferido, e os outros hobbits. Quando estão prestes a serem novamente alcançados pelos Espectros do Anel, o senhor élfico Glorfindel encontra-os e leva-os em segurança até Valfenda. Os nazgûl tentam detê-los, mas são varridos pela inundação súbita no Vau de Bruinen.

Em Valfenda, Frodo se recupera e vê muitas caras novas: Elrond, sua filha Arwen, e Glóin, um dos treze anões que acompanharam Bilbo e também o próprio Bilbo. Elrond reúne em conselho Gandalf, Frodo, Bilbo, Glóin, Glorfindel, Aragorn, elfos de Valfenda, Legolas, filho de Thranduil, o Rei dos elfos-silvestres e Boromir, filho de Denethor, o Regente de Gondor, com o objetivo de determinar o destino do Anel. A história do Anel é contada e Gandalf relata suas ações durante o verão, quando descobriu a traição do Mago Branco Saruman.

O Conselho conclui que o Anel deveria ser destruído. Frodo diz que aceitaria essa tarefa e Elrond aprova sua decisão. O elfo escolhe os companheiros da Sociedade: além de Frodo, Sam, Gandalf, Aragorn, Legolas, Gimli, Boromir, Merry e Pippin. A Sociedade parte para o sul. Eles tentam cruzar as Montanhas Sombrias pela Passagem de Caradhras, mas uma tempestade e um ataque dos wargs os forçam a tomar o caminho por dentro de Moria.

Dentro do antigo reino dos anões, um balrog e Gandalf, o Mago Cinzento, travam uma batalha na passagem estreita sobre o abismo. Gandalf luta com ele, quebra a ponte com seu bastão e os dois caem na fenda. O resto da Sociedade escapa para fora de Moria. Assim morre o mago e a escuridão cai sobre a

Sociedade. Chorando de pesar, o grupo continua seu caminho liderado por Aragorn. Fogem e encontram refúgio em Lothlórien.

Desenho 6 – Gandalf e o Balrog (John Howe)



Fonte: Dúvendorf (2007)

A Companhia passa vários dias em Caras Galadhon, conhecem Celeborn e Galadriel e recebem auxílio e conselhos. Certa noite, Galadriel enche uma bacia prateada de água de uma fonte, e cria um espelho mágico. Ela permite que Sam e Frodo olhem no espelho, mas os adverte sobre as visões. Quando Frodo olha no espelho, vê o Olho de Sauron. O hobbit também vê Galadriel usando outro dos Três Anéis élficos e lhe oferece o Um Anel, mas ela o rejeita.

Desenho 7 – A Sociedade repousa em Lórien (Ted Nasmith)



Fonte: Dúvendorf (2007)

A Sociedade está a ponto de deixar Lórien, e recebem como presentes três barcos leves para facilitar a viagem, mantos élficos cinzentos, várias cordas boas, e um pouco de lembas, um tipo especial de pão. Galadriel também dá a cada um deles presentes especiais. Então a Sociedade deixa Lórien e continua a viagem. A viagem para o sul Anduin abaixo dura dias.

Surgem divisões entre o grupo. Boromir questiona a liderança de Aragorn. Frodo deve, como Portador do Anel, decidir o rumo a ser tomado. Ele se isola para pensar e não percebe que Boromir o segue. Primeiro com palavras ardilosas e depois com a força, ele tenta arrancar o Anel de Frodo, que foge aterrorizado ao perceber que o Anel de apossou do companheiro. Ele foge acompanhado apenas por Sam e os dois chegam às fronteiras da Terra Escura. Procurando por Frodo, a Sociedade se rompe para sempre.

4.1.2.2 As Duas Torres (The Two Towers)

Aragorn segue o rastro de Frodo até o topo do Amon Hen, de onde ouve o som da corneta de Boromir entre os gritos de orcs. Ele tenta ajudá-lo, mas Boromir já está agonizando, e em suas últimas palavras ele confessa seu ataque a Frodo e fala que os outros hobbits foram capturados. Após colocarem o corpo de Boromir em um barco para que siga rio abaixo, os três companheiros decidem sair à caça dos orcs e tentar salvar Merry e Pippin. A perseguição começa.

No reino de Rohan, eles são informados por Éomer, sobrinho do rei Théoden, que ele e seus homens destruíram o mesmo grupo de orcs que Aragorn e seu grupo caçavam, sem encontrar nenhum hobbit. Éomer lhes dá cavalos e os três companheiros seguem em direção à floresta de Fangorn até o local da batalha. Naquela noite, um homem velho aparece e desaparece próximo ao seu acampamento e os cavalos fogem; eles suspeitam que possa ser o traidor Saruman.

Desenho 8 – Ents em Isengard (Ted Nasmith)



Fonte: Dúvendor (2007)

De volta aos hobbits, Pippin e Merry sofrem muito como cativos dos orcs. Eles escapam do ataque dos rohirrim aos orcs e se embrenham na floresta de Fangorn, onde conhecem Barbárvore, um ent. Os ents convocam um entebate e decidem se reunir para dar um fim as ameaças de Saruman. Eles atacam Isengard, onde está a Torre de Orthanc, habitação de Saruman. Os hobbits se unem a sua marcha.

Enquanto isso, Aragorn, Legolas e Gimli procuram o local da batalha, e encontram alguns pertences dos hobbits, o que confirma sua presença no local. Na procura contínua, alcançam a colina onde Merry e Pippin tinham conhecido Barbárvore. Então eles encontram o velho que eles acreditavam ser Saruman, mas este revela ser Gandalf, que derrotou o balrog e voltou como Mago Branco.

Gandalf lhes explica o que aconteceu com Merry e Pippin. O mago chama seu cavalo Scadufax, que vem acompanhado dos cavalos de Aragorn e Legolas e juntos rumam para Rohan, em cuja capital Edoras se encontra Meduseld, O Palácio Dourado. Nele vive o rei Théoden, cuja mente fora envenenada por Saruman através de um espião, o conselheiro Gríma Língua-de-cobra. Gandalf expulsa Gríma, cura o rei de seus males, e o aconselha a enfrentar a ameaça de Saruman.

Desenho 9 – Meduseld, o Palácio Dourado de Rohan (John Howe)



Fonte: Dúvendor (2007)

Théoden convoca os homens para partir para a fortaleza do Abismo de Helm, onde preparam sua defesa. Os ataques intensos fazem com que os defensores se retirem para o Forte da Trombeta e para as cavernas do Abismo. No dia seguinte, o exército dos rohirrim sai da fortaleza e os orcs fogem, ao mesmo tempo em que Gandalf e o exército de Erkenbrand aparecem. Os orcs são cercados e empurrados para uma floresta que é, na verdade, um exército de huorns. Nenhum orc sai vivo.

Finda a Batalha do Abismo de Helm, Théoden, Gandalf, Aragorn, Legolas e Gimli cavalgam até Isengard, onde encontram Merry e Pippin salvos, se fartando com as provisões da fortaleza do inimigo. Pela última vez, Saruman procura seduzir o grupo com sua voz persuasiva, mas Gandalf anula o feitiço e ainda o expulsa da ordem dos Istari. Ao mesmo tempo, Gríma atira uma pedra de vidro contra Gandalf.

Pippin, muito curioso, comete o erro de espiar no cristal, que na verdade é um palantír, e é tomado temporariamente pela mente de Sauron. No entanto, ele não revela nada, mas descobre uma parte dos planos do Senhor do Escuro: seu primeiro ataque será contra Minas Tirith, capital de Gondor. Gandalf propõe que os outros partam imediatamente, enquanto ele e Pippin cavalgam para Minas Tirith.

A ação se volta para Frodo e Sam, que estão atravessando as colinas das Eryn Mui. Eles encontram Gollum espreitando, mas a criatura é tão digna de pena que Frodo demonstra misericórdia, apesar de Sam não confiar nele. Frodo insiste, pois conhece o peso do Anel. Gollum reage com gentileza ao respeito demonstrado por Frodo e passa a guiá-los para Mordor.

Desenho 10 – Faramir encontra Frodo e Sam (Irmãos Hildebrandt)



Fonte: Dúvendorf (2007)

A criatura sugere que sigam para o sul na cidade fantasma de Minas Ithil até a passagem de Cirith Ungol. Eles são capturados pelos homens de Gondor, liderados por Faramir. Depois da luta contra os homens de Harad, ele leva os hobbits para um refúgio, onde Sam inadvertidamente revela o objetivo da missão. Diferente de seu irmão Boromir, Faramir revela grande força de caráter e os liberta para que possam cumprir sua tarefa.

Os hobbits reiniciam sua jornada para Mordor, com Gollum como seu guia, e decidem atravessar as montanhas através de Cirith Ungol, local considerado maldito e perigoso. Este caminho os leva até uma escada talhada em um paredão de rocha, que termina em um túnel. O plano de Gollum é guiá-los através desse túnel e lá dentro entregá-los a Laracna, uma aranha gigantesca.

Desenho 11 – Sam luta com Laracna (John Howe)



Fonte: Dúvendorf (2007)

Eles encontram o animal e tentam escapar. No meio da luta, Gollum surge e ataca Sam, enquanto Laracna captura Frodo. Sam derrota a aranha, mas se desespera ao pensar que Frodo está morto. Ele decide assumir o fardo do anel e completar a missão de seu mestre e quando orcs se aproximam, descobre que o amigo só está paralisado. Ele assiste o grupo levar Frodo embora e não consegue atravessar os portões.

4.1.2.3 O Retorno do Rei (The Return of the King)

Desenho 12 – Gandalf chega a Minas Tirith (Ted Nasmith)



Fonte: Dúvendor (2007)

Depois de uma longa e rápida viagem, Gandalf e Pippin chegam à grande cidade de Minas Tirith e têm uma audiência com Denethor, o Senhor e Regente de Gondor e pai de Boromir e Faramir. Pippin conta sobre a jornada deles, e sobre Boromir, e faz um juramento de fidelidade a Gondor. Depois da audiência, Gandalf vai tratar de assuntos urgentes e Pippin sai para explorar a Cidade.

Merry agora é escudeiro de Rohan. Enquanto Théoden prepara seu exército, Aragorn, os Dúnedain, Legolas, Gimli, Elladan e Elrohir, filhos de Elrond, cavalgam em direção a Edoras e ao Templo da Colina. Na manhã seguinte o grupo adentra as Sendas dos Mortos: Aragorn, como herdeiro de Isildur, convoca-os para ajudá-lo na guerra, para que assim cumpram um antigo juramento.

Enquanto isso, Théoden e seu exército cavalgam para o Templo da Colina, onde o exército está se reunindo. Ele recebe um mensageiro de Gondor pedindo

ajuda e se prepara para partir. Ele ordena que Merry fique em Edoras, onde Éowyn irá liderar o povo até sua volta, mas um jovem cavaleiro chamado Dernhelm diz em segredo a Merry que pode levá-lo em seu cavalo, e o hobbit aceita.

Faramir retorna a Minas Tirith e relata ao pai seu encontro com Frodo, mas Denethor se mostra descontente com suas ações. Assim, o capitão se prepara para defender a cidade, mas é ferido por uma flecha envenenada. Julgando-o morto, Denethor abandona a esperança e a defesa da cidade. Ele pretende incinerar a si próprio e ao filho. Pippin corre em busca de Gandalf.

Desenho 13 – O cerco a Minas Tirith (John Howe)



Fonte: Dúvendor (2007)

Enquanto isso, os inimigos atacam o portão da cidade com um grande aríete e o destroem. O Senhor dos nazgûl entra na cidade e é confrontado apenas por Gandalf, quando os chifres de Rohan soam ao longe. O exército de Rohan cavalga em direção a Gondor, onde acontece a Batalha dos Campos de Pelennor. Théoden morre e Éowyn, disfarçada de Dernhelm, mata o senhor dos nazgûl.

Os defensores remanescentes de Minas Tirith saem da cidade para ajudar os rohirrim; o Príncipe Imrahil encontra os homens que carregam Théoden e Éowyn e, percebendo-a ainda viva, chama os curadores. Quando a batalha parece perdida, uma frota dos navios de Umbar sobe o Anduin, e para a surpresa geral ela não traz inimigos, mas Aragorn e seus companheiros.

Pippin e Gandalf impedem que Denethor incinere seu filho, mas não conseguem evitar que o regente se mate. O hobbit também encontra Merry e o leva para as Casas de Cura, onde Gandalf escuta uma velha mencionar a lenda de que

as mãos de um rei são as mãos de um curador. Ele procura por Aragorn, que decide não reivindicar sua realeza, mas cura os feridos com uma erva chamada athelas.

Como um plano para ajudar Frodo a se aproximar da Montanha da Perdição, o Exército do Oeste marcha em direção aos portões de Mordor. Sauron cai na armadilha e direciona sua atenção a eles. Quando Sam e Frodo alcançam Orodruin, Frodo já está esgotado e Sam precisa carregá-lo. Perto do topo, Gollum os ataca, mas Frodo escapa na direção das Sammath Naur.

Lá, Frodo finalmente cai sob o poder do Anel e se recusa a destruí-lo. No entanto, Gollum consegue recuperar o Anel, mas acaba caindo nas chamas: o Anel é destruído, assim como o espírito de Sauron. Ajudado pelo Senhor das Águias, Gwaihir, Gandalf resgata Frodo e Sam. Os dois hobbits despertam vários dias mais tarde e são grandemente honrados pelo exército do Oeste.

Desenho 14 – A destruição do Um Anel (John Howe)



Fonte: Dúvendorf (2007)

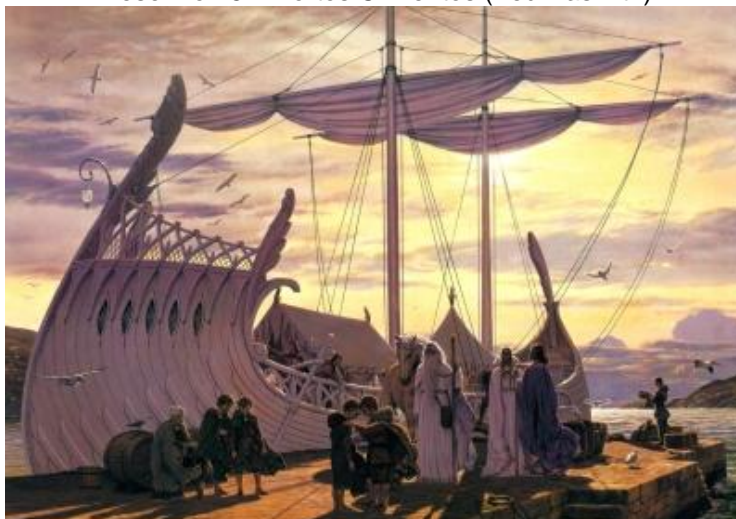
Enquanto isso, Éowyn e Faramir ainda estão nas Casas de Cura. Éowyn está infeliz por ter que passar seu tempo em inatividade, e deseja uma morte gloriosa em batalha. Ela também desejava o amor de Aragorn, mas recebeu dele apenas compaixão e compreensão. Ela conhece Faramir, as águias trazem notícias da vitória, e ele e Éowyn passam muito tempo juntos e se apaixonam.

Em Minas Tirith, Aragorn é coroado Rei Elessar. Ele declara que Faramir receberá Ithilien como principado, e que ele e seus herdeiros continuarão a ser Regentes. Uma muda da Árvore Branca é plantada no pátio do rei. Alguns dias

depois, uma companhia de elfos chega do Norte, incluindo Galadriel, Elrond e Arwen. Elrond dá a Aragorn o Cetro de Annúminas, e Aragorn casa-se com Arwen.

Arwen dá permissão a Frodo para ir aos Portos Cinzentos no lugar dela, pois por seu casamento com Aragorn ela escolhera se tornar mortal. Finalmente uma grande companhia parte de Minas Tirith, levando o corpo do Rei Théoden para Rohan. Depois do enterro, Éomer anuncia o casamento de Faramir e Éowyn. Após algumas viagens, cada um dos companheiros toma o caminho para seus lares.

Desenho 15 – Portos Cinzentos (Ted Nasmith)



Fonte: Dúvendor (2007)

No Condado, os hobbits têm que enfrentar um último inimigo: Saruman que se apossou do lugar. Mas o mago acaba morto pelas mãos de Grima Língua-de-cobra, e a paz volta à terra dos hobbits. Alguns anos depois, Frodo e Bilbo, por terem sido Portadores do Anel, partem para os Portos Cinzentos. Junto a Galadriel, Elrond e Gandalf, eles tomam o barco para Valinor.

4.1.3 O Silmarillion (The Silmarillion)

O *Silmarillion* propriamente dito deve seu título à história das três silmarils, pedras preciosas feitas pelo habilidoso e talentoso elfo Fëanor, príncipe dos Noldor, que as cria a partir da luz sagrada das duas árvores de Valinor, Telperion (a prateada) e Laurelin (a dourada).

Ainulindalë (A Música dos Ainur)

Ilúvatar criou os Ainur a partir de seu pensamento e lhes propõe três temas musicais para desenvolverem. À medida que os Ainur vão desenvolvendo sua música, vão conhecendo a si próprios e aos demais. Durante a Criação, um dos Ainur, Melkor, decide desenvolver seu próprio tema, entrando em dissonância com a sinfonia geral; Ilúvatar mostra então aos ainur que seu canto plasmou Æa e Arda.

Mapa 1 – Terra-média e as Terras Imortais (autor desconhecido)



Fonte: **MERP**: Maps & geneology of Middle-earth (2011)

Valaquenta (O Relato dos Valar)

Aos Ainur, Ilúvatar estabelece que aqueles que desejassem assumir uma forma corpórea assim poderiam fazer, e poderiam habitar Arda e desenvolvê-la. Os que assim fizeram ficaram conhecidos como os Valar, e são Melkor, Manwë, Ulmo, Aulë, Námo, Irmo, Tulkas, Oromë, Varda, Yavanna, Vairë, Estë, Nienna, Nessa e Vana. Esse período inicial do mundo é conhecido como a Primavera de Arda, quando o mundo começava a se desenvolver e os Valar viviam em Almaren.

A Primeira Guerra entre os Valar e Melkor ocorre, pois Melkor, irmão de Manwë na Criação e um dos mais poderosos, era movido pela inveja e tinha como objetivo principal destruir os belos feitos de seus pares, criando suas próprias criaturas. Melkor destrói as duas luminárias da Terra-média, Illuin ao norte e Ormal ao sul, mergulhando-a na escuridão.

Desenho 16 – Melkor, prisioneiro, diante do trono dos Valar (Jacek Kopalsk)



Fonte: TheOneRing (2011)

Os Valar partem para Aman, no Extremo Ocidente, e passam a viver em Valinor. De lá, eles preparam a Terra-média para os Filhos de Ilúvatar, os Primogênitos e os Sucessores. Aulë, no entanto, impaciente para ver a terra povoada, cria os anões sem a permissão de Ilúvatar. Ao descobri-los e não encontrando neles malícia, Ilúvatar os deixa viver, mas os mergulha em um sono do qual só acordariam após o nascimento dos Primogênitos.

Os Primogênitos ou Elfos nascem em Cuiviénen, no tempo da Escuridão da Terra-média, época que o domínio de Melkor prevalecia, desde sua fortaleza em Utumno, no norte da Terra-média. Desencadeia-se a Segunda Guerra dos Valar contra Melkor, na qual os Valar saem vitoriosos. Sua fortaleza é destruída e Melkor é levado cativo para Valinor, onde é condenado a ficar preso por três Eras dos Valar.

Quenta Silmarillion (A História das Silmarils)

Oromë traz os elfos para Valinor, mas nem todos aceitam partir: estes são os Avari. Os Vanyar e Noldor e parte dos Teleri atravessam o Grande Mar, mas o restante destes permanece em Beleriand. Elu Thingol, rei dos teleri, se casa com a Maia Melian e se estabelece em Doriath. Ingwë, rei dos vanyar, reina junto a Manwë, enquanto o rei noldor Finwë se estabelece em Tirion e o rei teleri Olwë, em Alqualondë.

Finwë se casa com Miriel e eles têm um filho, Fëanor. Miriel não sobrevive muito tempo após o seu nascimento, e Finwë se casa novamente. De sua união a Indis, nascem Fingolfin e Finarfin. O cativo de Melkor chega ao fim e ele é perdoado pelos Valar, com a condição de permanecer em Valinor. Melkor, mais invejoso do que antes, arquiteta uma vingança, aproximando-se dos noldor.

Fëanor cresce e se torna o mais habilidoso lapidador de jóias. Ele lapida as silmarils, colocando nas gemas as luzes preciosas das Árvores de Valinor, Telperion e Laurelin. Fëanor passa a cobiçar mais do que tudo as gemas e suas intrigas levam Fëanor a ameaçar seu irmão Fingolfin. Julgado pelos Valar, ele é condenado ao degredo em Formenos.

Desenho 17 – Ungoliant e Melkor destroem as Duas Árvores (John Howe)



Fonte: Dúvendor (2007)

Quando as maquinações de Melkor são descobertas, ele se une a Ungoliant, uma aranha gigante, e destrói as Duas Árvores. Yavanna propõe que se salve o que restou das luzes, agora presas nas silmarils, mas Fëanor se opõe. Nesse ínterim, Melkor mata Finwë e rouba as pedras. Louco de pesar, Fëanor jura perseguir qualquer valar, elfo ou homem que detivesse as silmarils.

Esse juramento faz com que caia sobre ele e seus filhos a maldição de Mandos. Ele convoca os noldor para fora de Aman e é seguido pelos seus meio-irmãos. Em busca de barcos, Fëanor mata seus parentes teleri. Finarfin desiste da fuga quando percebe que o juramento feito por Fëanor começa a pesar sobre eles. Seus filhos continuam seguindo Fëanor, assim como Fingolfin.

Enquanto isso, Lúthien Tinúviel, a única filha de Thingol e Melian, nasce no reino de Doriath. De Telperion nasce uma flor prateada, de Laurelin, um fruto de

ouro. Os Valar colocam-nos em dois barcos, dirigidos por dois Maiar: o caçador Tilion conduz Isil (a Lua) e a donzela Arien conduz Anar (o Sol), e quando o Sol aparece pela primeira vez, os Sucessores ou Homens nascem na Terra-média.

Já na Terra-média, Fëanor morre numa emboscada e Fingolfin se torna soberano dos noldor. Os elfos começam a se estabelecer seus reinos. Após 300 anos de sua chegada, Finrod encontra os Homens ou Sucessores. Existiram três Casas de Homens: a da casa de Bëor, o Velho, a de Marach e a de Haldad. Unidas aos noldor, fecha-se o cerco a Melkor.

Desenho 18 – Beren, na forma de lobo, e Luthien enfrentam Melkor em seu trono (Sam Hadley)



Fonte: DAY, David. **O mundo de Tolkien**: fontes mitológicas de *O Senhor dos Anéis*, 2004.

Nas florestas de Neldoreth, Beren, da casa de Bëor, vê Lúthien dançar e cantar e se apaixona por ela. Um dia, consegue alcançá-la e ela se apaixona por ele. Levados até Thingol, o rei promete a filha em casamento para Beren se ele conseguir recuperar uma das silmarils da coroa de ferro de Melkor. Beren realiza o feito, mas perece na jornada.

Lúthien se desespera e ambos vão para as mansões de Mandos, onde recebem a chance de retornar ao mundo. Lúthien escolhe viver como mortal junto a Beren. Eles se estabelecem em Beleriand e tem um filho, Dior. Ele tenta estabelecer o reino de Doriath após a morte de Thingol, mas os filhos de Fëanor reivindicam a silmaril que Beren resgatou e matam Dior. Sua filha Elwing foge com a jóia.

Enquanto isso, Tuor é encarregado pelo próprio Ulmo, de levar uma mensagem a Gondolin para salvar os noldor restantes. Ele se casa com Idril e dessa união nasce Eärendil. Mas Melkor finalmente alcança e destrói Gondolin. O rei Turgon morre, enquanto Tuor lidera o resto dos noldor por uma passagem secreta. Mais tarde, Elwing, filha de Dior, se casa com Eärendil.

Desenho 19 – Elwing, na forma de cisne, e Eärendil partem em busca do perdão dos Valar (Roger Garland)



Fonte: Dúvendor (2007)

Em busca do perdão dos Valar, ele parte pelos mares do Ocidente. Quando Maedhros e Maeglor, os filhos de Fëanor restantes, capturam seus filhos Elros e Elrond em busca da pedra, Elwing se atira no mar com ela. Salva por Ulmo, ela acompanha Eärendil na forma de um cisne. Ambos intercedem junto aos Valar, que decidem marchar para a guerra definitiva. Destroem Melkor e recuperam as pedras.

Sempre com o peso do juramento feito ao pai de recuperar as Silmarils, Maedhros e Maeglor se apoderam das jóias. Mas as pedras lhes ferem. Assim, eles encontram seu fim e as pedras passam a pertencer aos três elementos: uma no céu com Eärendil, uma na terra quando Maedhros se atira num abismo e outra no mar, atirada por Maglor.

Akallabêth (A Queda de Númenor)

Após a queda de Melkor, os Valar convocam os eldar para retornar ao Oeste. Aqueles que atenderam ao chamado foram morar na Ilha de Eressëa. Nessa ilha, está o porto de Avallónë, a cidade mais próxima de Valinor. Aos ancestrais das três casas fiéis dos homens, foi criada uma terra, nem parte da Terra-média, nem parte de Valinor. Essa terra foi chamada por eles de Númenor.

Aos meio-elfos, os Valar deram poder de escolha entre ser eldar ou edain. Elrond opta pela imortalidade e Elros, pela mortalidade. Gil-Galad funda Lindon e os Portos Cinzentos, enquanto Círdan, Elrond e Celeborn e Galadriel se dirigem para o sudeste. Os descendentes das três Casas dos Homens se dirigem para Númenor e passam a constituir o povo dos Dúnedain, governados por Elros.

Aos númenorianos, os Valar também impuseram, além da mortalidade, a proibição de navegar para as Terras Imortais. Sob o governo de Elros Tar-Myniatur, os númenorianos tornaram-se um povo poderoso, reinando em Armenelos. Na época do rei Tar-Minastir, os homens começaram a invejar a imortalidade dos elfos e a rebelar-se contra a Interdição dos Valar.

Os reis começam a se apegar a vida mesmo depois do fim da alegria e da perda da inteligência e virilidade; sua soberba, ambição e o apego à vida crescem com o passar do tempo, ao mesmo tempo em que sua longevidade diminui. Sob o reinado de Tar-Ancalimon, o reino se dividiu, entre os Homens do Rei e os Elendili, os Fiéis amigos dos elfos. Nessa Era, Sauron volta a se erguer na Terra-média.

Desenho 20 – A destruição de Númenor (Darrel Sweet)



Fonte: Dúvondor (2007)

O desejo de grandeza de Ar-Pharazôn o leva a enfrentar Sauron. Mas este é ardiloso e se torna o principal conselheiro real. Ele consegue fazer com que o rei derrube a Árvore Branca, Nimloth, e também declare guerra aos Valar. Amandil, um dos Fiéis, se desespera e resolve repetir o feito de Eärendil, intercedendo junto aos Valar. Ele prepara o filho Elendil, despede-se e zarpa.

Elendil e seus seguidores embarcam com eles objetos de beleza e poder, mas não atendem ao chamado do rei. A frota real chega a Aman e reivindica a posse da terra. Manwë invoca Ilúvatar e os Valar renunciam a sua autoridade sobre Arda. Então Ilúvatar abre no mar um precipício entre Númenor e as Terras Imortais e a esquadra real é arrastada para o abismo.

As tempestades trazem grandes ondas, que arrastam Númenor para as profundezas. Mas Elendil e seus filhos, fosse ou não devido ao sucesso de Amandil, foram poupados da destruição. O vento forte lançou suas embarcações em direção à Terra-média. Sauron, surpreso com a ira dos Valar, se esconde em Mordor. Os sobreviventes fundaram reinos na Terra-média. E Númenor desaparece para sempre.

Dos Anéis do Poder e da Terceira Era.

Após a derrota de Melkor, Sauron, perturbado com a ira dos Senhores do Oeste, repudiou todos os seus atos maléficos. Dono de uma língua ardilosa, seus conselhos começam a ser ouvidos. Nessa época são forjados os anéis de Poder, enquanto secretamente ele forja o Um Anel na Montanha da Perdição, o qual deveria governar todos os anéis élficos.

Percebendo isso, os elfos conseguem salvar os três mais poderosos, Narya, NENYA e Vilya. Os anéis que consegue recuperar, Sauron distribui nove para os reis homens e sete para os anões. Elendil e seus filhos Isildur e Anárion fundam reinos em Arnor e Gondor. Dentre os tesouros salvos da destruição de Númenor estão as Sete Pedras, os Palantír, e a Árvore Branca, nascida de Nimloth

Quando Elendil e Gil-Galad formam a Última Aliança, marchando para o leste com um imenso exército, o próprio Sauron se apresenta. A espada de Elendil, Narsil, quebra quando ele tomba, mas Sauron também é derrubado, pois com o toco da espada, Isildur arranca o Um Anel de sua mão, derrotando-o. Ele planta em Arnor a muda da Árvore, mas não destrói o Anel, o que lhe custa a própria vida.

Desenho 21 – Sauron forja o Um Anel (Ted Nasmith)



Fonte: Dúvendorf (2007)

A linhagem dos reis é interrompida. O Anel desaparece do conhecimento de todos e Gondor acaba decaindo. Os nazgûl reaparecem, Minas Ithil em Arnor ficou deserta, Minas Anor em Gondor resistia e recebe o nome de Minas Tirith, onde a Árvore Branca ainda florescia, os regentes da Casa de Mardil assumem o governo do território, e os rohirrim passam a habitar a terra de Rohan.

Mas ainda existia beleza na Terra-média. Elrond mantinha Valfenda, Galadriel e Celeborn mantinham Lórien e nos Portos Cinzentos vivia um remanescente do povo de Gil-Galad. Mas as sombras começam a ser percebidas, deixando alerta Gandalf o Cinzento, que irá lutar ao lado dos inimigos de Sauron até sua destruição total e fará com que o último herdeiro de Isildur assuma o trono de Gondor.

5 A OBRA DE TOLKIEN

Enquadrar a obra tolkeniana em um gênero literário específico não é tarefa fácil, visto que o autor utilizou vários elementos na sua criação, elementos estes encontrados tanto nas sagas islandesas, quanto nos romances de cavalaria. Estudiosos consideram o conjunto de sua obra como fantasia, romance, épico, conto de fadas e/ou saga.

Carter (2003), por sua vez, afirma que o *Senhor dos Anéis* foi comparado à *The Faerie Queene*, de Spencer, um romance poético e uma alegoria, mas a trilogia é somente um romance, não existe nada de alegórico nele. Tal como observa, “Tolkien está simplesmente contando uma história, e ela não tem nenhuma implicação simbólica. O *Senhor dos Anéis* é simplesmente um romance de fantasia. [...]” (CARTER, 2003, p. 90.).

Todorov (2004, p. 24) afirma que:

[...] o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação, vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso.

Seguindo essa definição, o autor também afirma que o estranho e o maravilhoso têm suas próprias divisões. O fantástico propriamente dito, ou fantástico puro, está entre o fantástico estranho (acontecimentos que parecem sobrenaturais tem explicação racional) e o estranho puro (acontecimentos verdadeiramente extraordinários explicados racionalmente) de um lado, e o fantástico maravilhoso (relatos onde o sobrenatural é aceito) e o maravilhoso puro (o sobrenatural não provoca nenhuma reação) de outro.

Partindo desse princípio, Brooke-Rose (1981) situa o *Senhor dos Anéis* como maravilhoso-puro. Ela caracteriza a obra como uma busca heróica invertida, pois o herói não parte em busca de algo, mas de uma perda³³. Ela, também, analisa os

³³ André Luiz considera que essa perda, uma inversão da fórmula tradicional da “busca”, não altera o modelo de narrativa, mas o significado dela.

recursos realistas presentes na obra, tomando por base quatro das quinze características descritas por Philippe Hamon, a saber: o excesso de descrições; a previsibilidade; o enredo paralelo e a desfocalização do herói.

Brooke-Rose (1981) afirma que tais características enfraquecem a estrutura da obra e a empurra para o gênero da alegoria. Essa classificação, no entanto, foi descartada pelo próprio autor, afirmando que seu trabalho não tem intenções alegóricas. Como Tolkien explica em uma carta para Herbert Schiro:

Não há “simbolismo” ou alegoria consciente em minha história. Alegorias do tipo “cinco magos = cinco sentidos” são completamente estranhas ao meu modo de pensar. Havia cinco magos e esta é apenas uma parte única da história. Perguntar se os Orcs “são” comunistas para mim é tão sensato quanto perguntar se comunistas são Orcs. / Por não haver alegoria não quer dizer, é claro, que não há aplicabilidade. Sempre há. E visto que não tornei o conflito completamente inequívoco [...] suponho que haja aplicabilidade em minha história aos tempos atuais. [...]. (CARPENTER, 2006, p.250)

Quanto a Tolkien, uma de suas próprias classificações para suas obras é de conto de fadas. Em seu ensaio *Sobre história de fadas* (2006), Tolkien aborda a questão do conto de fadas. Tal ensaio, originário de uma palestra do professor, é de significativa importância porque, além de fornecer um vislumbre das considerações do próprio autor, foi escrito na mesma época em que a trilogia tomava forma.

Em primeiro lugar, Tolkien procura esclarecer a origem dos contos de fadas e a matéria da qual são feitos, abordando as relações entre contos de fadas, mitologia e religião e entre história e mitologia³⁴. Ele também discute o destino dos contos de fadas e resiste sobre a idéia da credulidade infantil do leitor, pretendendo atribuir esse gostar da fantasia à coerência do mundo inventado.

Tolkien (2006 *apud* CARTER, 2003, p. 101) considera que um bom conto de fadas apresenta elementos fantásticos verdadeiros, onde o “Mundo Secundário” criado é verdadeiro em si mesmo. Para ele, a fantasia reforça a avaliação do leitor sobre o mundo real; a Fantasia não destrói a Razão, pelo contrário, quanto mais aguçada esta for, melhor será a qualidade da Fantasia.

Carter (2003, p. 101) afirma que a verdadeira fantasia é marcada pelo prazer “[...] do criador na coisa que ele fez, quando bem feita; o prazer do leitor que foi

³⁴ Dessa relação entre história e mitologia ele conclui que a história constantemente guarda semelhanças com mitos ou lendas, porque ambos são formados do mesmo material (CARTER, 2003, p. 99).

enfeitado pelo subcriador e vai morar durante algum tempo dentro de um Mundo Secundário [...]”.

Outros estudiosos baseiam-se na classificação proposta por Frye (1973) sobre o que Todorov (2004, p. 9) chama de “os modos da ficção”, feita de acordo com a relação entre o herói e o leitor ou entre a natureza. Ou seja:

1. O herói tem uma superioridade (de natureza) sobre o leitor e sobre as leis da natureza; este gênero é o *mito*.
2. O herói tem uma superioridade (de grau) sobre o leitor e as leis da natureza; é o gênero da *lenda* ou do *conto de fadas*.
3. O herói tem uma superioridade (de grau) sobre o leitor, mas não sobre as leis da natureza; estamos frente ao *gênero mimético elevado*.
4. O herói está em uma posição de igualdade com respeito ao leitor e às leis da natureza; é o *gênero mimético baixo*.
5. O herói é inferior ao leitor; é o *gênero da ironia*.

Tomando como base a teoria de Frye (1973), Pereira (2008) classifica a obra de Tolkien como uma epopéia em prosa ou obra enciclopédia, sem que uma exclua a outra, e como *Bildungsroman*. Segundo Maas (2000), a primeira utilização do termo se deu com Karl Morgensten. Assim:

O surgimento do termo coincide com o momento do reconhecimento do romance como forma literária "digna". Originário do latim vulgar *romanic*, por meio do francês *romanz*, o termo *roman* designava uma narrativa longa, em idioma diferente do latim clássico, na qual se representava o protagonista em suas relações e divergências com o mundo exterior (MAAS, 2000, p. 22.).

Outro a partilhar do pensamento de Mass (2000) é Pereira (2009), ao afirmar que este novo termo é definido pelo conteúdo do texto (o protagonista busca atingir determinado grau de perfectibilidade e promove a formação do leitor) e surge a partir da análise das características da epopéia antiga e do romance burguês. Para Pereira (2009, p. 10):

Pode-se dizer que, embora um gênero derive de outro, a epopéia e o romance se diferenciam pelo fato de seus heróis seguirem caminhos opostos. Enquanto o herói epopéico age em direção ao exterior, provocando alterações em seu ambiente, o protagonista do romance deixa-se influenciar pelo ambiente [...] O que se apresentaria no *Bildungsroman* seria, em linhas gerais, a personagem do romance buscando se aperfeiçoar para atingir o estatuto da personagem épica; a procura do crescimento individual para que possa cumprir um papel relevante na sociedade. / Nos textos de J. R. R. Tolkien, o impulso de querer atuar no mundo e no meio social não vêm dos próprios, mas antes lhes é imposto [...].

Classificar a obra tolkeniana como mito tampouco é fácil, embora alguns o façam. Kyrmse (2003) classifica a narrativa como mito, baseando-se na afirmação de Tolkien de que os mitos não são mentiras e sim uma realidade subcriada. Sobre o surgimento da mitologia, Fritsch (2009, p. 17) afirma que:

Mythology was born in a time ordered by orality, where the main word was the magic-religious word. The tradition those oral stories dealt with relied on religion ritual and magic and could not be set apart from ordinary life [...] The great advancement of Fantasy narrative in comparison to mythological narrative that is present itself in the written form from the start.

Ao considerar a definição de mito empregada por Fritsch (2009), pode-se partilhar de sua conclusão de que o autor não reconta um mito literário, apesar de ter se inspirado em vários mitos antigos para criar seu mundo imaginário. Por conseguinte, “[...] Some critics, as David Colbert (2002), have read the novel as a modern myth full of metaphors that are connected both with ancient and contemporary times [...]” (FRITSCH, 2009, p. 21). Neste sentido, o autor analisa que:

First, a myth is a narrative bound to a magical religious time, when people had their knowledge passed through stories, orally. Second, a myth is a fading and intangible construction never written and totally out of our concept of time (...) Myths do not have authors because they only exist when connected to certain rituals, tradition or culture. (FRITSCH, 2009, p. 23)

Ainda no mesmo trabalho, Fritsch (2009, p. 21) cita as conclusões de outros autores, mostrando que: “[...]There are also some critics, as Tom Shippey (2001), who see *The Lord of the Rings* as an Epic Novel filled with religious meanings[.]”.

Sobre o assunto tratado acima, ele cita Campbell (2003), que afirma que a base estrutural do mito, qualquer que seja ele, é o mito do herói. Ademais, para considerar a obra de Tolkien como novela épica, deve-se considerar a definição de épico, como em Carter (2003, p. 108), segundo o qual o:

Épico tem sido definido como um poema longo, sério, em estilo elevado, relatando uma série de realizações ou acontecimentos heróicos. Mas a palavra moderna vem do latim *epicus*, que por sua vez foi derivada do grego *epikós*, que em última instância teve sua origem em *épos*, ‘um discurso, um conto ou uma canção.

Corroborando a visão de Campbell sobre a importância da figura do herói, Antunes (2009) cita a conclusão de Polachini (1984) e Lukács (2000) sobre o gênero literário da narrativa tolkeniana. A primeira afirma que o *Senhor dos Anéis* pertence ao gênero da literatura fantástica e que a obra também se aproxima de uma epopéia. Ele também cita Lukács (2000) e seus elementos para se identificar uma narrativa épica e afirma que esta forma literária é mais vulnerável às mudanças histórico-sociais. Lukács (2000) utiliza a figura do herói para expressar a diferença entre a epopéia e o romance. Para ele, epopéia trata de um mundo tão fechado em si mesmo que quando a bolha se rompe e ele se expõe a modernidade, ela se transforma no romance. Isto significa dizer que:

O indivíduo épico, o herói do romance, nasce desse alheamento em face do mundo exterior. [...] O herói da epopéia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou traço essencial da epopéia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade (LUKÁCS, 2000, p. 66).

Tão difícil quanto definir mito, assim o é quando se trata de definir a literatura de fantasia. Kesti (2007), nesta direção, apóia-se nas seguintes definições:

Sabine Wienker-Piepho defined fantasy as “the modern term for longer narrative texts which are similar to folklore genre” (2004: 32 [translation by author]). (...) Johanna Sinisalo (Sinisalo 2004: 14) defined fantasy by comparing it to fairytales. In her opinion, fantasy differs from a fairytale in the sense that it is a fairytale made exact: reality and entity together with a millieu that is both familiar and unfamiliar are the goals that the writer strives to achieve. / According to Maria Ihonen, there are three different types of fantasy. There is fantasy of a secondary world, like LOTR or Ursula Le Guin’s Earthsea-series, where the events of the world do not take place in the same reality the readers live in. There is also second world fantasy, in which there is a gateway between the real world and the fantasy world, like in Alice in Wonderland, the Narnia Chronicles, or Peter Pan. In the third type, the world of the reader is opened to question by the secondary world of fantasy, as supernatural things keep leaking into the primary world. Examples of this include Mary Poppins and the Harry Potter-books, which are between the second and third type of fantasy (WIENKER-PIEPHO, 2004 apud KESTI, 2007, p.10).

Antunes (2009) aborda alguns aspectos da obra de Tolkien que encontram eco na modernidade. Um desses aspectos é a passagem do “tempo da fantasia” para o “tempo moderno”. Isso está ilustrado quando, n’ *O Senhor dos Anéis*, o tempo

mítico finda com o final da Terceira Era na Terra-média, quando os elfos partem para sempre e inicia a Era dos Homens.³⁵

Por apresentar certa conexão com a Modernidade, existe uma grande aceitação da narrativa de Tolkien como romance, inclusive por parte do próprio autor. Esse gênero surge e se desenvolve no contexto da ascensão burguesa e capitalista, contemporâneo das Revoluções Francesa e Industrial e da corrente iluminista. Por surgir em um momento histórico repleto de mudanças, o romance:

Não tem nenhuma unicidade, que é característica fundamental dos gêneros literários elevados; e sua matéria não é um passado absoluto, cíclico e fechado em si mesmo, a matéria-prima da épica. Em termos formais, o romance é um híbrido feito, como o ser criado por Frankenstein na obra homônima de Mary Shelley, de retalhos dos outros gêneros – épica, lírica, dramática, sátira menipéica, novela de cavalaria, autos religiosos, tragédia, comédia, etc [...] (ROSSI, 2009, p. 146).

Rossi (2009) também afirma que a matéria do romance é o presente e, por essa conexão, só pode ser realista; sua característica primária é o individualismo e por isso está sempre ligada à renovação. Sua forma e conteúdos são infixos, o que facilita a assimilação de outros *modus* literários e artísticos. O autor também afirma que essa assimilação transforma o romance em algo novo, e que o épico tem sido uma das referências mais relevantes na literatura pós-moderna, se manifestando no romance e resultando do romance épico. Logo, para Rossi (2009, p. 138):

[...] o que se nota na literatura contemporânea é que romance e épica, em praticamente todas as suas particularidades, têm convivido juntos em uma espécie de simbiose que faz com que um se sustente em outro, que um se alimente do outro, podendo mesmo ser conflitantes entre si sem, no entanto, ocorrer fusão, desarticulação ou desintegração de ambos em uma síntese que resulte algo totalmente diferente de cada um dos membros dessa inter-relação.

Segundo Benjamin (1994) em *A crise do romance*, o homem épico trabalha junto e para o povo, enquanto o romancista se separa dele. A distinção entre o romance e outras formas de prosa, como os contos de fadas e as sagas, é que ele não provém da tradição oral característica do épico nem o alimenta.

³⁵ Essa passagem do final d’*O Retorno do Rei* ilustra o nosso final real do tempo considerado “mítico”, quando as tradições deixam de ser orais e se tornam escritas. A perda da fantasia está ligada ao nascimento da modernidade e a racionalização vinculada à ela. Para saber mais, ver: ANTUNES, Thiago. **Tradição e modernidade em *O Senhor dos Anéis***. Dissertação (pós-graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Araraquara, 2009. p.23.

O romance pós-moderno pode seguir a tendência do romance épico. Tornando-se como base as três características que constituem o épico, segundo Bakhtin (1998), *O Senhor dos Anéis* pode ser tomado como épico, pois apresenta um passado mítico e seu mundo é isolado do tempo presente. Para ele:

[...] a epopéia, como um gênero determinado, se caracteriza por três traços constitutivos: 1. O passado nacional épico, o “passado absoluto”, segundo a terminologia de Goethe e de Schiller, serve como objeto da epopéia; 2. A lenda nacional (e não a experiência pessoal transformada à base da pura invenção) atua como fonte da epopéia; 3. O mundo épico é isolado da contemporaneidade, isto é, do tempo do escritor (do autor e dos seus ouvintes), pela distância épica absoluta (BAKHTIN, 1998, p. 405).

A questão do herói é de significativa importância para a definição do gênero em que a obra de Tolkien se enquadra. Frye (1973) considera a saga como uma variação do romance, e que a semelhança entre o romance e a saga está na figura deste personagem. Entre outras coisas:

[...] The romance, which deals with heroes, is intermediate between the novel, which deals with men, and the myth, which deals with gods. Prose romance first appears as a late development of Classical mythology, and the prose Sagas of Iceland follow close on the mythical Eddas. [...] (SAINT CLAIR, 2000, p.39).

Saint Clair (2000, p. 42) estabelece fases para o romance, onde a missão do herói foi estabelecida por Auden (2004) como relevante para o significado e a estrutura d’*O Senhor dos Anéis*.

Auden first requires a precious object -- either immediate or farreaching, specific or philosophical -- and/or person to be found or married. [...] the object must be difficult to achieve because of the distance. [...] Auden says that the hero of the quest must be a special person with exactly the right breeding and character[...] The fourth part of the quest form requires its hero to undergo one or more tests. [...] Guardians who must be overcome before the object can be attained are Auden’s fifth quest element [...].

Como se vê em Saint Clair (2000), este elemento está presente na figura de Gollum (ainda que seja um guardião não usual em *O Senhor dos Anéis*) e também nas histórias de Beren, Lúthien, Aragorn e Arwen³⁶. O sexto e último elemento

³⁶ A exemplo de Beren e Lúthien, os descendentes dessa primeira união élfico-humana, Aragorn (homem mortal) e Arwen (elfa) só ficam juntos quando ele cumpre a tarefa imposta por Elrond, pai de Arwen. Para saber mais, ver: SAINT CLAIR, Gloriana. **Tolkien's Cauldron**: Northern Literature and *The Lord of the Rings*. Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 2000. p.45.

considerado por Auden (2004) cita a existência dos ajudantes do herói, que o auxiliam em sua tarefa através de seus poderes e sua magia.

Rossi (2009) afirma que a figura do herói não está presente em um único personagem, mas em nove. Segundo ele:

[...] Os nove componentes da Sociedade do Anel, conseqüentemente os novos heróis da história, são as seguintes personagens: Legolas, o elfo; Gimli, o anão; Gandalf, o mago; Aragorn e Boromir, da raça dos homens; e Frodo, Sam, Merry e Pippin, os hobbits. / Assim, a figura do herói, na obra-prima de Tolkien, é uma instância fragmentada em nove partes, em que cada parte tem uma função seminal para que ocorra o desfecho da trama ao final de *O Retorno do Rei* (ROSSI, 2009, p. 154).

Na obra de Tolkien existem tanto as figuras do herói épico quanto do herói romanesco. Como posto por Rossi (2009), essa fragmentação possibilita a existência de três aspectos que permitem analisar a obra como épico e romance. O primeiro é o embasamento de seus vários heróis com figuras pertencentes ao folclore e literatura dos antigos povos nórdicos. O segundo diz respeito à divisão dos sujeitos, tanto o sujeito herói quanto o sujeito vilão. Dessa maneira:

Os heróis e o vilão, portanto, são compilações de fragmentos macros (a figura do herói fragmentada em nove partes, como já visto; a figura do vilão fragmentada em partes e mais as nove representadas pelos Nazgûl, que são, em última instância, seus desdobramentos) e micros (os heróis principais de personalidades cindidas) de sujeitos, fragmentos que só perderam sua unicidade porque ela nunca existiu e, portanto, só explicam sua existência pela sua própria condição de fragmento (ROSSI, 2009, p. 156).

O último aspecto a comentar diz respeito ao fato de que ler a obra como romance épico ou epopéia romanesca se fortalece ao considerar a obra também como romance histórico. De acordo com Anderson (2007, p. 205), este variante do romance “[...] é uma épica que descreve a transformação da vida popular através de um conjunto de tipos humanos característicos, cujas vidas são remodeladas pelo vagalhão das forças sociais”. E ao seguir essa definição, dois fatores corroboram a visão de *O Senhor dos Anéis* como romance histórico. O primeiro diz respeito ao fato de Tolkien querer criar uma mitologia para a Inglaterra. Ao fazer isso, ele transformou em ficção fatos não documentados historicamente. O segundo aspecto parte do fato de que o enredo da obra é um relato histórico dos acontecimentos

finais da Terceira Era na Terra-média. Tais acontecimentos estão relatados no Livro Vermelho do Marco Ocidental.³⁷

A última classificação considerada viável por Tolkien é a de saga. Segundo Saint Clair (2000), em correspondência com o editor, Sir Stanley Unwin, e a Milton Waldman, Tolkien denominou suas obras como saga, pois associava esta denominação à duração do trabalho, nomeando seus trabalhos de “Saga das Três Jóias e os Anéis de Poder”. Ela também afirma que a saga tem como características a pretensão de ser história, o fato de seu autor demonstrar interesse por genealogias, dentre outras. Assim, a autora conclui que uma saga:

[...] is an extended, prose, chronological narrative. Tolkien is most careful to provide a concrete impression of the location: Middle-earth stands as the greatest of the created fantasy worlds. The work does indicate a protracted interest in genealogy.[...] And, *The Lord of the Rings* does claim to be a historical document[...] (SAINT CLAIR, 2000, p.73).

Como se procurou mostrar neste capítulo, enquadrar a obra tolkeniana em um único gênero é uma questão das mais complexas, pois ela assume características de vários gêneros. No entanto, *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* apresentam mais afinidades com o romance épico, tais como: a história da Terra-média, que apresenta um passado mítico; os heróis que assumem características românticas e épicas; o enredo dos três livros que aborda acontecimentos históricos do mundo subcriado. Em síntese, é nesta mistura de características que reside o fascínio da obra-prima de Tolkien.

³⁷ Inicialmente era o diário pessoal de Bilbo, no qual ele registrou os acontecimentos d’ *O Hobbit*. Frodo levou o livro para o Condado e o estojo vermelho que continha outros três volumes. Mais tarde, Sam recebeu do amigo e passou a registrar nele os acontecimentos seguintes. A esses livros foi adicionado um quinto volume. O Livro Vermelho do Marco Ocidental adquiriu esse nome porque foi preservado por muito tempo no lar dos Lindofilhos, administradores do Marco Ocidental. Foram feitas muitas cópias, sendo a primeira o Livro do Thain. Para saber mais, ver: TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**: primeira parte: a sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.19.

6 LITERATURA E HISTÓRIA INFLUENCIANDO AS NARRATIVAS DE TOLKIEN – OU, A LEITURA POR TRÁS DA LEITURA

Tolkien certamente foi um leitor bem-sucedido e erudito. Por trás de sua obra observa-se a influência de elementos pertencentes a vários gêneros literários que o ajudaram a compor sua narrativa permeada por humanos, elfos, duendes, bruxos e outros. O gênero das sagas³⁸ foi um dos que mais o influenciou. Ele estudou e ensinou língua e literatura inglesa antiga. Saint Clair (2000, p.14) afirma que “[...] Like most other scholars of Old English literature, he was professionally and personally interested in Old Norse literature”.

Em sua obra *Tolkien's cauldron: northern literature and The Lord of the Rings*, Saint Clair (2000) afirma que ambas as línguas antigas têm em comum a descendência de um ancestral germânico antigo. Isso porque:

[...] When the Angles, Saxons, and Jutes invaded England in the fifth and sixth centuries, they brought their language with them. As they conquered the island, their tongue replaced the Celtic language being spoken there. The Old English or Anglo-Saxon language remained the language of common people, government, and literature from 450 to 1150. [...]By the 1200s when English began to regain its prominence as the national language, the language had changed so much that it was called Middle English.[...] Old Norse is a term used to describe the early forms of a common Scandinavian language. The eastern group includes Swedish and Danish: the western Norwegian and Icelandic. Old Icelandic is the most important of these languages [...] (SAINT CLAIR, 2000, p.14).

Como se vê, o conhecimento de Tolkien acerca de literaturas e línguas inglesas e nórdicas antigas é profundo e muito bem *documentado*, residindo não somente em seus trabalhos literários, mas também, em seus trabalhos críticos como *Beowulf: the Monster and the Critics*³⁹, *On fairy-stories*⁴⁰ e suas traduções de *Sir*

³⁸ Sagas são narrativas em prosa extensa e cronológica, originárias em países nórdicos. Anônimas, misturam aspectos históricos com mitos e religião. St. CLAIR, Gloriana. **Tolkien's Cauldron: Northern Literature and The Lord of the Rings**. Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 2000. p.53.

³⁹ O ensaio confronta as críticas negativas feitas ao texto poético, especialmente as concernentes aos monstros, ressaltando suas qualidades e mostrando os equívocos que levaram a exploração negativa da obra. Para saber mais, ver: PEREIRA, André Luiz R. M. **Os estudos filológicos do professor Tolkien**. Apostila. p.1.

⁴⁰ Originalmente uma palestra sobre a coletânea de fadas de Andrew Lang foi posteriormente publicada no volume *Essays presented to Charles Williams* (1947) e reeditado no volume *Tree and leaf* (1964). Considerado importante para o entendimento da obra literária de Tolkien, e procura esclarecer o que são histórias de fadas, qual sua origem e para que servem. Para saber mais, ver: PEREIRA, *Idem*, p. 10.

Gawain and the Green Knight e *Pearl*⁴¹.

Ainda segundo Saint Clair (2000), a literatura inglesa antiga tem seus maiores expoentes em alguns poemas heróicos como *Beowulf*, e a literatura nórdica pode ser exemplificada pela *Völsungasaga*. Outras obras que lidam com os mesmos temas são *Das Nibelungenlied*, *Kalevala* e as *Eddas* (poética e em prosa).

Beowulf é um poema anglo-saxão sobre o qual, segundo Magalhães (2008), existem suposições de que tenha sido registrado na forma escrita pela primeira vez entre os anos de 680 d.C. e 725 d.C., no reino da Nortúmbria, onde hoje é a Inglaterra.

Os eventos do poema se passam na Escandinávia, contando com acontecimentos míticos, mas também de fundo histórico, como a morte do rei Hygelac na Frísia em 521 d.C. e as guerras entre os getas, habitantes do sul da Suécia, e os suecos. [...]

O manuscrito que chegou até nós data do século X e se encontra na biblioteca britânica sob a classificação de "Cotton Vittellus A. XV", como parte da coleção do antiquário Robert Cotton (1571-1631). Pode-se também chama-lo de "Códice Nowell" por ter sido antes da propriedade de Laurence Nowell (1515-1571). Embora tal manuscrito não possua título, foi nomeado *Beowulf* em 1805.[...] (MAGALHÃES, 2008, p. 290).

Das Nibelungenlied (A Canção dos Nibelungos) é um poema germânico escrito em alto alemão médio, por volta do ano de 1200, e cujo autor permanece anônimo. Segundo Pereira (2006), ele é uma das poucas obras de sua época que fazem parte da epopéia heróica, mas ainda existem muitas controvérsias sobre essa classificação. De acordo com Shurnway (1909, p. 1):

[...] in its present form it cannot go back further than about 1190, because of the exactness of the rhymes, nor could it have been written later than 1204, because of certain allusions to it in the sixth book of "Parzival", which we know to have been written at this date. The two Low German poems which probably form the basis of our epic may have been united about 1150. It was revised and translated into High German and circulated at South German courts about 1170, and then received its present courtly form about 1190, this last version being the immediate source of our manuscripts.

⁴¹ Originalmente em inglês médio traduzidos por Tolkien e publicados por seu filho em 1975, os três poemas encontram-se em um mesmo manuscrito e são provavelmente de um mesmo poeta. Para saber mais, ver: PEREIRA, *Idem*, p. 7.

O poema baseia-se em motivos heróicos germânicos pré-cristãos que compreendem as lendas dos nibelungos⁴², misturando antigas tradições orais com eventos e personagens históricos, tendo como cenário a batalha entre burgúndios, romanos e hunos, ocorrida em 436. Segundo Shurnway (1909, p. 1):

[...] In its present form it is a product of the age of chivalry, but it reaches back to the earliest epochs of German antiquity, and embraces not only the pageantry of courtly chivalry, but also traits of ancient Germanic folklore and probably of Teutonic mythology. One of its earliest critics fitly called it a German "Iliad", for, like this great Greek epic, it goes back to the remotest times and unites the monumental fragments of half-forgotten myths and historical personages into a poem that is essentially national in character, and the embodiment of all that is great in the antiquity of the race. [...] In all probability we must assume two, three, or even more steps in the genesis of the poem. There appear to have been two different sources, one a Low German account, quite simple and brief, the other a tradition of the Lower Rhine. The legend was perhaps developed by minstrels along the Rhine, until it was taken and worked up into its present form by some Austrian poet. Who this poet was we do not know, [...].

Alguns dos acontecimentos históricos que talvez estejam nas origens do poema são: (1) a destruição do reino burgúndio, cerca de 436 pelo romano Flávio Aécio; (2) o casamento do huno Átila com a princesa germânica Idico, em 453; (3) e o conflito da casa dos merovíngios entre a rainha Brunegilda e a amante do rei Fredegunda no séc. VI.

Shurnway (1909) também afirma que a versão escandinava da lenda existe hoje em cinco formas diferentes: a *Edda Poética*, a *Völsungasaga*, a *Edda em prosa*, a *Nornagestsaga* (A história de Nornagest) e a *Thidreksaga*. Sobre as principais produções literárias em prosa islandesas, Pereira (2006) define as *islendingasögur*⁴³ e as *fornaldarsögur*⁴⁴, e enquadra A Canção dos Nibelungos na última categoria, pois:

⁴² O mito dos nibelungos é um grupo de lendas cuja origem remonta à época das migrações dos povos bárbaros, quando invadiram e colonizaram áreas da Europa Ocidental pertencentes ao Império Romano. Uma delas é dos burgúndios. Originalmente uma raça mitológica de anões guardadores de tesouros, mais tarde o nome passa a designar uma dinastia burgúndia. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Canção_dos_Nibelungos>

⁴³ As *Islendingasögur* (singular: *Islendingasaga*) são literalmente “sagas islandesas”, mas também conhecidas como “sagas familiares”, que relatam a vida de alguns dos primeiros colonizadores da Islândia, sempre tendo em vista disputas familiares, e a morte trágica de muitos dos que estavam envolvidos. De um modo geral elas têm uma função histórica. Para saber mais, ver: PEREIRA, Valéria Sabrina. *Die küneginne rích*: O mundo feminino em *A Canção dos Nibelungos* e *A Saga dos Völsung*, 2006, p. 23.

⁴⁴ As *Fornaldarsögur* (singular: *fornaldarsaga*) são sagas arcaicas, que relatam sobre heróis, vikings ou seres sobrenaturais. Sempre remetem a tempos idos e não se passam dentro do território islandês. Para saber mais, ver: PEREIRA, *idem*, p. 23.

As *fornaldarsögur* são classificadas por um critério temporal, porque remetem a tempos anteriores à colonização da Islândia, no entanto, elas não formam um grupo uniforme e devem ser divididas em três subcategorias: as sagas sobre os vikings, as de aventuras (ou de contos de fadas) e as heróicas. As primeiras relatavam as empreitadas dos vikings em terras distantes, as de aventuras tratavam de lendas e aventuras de seres sobrenaturais e personagens relacionados diretamente com o mundo mítico, e as sagas heróicas relatavam os heróis germânicos, sendo que parte de suas histórias havia sido narrada também na *Edda Poética*. A *Saga dos Völsung* é, portanto, uma saga heróica. / Enquanto as *Islendingasögur* pretendiam ser relatos históricos, as *fornaldarsögur* encontram-se em algum ponto entre a história e a ficção, pois suas personagens se baseiam em figuras históricas que são de um tempo tão distante, como as personagens da migração dos povos, que há muito já se tornaram lendas que em pouco lembram aquilo que aqueles que as inspiraram realmente fizeram. [...].⁴⁵

A *Völsungasaga* (Saga dos Volsungs), de acordo com Magnusson (1888), foi escrita na Islândia no séc. XIII, em nórdico antigo e em forma de prosa. É a versão nórdica da história de Sigurd e do dragão Fafnir. Segundo Shurnway (1909):

[...] The adventures of Siegfried and his ancestors are here related in great detail and his ancestry traced back to Wodan. Although a secondary source, as it is based on the "Edda", the "Volsungasaga" is nevertheless of great importance, since it supplies a portion of the "Codex Regius" which has been lost, and thus furnishes us with the contents of the missing songs. [...] (SHURNWAY, 1909, p. 1).

De acordo com Pereira (2006), ela se enquadra na classificação das *islendingasögur*, pois tem uma função histórica. No entanto, ela também cabe em uma divisão das *fornaldarsögur*, heróica, pois relatavam histórias com heróis germânicos.

A *Edda Poética*, segundo Langer (2007), também conhecida como Velha Edda ou Edda de Saemundar é uma coletânea de poemas nórdicos anônimos, datada originalmente entre os séculos IX e XII d.C., escritos em norueguês antigo e preservados no manuscrito islandês *Codex Regius*. Conforme Magaldi (2006, p. 73):

O que se sabe de relevante com relação ao *Edda* seria que em meados ou final do século XII existiam na Islândia uma ou mais coleções de poemas mitológicos que o *Codex Regius*, uma cópia feita cerca de cem anos depois, representa pelo menos uma parte desses e que a coleção de trinta e quatro poemas conhecidos como *Edda* poético ou velho é tudo que chegou até nós acerca de poesia nórdica antiga mitológica ou heróica.

⁴⁵ PEREIRA, *Idem*, p. 21.

O poema se divide em cantos mitológicos e heróicos. Presentes nestes últimos estão os cantos referentes ao ciclo nibelungo. Em algumas edições são incluídos outros cantos mitológicos e heróicos que não fazem parte do *Codex Regius*. Todavia, Bellows (1936) afirma que nada se sabe sobre quem os compôs ou quando, informação provavelmente perdida no tempo. Ainda assim ela está:

[...] Preserved in various manuscripts of the thirteenth and early fourteenth centuries is a prose work consisting of a very extensive collection of mythological stories, an explanation of the important figures and tropes of Norse poetic diction,--the poetry of the Icelandic and Norwegian skalds was appallingly complex in this respect,--and a treatise on metrics. This work, clearly a handbook for poets, was commonly known as the "Edda" of Snorri Sturluson [...] (BELLOWS, 1936, p. 13).

Segundo Bellows (1936), o trabalho de Snorri mostra pistas do que poderia ser o trabalho de Saemund, o sábio (1056-1133). Nas histórias mitológicas relatadas, alguns poemas eram citados, e tais poemas pareciam ser as principais fontes de informação de Snorri. Para Bellows (1936, p. 14):

[...] it was assumed that Sæmund must have written or compiled a verse Edda--whatever an "Edda" might be--on which Snorri's work was largely based.

So matters stood when, in 1643, Brynjolfur Sveinsson, Bishop of Skalholt, discovered a manuscript, clearly written as early as 1300, containing twenty-nine poems, complete or fragmentary, and some of them with the very lines and stanzas used by Snorri. Great was the joy of the scholars, for here, of course, must be at least a part of the long-sought Edda of Sæmund the Wise. Thus the good bishop promptly labeled his find, and as Sæmund's Edda, the Elder Edda or the *Poetic Edda* it has been known to this day. (BELLOWS, 1936, p. 14)

Sobre o *Codex Regius*, Bellows (1936, p. 14) afirma que:

This precious manuscript, now in the Royal Library in Copenhagen, and known as the *Codex Regius* (R2365), has been the basis for all published editions of the Eddic poems. A few poems of similar character found elsewhere have subsequently been added to the collection, until now most editions include, as in this translation, a total of thirty-four. [...].

Na edição utilizada para a pesquisa, Bellows (1936) também discute a origem dos poemas édicos, afirmando que são trabalhos de homens diferentes que viveram em momentos distintos, e que muitos poemas existiram muito antes na forma oral e depois se tornaram escritos. Sobre a origem das lendas nas quais eles se baseiam, Bellows (1936, p. 18) mostra que:

As to the origin of the legends on which the poems are based, the whole question, at least so far as the stories of the gods are concerned, is much too complex for discussion here. How much of the actual narrative material of the mythological lays is properly to be called Scandinavian is a matter for students of comparative mythology to guess at. The tales underlying the heroic lays are clearly of foreign origin: the Helgi story comes from Denmark, and that of Völund from Germany, as also the great mass of traditions centering around Sigurth (Siegfried), Brynhild, the sons of Gjuki, Atli (Attila), and Jormunrek (Ermanarich) [...].

Quanto à preservação dos poemas, o autor acima citado também afirma que:

Most of the poems of the *Poetic Edda* have unquestionably reached us in rather bad shape. During the long period of oral transmission they suffered all sorts of interpolations, omissions and changes, and some of them, as they now stand, are a bewildering hodge-podge of little related fragments. To some extent the diligent twelfth century compiler to whom we owe the *Codex Regius*--Sæmund or another--was himself doubtless responsible for the patchwork process, often supplemented by narrative prose notes of his own; but in the days before written records existed, it was easy to lose stanzas and longer passages from their context, and equally easy to interpolate them where they did not by any means belong. Some few of the poems, however, appear to be virtually complete and unified as we now have them (BELLOWS, 1936, p. 23).

A *Edda em Prosa* foi escrita pelo estudioso e historiador Snorri Sturluson por volta do ano de 1200. Boulhosa (2004) afirma que a obra, também chamada de Edda Jovem ou Edda de Snorri, é tida como um manual islandês de técnicas de composição de poesia escandinava e possui uma estrutura ordenada das narrativas mitológicas.

Magaldi (2006, p. 72) explica que tal obra se divide em um prólogo e três partes:

[...] Gylfaginning, trecho com 20.000 palavras que trata da criação e destruição do mundo habitado pelos deuses nórdicos; Skáldskaparmál, parte com 50.000 palavras que retrata um diálogo entre *Aegir*, deus do mar e *Bragi*, deus da poesia, com ênfase ao fazer poético, tendo inclusive uma lista de apostos para pessoas e locais; Háttatal, parte com 20.000 palavras que aborda dois tipos de versos que podem ser usados pelo poeta.

Diante dessa produção, Brodeur escreve na introdução do livro de Snorri Sturluson (1916, p. 16) que:

The Prose Edda is undoubtedly by Snorri. It is preserved in three primary manuscripts: Codex Regius, early fourteenth century; Codex Wormianus, fourteenth century, named from Ole Worm, from whose hands it passed, in

1706, into the hands of Arni Magnússon; and Codex Upsaliensis, about 1300, perhaps a direct copy of Snorri's own text.

Finalmente, tratar-se-á da obra que mais exerceu influência nos trabalhos de Tolkien, tanto no que diz respeito aos aspectos mitológicos, quanto nos aspectos linguísticos. A *Kalevala* é um conjunto de poemas tradicionais milenares, coletados por Elias Lönnrot (1802-1884), escrito em finlandês antigo e dialetal, que fundou a base do sentimento de uma identidade nacional quando o país era um Grão-Ducado autônomo pertencente a Rússia.

Na obra *Kalevala: Poema primeiro* (LÖNNROT, 2009), afirma-se que a epopéia, publicada pela primeira vez em 1835, continha 32 cantos que aumentaram para 50 quando da segunda publicação, em 1849. A matéria-prima do poema *Kalevala* provém da tradição oral camponesa, e seu nome remete a um personagem popularmente conhecido: o gigante Kalevala.

O biógrafo oficial de Tolkien, Humphrey Carpenter, afirma que o primeiro contato do autor com o *Kalevala* data de 1911, durante seu exame final na St. Edward's. A semelhança entre Lönnrot e Tolkien vai muito além do fato de que ambos pretendiam conectar as histórias de seus países a um passado épico. A descoberta d'O *Kalevala* leva-o a procurar uma edição na língua finlandesa original e, assim:

[...] began Tolkien's long-term association with this Finnish source that would surface in his own work as both content (the Silmarils, and various treatments of Túrin Turambar) and form (the sprawling collection of myths, tales, annals, poems, and chronicles of the Silmarillion proper, as well as Quenya, the Elvish language inspired by Finnish) [...] (PETTY, 2004, p. 69.).

A partir da exposição das principais obras que influenciaram seu trabalho, percebe-se que Tolkien criou personagens com jornadas particulares a serem realizadas, como as quais cada leitor pode se identificar. Em sua forma de escrita, ele interliga tantas experiências humanas que torna suas histórias relevantes mesmo em nosso mundo.

Por isso sua história é considerada um mito contemporâneo. Por trazer à tona imagens de acontecimentos reais e obras literárias eternizadas pelo tempo, *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit* e *O Silmarillion* são fontes de prazer, conhecimento e principalmente, fonte de informação.

7 O PROCESSO DE LEITURA

A leitura é um instrumento importante de conscientização e liberdade social. Segundo Silva (1993), a leitura é um instrumento contra a ignorância e a dominação, exemplificando quando cita que aqueles que gostam de um bom romance, sabem que a literatura cria no leitor tensões e suscita intuições acerca da vida humana.

O processo de criação da obra literária, de acordo com Silva (1993, p. 22), se dá quando:

Movido por um sentimento do mundo e recebendo influências desse mundo, o escritor articula idéias, transforma referenciais da realidade no sentido de viver a experiência da criação e, assim, estruturar o seu texto. [...] Através dos elementos da obra (personagens, tempo, espaço), devidamente trançados, o autor dá forma e expressa uma perspectiva cultural – perspectiva essa que se origina de sua ideologia, de seu universo de valores, de sua maneira peculiar de refletir e ver a realidade.

Silva (1993) também afirma que o bom escritor torna visíveis os problemas da sociedade a qual pertence, estabelecendo uma ligação entre a criação e a politização da consciência artística. Assim, a leitura do texto literário faz com que o leitor o confronte com o objetivo de

[...] constituir o seu significado e chegar aos referenciais que demarcam o seu contexto, ou seja, aos referenciais do mundo pretendido pelo autor. Vê-se, portanto, que o texto faz a mediação para a comunicação ou interação entre dois contextos: o do autor e o do leitor [...] (SILVA, 1993, p. 25).

Ao afirmar que Tolkien queria criar um mundo secundário passível de credibilidade pelo leitor, percebe-se a preocupação com a visão que ele teria sobre o mundo, influenciado pela leitura de suas obras, pois o leitor já lê imbuído das concepções ditadas pelo grupo social ao qual pertence. Tais concepções de mundo, segundo Zilberman (2001), influenciam a maneira como se processa a leitura. Ou seja:

[...] atravessado pelas práticas vigentes no meio em que vive, o leitor absorve-as e as reproduz; mas a incorporação delas dá-se sob a forma de interpretação de modo que, ao fazê-lo, ele interfere sobre o mundo posto à sua frente. / Este mundo aparece sob a forma de um texto, o que significa dizer que a realidade se apresenta a ele mediada por palavras fixadas pela escrita [...] (ZILBERMAN, 2001, p. 84).

Ao analisar a importância do ato de ler, Almeida (2006, p.11) afirma que “a informação, a educação e a leitura estão diretamente relacionadas”, e que a leitura de obras literárias, apesar de não ser o único tipo de leitura que forma opinião, é uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento do verdadeiro leitor.

Uma obra literária está cercada do contexto de seu autor. Assim, o leitor, afastado no tempo e no espaço do autor, busca o sentido da obra em seu próprio contexto. Jouve (2002, p.23) afirma que, para o leitor, o texto parece criar “seu próprio sistema de referência”. Iser (1985 *apud* JOUVE, 2002, p.23), por sua vez, afirma:

O discurso ficcional está privado da situação referencial, cuja determinação rigorosa assegura ao ato lingüístico sua plena realização. Essa falta evidente não implica qualquer fracasso do discurso de ficção, mas pode servir de ponto de partida para entender melhor a particularidade do discurso de ficção.

Ou seja, esse sistema de referência, uma carência do discurso (cujo objetivo é informar), não o é para o texto estético, cujo objetivo é proporcionar prazer. Como o texto literário é um texto estético, ele não (obrigatoriamente) busca fazer referência ao seu contexto, mas possibilita que o leitor traga suas experiências e valores para a leitura.

A sociedade atual disponibiliza vários meios para se conseguir qualquer tipo de informação. Mesmo assim, não é válido afirmar que o hábito da leitura (principalmente de obras literárias) tem ocupado pouco espaço no grupo de atividades dos jovens. Segundo Almeida (2006), o grande problema está no fato de que o adolescente não se identifica com o que lê.

Nessa direção, segundo Lima (s.d, p.05), “dizer que os jovens não lêem é algo bastante clichê”. O “não gostar” de determinado tipo de leitura é uma amostra do desenvolvimento de sua capacidade crítica. Como Almeida (2006) descreve, a escola tem uma importante função nesse desenvolvimento, todavia ela não cumpre seu papel como deveria. Ademais, a própria família se abstém da responsabilidade de educar crianças e jovens para ler, transferindo-a para a escola e, desse modo, sobrecarregando as responsabilidades dos educadores.

Os jovens hoje exercem sua liberdade de escolha de forma mais atuante no que diz respeito ao (des)gosto pela leitura de determinado texto, o que é

comprovado pelo sucesso ou fracasso de determinados gêneros literários. Lima (s.d., p.08) afirma acerca desse problema, que quando:

[...] apresentados a uma obra de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade ou Clarice Lispector, muitos deles saem correndo e dizem detestar. Por outro lado, quando se fala nas aventuras de *Harry Potter*, *Percy Jackson* ou na série *Crepúsculo*, a maioria conhece [...].

Almeida (2006), por sua vez, explica que os contos de fadas têm um papel importante na formação dos jovens leitores, pois o primeiro contato com literatura se dá por meio desse gênero, que exerce forte influência na busca pela identidade da criança. Sobre essa questão importa observar o ponto de vista de Indily, leitora de Tolkien contatada no fórum Valinor, portanto, apreciadora desse gênero literário:

Gosto de ler desde criança, gibis, livrinhos [...] coisa que com o tempo foi aumentando. Adoro livros de fantasia. A leitura abre a imaginação e aumenta o vocabulário, é ótima forma de aprendizado e diversão, fora o estímulo ao cérebro. Comecei a ler influenciada por minha mãe que ama leitura. (Depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

Apesar do depoimento da leitora de Tolkien, Almeida (2006) salienta, contudo, que nem sempre uma criança que goste de conto de fadas se tornará um adolescente com gosto por leitura.

Somada às novas formas de expressão trazidas pelo desenvolvimento tecnológico, como o ambiente on-line que propicia meios inovadores de expressão, alterou-se a forma de ler. Conforme Almeida (2008, p. 36), a evolução do conhecimento também passa pela transformação do comportamento do “ser humano-leitor e, conseqüentemente, do ambiente intelectual literário”, o que ocasiona uma melhor inserção no novo mundo virtual.

7.1 AS PRIMEIRAS LEITURAS DE TOLKIEN

Os entrevistados aqui contemplados para estudo, ou seja, os leitores e estudiosos de Tolkien possuem trajetórias de leituras diferenciadas, embora existam semelhanças quanto às influências, aos incentivos e à prática da leitura, seja pela da família, por amigos ou por professores. Entre eles é possível observar que o gosto pela leitura começava cedo: “Minha mãe lia gibis pra mim até eu aprender a ler” (Carlos, Depoimento coletado em 20 de dezembro de 2010). Alguns foram

influenciados pela família, tal como é o caso de José (Depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011), que informa: “Comecei a ler por incentivo da família, com a coleção de Monteiro Lobato do sítio do pica-pau amarelo. Eles queriam desenvolver em seus filhos a vontade de ler.”

É necessário informar que dentre as práticas iniciais de leitura estão inseridas o *ver ler* e o *ouvir ler*, segundo Carvalho (2007), o que ficou marcado na memória de cada um:

Recordo, desde antes de aprender a ler, que eu ia até o quarto dos meus pais e deitava na cama onde meu pai estava lendo gibis da Turma da Mônica que ele gostava e eu adorava ver os quadrinhos, ler as imagens, então ele lia algumas histórias pra mim. Também me lembro que eu pedi a minha mãe, antes de entrar na escola (inicieei com 6 anos no antigo jardim), que me ensinasse a ler e ela me deu uma cartilha (embora pedagoga, ela não tinha tempo, pois trabalhava o dia inteiro, nem muita paciência de me ensinar). Minha vó materna, com a qual morávamos e que me cuidava, semi-analfabeta, começou a me ensinar as letras, depois a juntar as letras e lembro que a primeira palavra que formei foi OI. (Larissa, depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

Enquanto alguns não especificaram o tipo de leitura que os iniciou nessa prática, outros afirmaram que os gibis e HQ's foram as primeiras leituras que realizaram. Essa experiência é evidenciada, por exemplo, pelo leitor Paulo. Como ele mesmo informa:

Sempre busquei conhecer as coisas, e minha família sempre incentivou a leitura, as duas coisas se juntaram. Comecei com gibis como Mônica, HQ's como Homem-aranha e Batman e fui evoluindo para livros e hoje leio praticamente tudo que entra no meu gosto. (Paulo, depoimento coletado em 10 de janeiro de 2011).

Carvalho (2007) também constata em sua pesquisa que a primeira leitura dos jovens leitores de *O Senhor dos Anéis* ocorreu por meio de gibis ou HQ's. Apesar de alimentarem a leitura, tais materiais são discutidos quanto à legitimidade de seus conteúdos, por vezes negligenciados pelos mais críticos. Sobre esse aspecto, é interessante verificar o debate da questão da legitimidade que Chartier procura fazer com Pierre Bordieu:

[...] as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que é que eu leio que mereça ser declarado?”. Isto é: “o que é que eu leio de fato de literatura legítima?” [...] E o que ele responde, não é o que escuta ou lê

verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido (CHARTIER, 2001, p. 236).

Retomando, Carvalho (2007, p. 110), ele afirma que a leitura de HQ's:

[...] É uma leitura que não exclui a literatura, principalmente a fantástica. Aliás, ao contrário, é uma leitura que familiariza os jovens com o mundo de fantasia, com os heróis, acessórios mágicos, missões grandiosas e condições adversas, além de poderes extra-humanos e realidades imaginárias. [...]

Após falarem sobre os gibis, os entrevistados narram as lembranças do que Carvalho (2007) chama de “leituras de literatura”, ou seja, os livros que “marcaram suas práticas de ler”. Dentre os discursos reunidos, merecem ser destacados os seguintes:

No início da adolescência foram as aventuras da série Vaga-Lume⁴⁶, li vários títulos e “A Turma da Rua XV” foi o livro que mais me marcou na época. As leituras sobre a Segunda Guerra, especialmente os bastidores das decisões sempre me empolgaram e poderia dizer vários títulos que ainda hoje gosto muito. E, finalmente, os livros de JRR Tolkien publicados no Brasil. Releio todos pelo menos uma vez por ano, são os livros de “ficção e fantasia” que mais gosto. (Edson, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Sempre as de fantasia. As que me fazem deixar meus problemas um pouco de lado fazendo a mente vagar. (Indily, depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

Aquelas que me fizeram pensar e que acrescentaram algo ao meu pensamento. (Mônica, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

Grande parte dos sujeitos contatados por meio da Internet afirma que a leitura de *O Senhor dos Anéis* foi uma das mais marcantes. De acordo com os leitores, marcantes no sentido de algo que os transportam para outro “mundo”, como dito por Indily. Ou, ainda, que lhes causam a sensação de terem absorvido algo de valor em suas vidas, como explica o depoimento de Mônica.

Outra situação observada é a influência da escola no início da relação aluno-leitura e no conhecimento de obras literárias. O leitor Edson afirma que começou a ler por exigência da escola, o que também se deu com o respondente Anônimo 1. Esse último, aliás, informa que “apesar de sempre ler livros para a escola, a leitura

⁴⁶ N. autor: A série Vaga-Lume é uma coleção de livros lançada pela Editora Ática a partir de 1972, cujas obras são principalmente voltadas para um público infanto-juvenil. Coleção que divertiu a geração de adolescentes dos anos 80 e 90, foi um marco de todo mundo que gostava de ler.

de fato passou a fazer parte da minha vida quando ganhei um livro do Harry Potter [Prisioneiro de Azkaban] de aniversário. Tinha 11 anos de idade e foi a primeira vez que li um livro ‘de verdade’, sem ser aqueles de historinhas de escola” (Anônimo 1, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

As respostas de Edson e do entrevistado anônimo esbarram na colocação de Lima (s.d.) sobre a contribuição da escola nos hábitos de leitura de crianças e jovens. Almeida (2006) também aborda essa questão, citando a má qualidade da aula e a falta de preparação do professor como a principal causa para o aluno desgostar da leitura na escola e considerá-la uma prática “forçada”.

Mas por quê a escola? Ora, porque é nela que a criança recebe os primeiros aprendizados e começa a desenvolver aqueles ensinamentos aprendidos em casa. Talvez seja essa falta de estrutura em casa que faça com que os jovens comecem a desenvolver o gosto pela leitura tardiamente, a exemplo do que comunica Lucas (depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011), para quem tal processo “Foi um pouco tardio, por volta dos meus 14-15 anos, que a leitura passou a ser constante em minha vida [...]. Comecei a ler em parte por prazer e em parte por conta de meus estudos”.

A série de J.K. Rowling, ora classificada como fantasia ora como ficção, foi a leitura que reabriu as portas para uma renovada adoração da literatura fantástica. Essa informação segue a mesma direção da matéria de capa da revista Veja, de 18 de maio de 2011, intitulada “Uma geração descobre o prazer de ler”, assinada por Bruno Meier (2011). Conforme levantou esse jornalista, os jovens que sustentam a matéria explicam que a obra de J.K. Rowling – e mesmo Tolkien – alimenta esse público com um gênero que os estimula a fazer outras leituras. Assim, alguns entrevistados desta pesquisa afirmam que *Harry Potter* foi o ponto de partida para a leitura entrar em suas vidas, a exemplo do que pode ser observado abaixo:

Com Harry Potter aos 14 anos, antes disso lia forçada os livros para as provas de literatura. Comecei a ler Harry Potter e a partir daí comecei a ler de uma forma diferente, passei a interpretar realmente as obras literárias. (Monica, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

Almeida (2006), ao analisar a relação entre *Harry Potter*, o *Orkut* e a formação de leitores jovens, mostra o resgate do hábito da leitura entre adolescentes por meio da série de J.K. Rowling. Leitores de uma das obras mais conhecidas atualmente,

como a história do menino bruxo Harry Potter, da escritora inglesa J.K. Rowling, se interessam em buscar as bases nas quais ela fundamentou a história de seu personagem principal. Isso ocorre porque, segundo Dumont (1998, p. 27):

A leitura causa reação no leitor quando vai de encontro aos seus anseios, seu contexto, seu repertório informacional. Essa afirmação não exclui os textos ficcionais[...] A noção de apropriação de informação pela leitura está intimamente ligada às de gosto e aptidão para o consumo dos bens culturais em geral, que se dão segundo o nível de instrução e a classe à qual pertence o sujeito [...].

Nesse ponto, deve-se incluir também a influência de Tolkien em escritores contemporâneos como J.K. Rowling. De fato, esse é um assunto vasto, já explorado por vários autores. No fórum Valinor, por exemplo, existem vários tópicos abordando essa questão. Assim, é importante afirmar que, graças a esses novos autores, os livros de Tolkien sofreram uma clara renovação no que diz respeito aos fãs. Por conseguinte, também é possível saber um pouco sobre os fatores que os levaram a conhecer e ler o escritor inglês.

7.2 CONHECENDO E LENDO TOLKIEN

Uma questão importante, que foi investigada, diz respeito ao processo de conhecimento e leitura dos livros de Tolkien. Assim buscou-se saber: quando os entrevistados conheceram Tolkien? Como tomaram conhecimento de suas obras? Alguém os incentivou a ler? De acordo com parte dos leitores contatos, o conhecimento das obras e o incentivo a lê-las foi um processo marcado por similaridades.

Ao mesmo tempo em que conheceram os livros através dos três filmes de Peter Jackson, eles foram incentivados a ler outras obras do autor, especialmente devido às peculiaridades dos filmes, que reproduzem as características de *O Senhor dos Anéis*. Segundo Hall (2005), a adaptação fiel da trilogia de Tolkien por Peter Jackson talvez tenha sido o fator decisivo para a (re)popularização dos livros desse autor.

Isso demonstra muito claramente o papel da imagem motivando a leitura. Alguns entrevistados declararam ter se interessado por Tolkien ao saberem da existência dos filmes ou de já os terem visto. O entrevistado Anônimo 2, por

exemplo, ajuda a perceber a produção cinematográfica com indicações ao Oscar como fator motivador à leitura, pois ele diz: “Conheci a obra do Tolkien por meio dos filmes que começaram a passar no cinema no ano de 2001 (depoimento coletado em 17 de janeiro de 2011),”

Renatinha e Sauron são respondentes da pesquisa que afirmam ter conhecido os livros de Tolkien por meio de amigos. Esse primeiro contato estimulado por alguém do círculo de amizades é o modo mais comum pelo qual os leitores tiveram acesso às obras de Tolkien. Essa evidência pode ser observada abaixo:

Quando tinha 11 anos eu aluguei pela primeira vez O Senhor dos Anéis (As duas Torres). Achei muito legal, e depois que acabou o filme fui ver o extras. Antigamente eu nem lia as legendas direito, apenas via palavras de relance. Fique intrigado, pois vi umas palavras estranhas várias vezes: Tolkien. Para mim "Tolkien" era uma nova câmera de filmes, ou uma nova técnica. Mas resolvi pesquisar. Acabei descobrindo que Tolkien era o criador de O Senhor dos Anéis, e pedi de natal à minha vó, o livro de O Hobbit. Quando chegou o livro, nem me interessei, mas resolvi dar uma folheada, quando comecei a ler as primeiras páginas, fui gostando, não conseguia para de ler. Li tudo em uma semana (eu nunca tinha lido um livro com mais de 50 páginas). Assim, depois de um tempo comprei o Senhor dos Anéis, o Silmarillion e depois o Atlas da Terra Média (adoro mapas). Agora vou ganhar Os Contos Inacabados no natal. E é assim... (Caio, depoimento coletado em 21 de dezembro de 2010).

No entanto, percebe-se pelas respostas que o mero fato de conhecer Tolkien por meio de uma determinada fonte não significa afirmar que eles se sentiram incentivados a lê-lo, principalmente quando se deparam com as volumosas páginas de *O Senhor dos Anéis*. Mas além dos filmes, o RPG ou *Role Playing Game*⁴⁷ foi outro fator que incentivou alguns dos entrevistados a lerem algumas das obras de Tolkien, tal como é o caso de André e de Luana, o que demonstra também a influência desses jogos na aproximação dos indivíduos ao mundo da leitura. Carvalho (2007, p.116) afirma que:

[...] este jogo tem grande influência na popularização das leituras de fantasia entre os jovens no Brasil. É o meio cultural privilegiado onde circulam leituras não legitimadas pela escola, mas muito apreciadas pelos jovens jogadores. [...] O RPG responde ao anseio que a literatura de fantasia desperta nos jovens: de se projetarem num mundo fantástico, de se inscreverem num livro de magia, onde o mundo ainda não perdeu o valor do encanto, da beleza, da ética, do amor, da amizade, da lealdade, da bravura e da honra [...].

⁴⁷ Ver nota 6.

A respondente Livy afirma que conheceu o autor “[...] quando estava no ensino médio, através das citações de uma banda de metal, Blind Guardian”⁴⁸ Como em *Harry Potter*, o prestígio de Tolkien se faz presente também na música, o que aponta para o sucesso pelo qual as mídias associadas aos escritos de Tolkien têm conseguido difundir essas obras entre diferentes públicos. Segundo Hall (2005, p. 13):

When examining how Tolkien influenced pop-culture in this period very little merchandising is apparent. It seems rather than capitalizing on the books, they influenced other artists to create other works of art. Probably the most significant of these spin off works of art are musical in nature. On August 30, 1964 Tolkien sent a reply to composer Carey Blyton giving him permission to compose a *Hobbit Overture*. Tolkien seemed quite flattered by this saying, "As an author I am honored to hear that I have inspired a composer.⁷⁸ " He goes on to say that music gives him great pleasure. ⁷⁹ A musical treatment such as this is quite respectable and would conform to ideas of high art and would avoid a kitsch like treatment.

No entanto, o autor aponta que o trabalho de Carey Blyton não é o mais famoso trabalho musical inspirado no autor. O *rock and roll* é o estilo musical que melhor representa a influência de Tolkien na música. A existência de bandas e cantores como *Led Zeppelin* e *Blind Guardian* confirmam essa colocação.

Enquanto Livy conheceu Tolkien através da banda *Blind Guardian*, a respondente Larissa foi influenciada pelo autor como pré-requisito para a pesquisa de sua tese de doutorado. Ao investigar sobre a quantidade de trabalhos acadêmicos a respeito de *O Senhor dos Anéis*, ela constatou que existem poucos estudos que o tenham como tema.

Por outro lado, Dettman (2006, p. 1) afirma que:

[...] in the last decade Tolkien's writings have seen a significant increase in academic discussion and publishing. This increase is in part due to the popularity of the films, but also because of the rise of a new generation of academics who grew up reading Tolkien and have ended up in the academic profession because of the inspiration of Tolkien's works. These scholars are much more willing to take Tolkien's works seriously and devote considerable efforts to understanding his fiction in relation to his scholarship and in relation to our reading of and reaction to *The Lord of the Rings*. This trend has been aided by the great broadening of academic disciplines since the

⁴⁸ *Blind Guardian* é uma banda de *power metal*, formada em meados da década de 1980, em Krefeld, na Alemanha. Além de demonstrar influências em Tolkien, a banda geralmente busca inspiração para suas músicas na cultura medieval e nas mitologias nórdica e grega. Disponível em: <<http://www.blind-guardian.com>>

first publication of *The Lord of the Rings*. English literature no longer focuses only on “serious literature” (whatever that may have meant) but it now encompasses many types of literature, and is much less concerned with evaluating the “quality” of a work, but more with the uses of, reaction to, and micro-culture of a text.¹ There are also whole new disciplines – such as popular culture (or film studies) that not only see Tolkien as a legitimate topic, but view his writings as part of the core works in the canon they discuss.

O discurso acima evidencia que, muito além de incentivar a leitura de seu gênero, Tolkien acaba por ser responsável por um número cada vez maior de pessoas que começam a estudarem história e literatura antigas, conhecendo assim suas influências intelectuais e culturais e conseguindo, no final, captar o tom real do conjunto de suas obras.

Percebendo a literatura como uma formação histórica, Chartier (1994 *apud* ZILBERMAN, 2001, p. 85), esclarece que “[...] não [se] faz dela um objeto privilegiado de estudo. Seu material é o texto [...]”. No entanto, ele também afirma que o seu herói é o leitor, ou seja, na “[...] concepção de Roger Chartier, o leitor deixa de corresponder a uma função passiva [...]”, interagindo com a narrativa e posicionando-se em relação às situações e as personagens que compõem uma obra literária (ZILBERMAN, 2001, p. 85)

Longe de ser um processo passivo, a leitura faz com que o homem amplie seus conhecimentos da realidade e passe a ter uma consciência crítica, tornando-se um produtor de conhecimento. Silva (1993, p. 35), assim, afirma que a leitura do texto escrito – quando ligada à educação – exercita dois fatores: a formação e a informação, posto que:

[...] a *obra escrita* é, essencialmente, um registro da cultura produzida pelo homem nas suas diferentes etapas evolutivas. E sendo um registro da cultura, não há como se deixar de utilizá-lo na transmissão de conhecimento às novas gerações [...]

Mas ao retomar os relatos dos leitores de Tolkien, dentre os lugares mencionados para se realizar a leitura, a casa foi o principal local escolhido. Mas isso não é regra. Chartier (1991, p.151) afirma que a leitura “atua, portanto, nos diversos níveis da privatização [...]. É uma das práticas constitutivas da intimidade, remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou a suas emoções, na solidão e no recolhimento.” Essa questão diz respeito aos modos de ler e à intensidade da leitura, aspectos estes marcados por subjetividades, preferências,

condições e decisões pessoais de cada leitor.

Quanto ao propósito da leitura entre os leitores de Tolkien, ler por diversão foi a resposta mencionada pela maioria dos sujeitos contatados na pesquisa, exceto André. Como ele mesmo rememora: “A primeira vez que li foi como diversão, apenas. Posteriormente, quando meu interesse por arte e literatura aumentou, bem como minha oportunidade de trabalhar com literatura, passei a ler com olhos de estudioso” (depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Entre os respondentes é interessante notar que eles não se referem a realização de leituras de Tolkien na biblioteca, embora Carvalho (2007, p. 114) afirme que “[...] a biblioteca [...] [é] [...] um espaço de lembranças de leituras individuais[...]”. Gabriela, por sua vez, relatou sobre os livros de Tolkien que: “Como são livros especiais, leio quando tenho muito tempo de sobra, pois sempre gosto de divagar nas estórias e ficar imaginando coisas. Sempre de madrugada, pois é sempre mais calmo [...]”. (depoimento coletado em 20 de janeiro de 2011).

Palavras similares são percebidas também no discurso de Caio, que prefere ler no silêncio do próprio quarto. Segundo ele: “Espero chegar de noite, acendo uma luminária, deito na cama, e leio até não aguentar mais[...]” (Caio, depoimento coletado em 21 de dezembro de 2010).

Tal como observado por Chartier (1991, p.143 *apud* CARVALHO, 2007, p. 116), “[...] ler em silêncio, para si mesmo, basta para criar uma área de intimidade que separa o leitor do mundo exterior: portanto, mesmo no meio da cidade, na presença de outrem, ele pode ficar sozinho com seu livro e seus pensamentos”. Esse entendimento faz pensar que a leitura demanda atenção e observação, daí a necessidade do silêncio e às vezes do isolamento. Juliano (depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011) relata que lê

“Devagar, sorvendo cada palavra, anotando detalhes, consultando os apêndices e os mapas, acompanhando as mudanças geográficas”, o que caracteriza uma leitura do tipo extensiva, por meio da qual os significados são desvendados cuidadosa e criteriosamente com o auxílio de outras fontes de informação.

Conforme Chartier (1994), a revolução da leitura no século XVIII apresenta como característica a passagem da leitura intensiva para a leitura extensiva. Dumont (2007) cita Chartier em sua pesquisa sobre os estilos e as práticas da leitura, destacando duas fases:

[...] Até a segunda metade do século XVIII, a época descrita como leitura intensiva caracterizava-se por ser o leitor (leitor intensivo) confinado a uma quantidade pequena de livros, restando-lhe o recurso de relê-los, decorá-los, recitá-los e até memorizá-los, transmitindo seus conteúdos de geração em geração. O assunto abordado também não era dos mais variados; normalmente, prendiam-se à vida religiosa e a temas da autoridade. Já o leitor extensivo da segunda fase, possível após a democratização da leitura e a proliferação do material impresso, é dominado pela fúria de ler e exerce uma atividade crítica [...] (DUMONT, 2007, p. 66).

Contudo, Dumont (2007) afirma que essa divisão pode ser questionada, já que na época da leitura intensiva também existiam leitores extensivos e na atualidade, devido à existência dos documentos digitais há uma tendência restritiva de alguns leitores. Mas em que pese a crítica de Dumont (2007), a classificação de Chartier pode ser utilizada para englobar os leitores de Tolkien, pois ao mesmo tempo em que eles leram e releram os livros, caracterizando a leitura intensiva, eles também são críticos em sua leitura, o que caracteriza um leitor extensivo.

Mais que alternativa de entretenimento e lazer, seja ela intensiva ou extensiva, o inegável é a importância do hábito da leitura. Nesse sentido, Almeida Junior (2007) afirma que a leitura é muito importante para a Ciência da Informação e para a Biblioteconomia, consistindo numa atitude profissional a ser adotada na construção da competência informacional do bibliotecário. Ou seja, ter o ato de ler como uma prática regular consiste numa estratégia importante de autoaprendizado que todo profissional ou cidadão na sociedade da informação precisa adotar.

Como explica Campello (2003), ser competente em informação significa compreender a necessidade do aprendizado ao longo de toda a vida. Mas como pensar o papel do bibliotecário como mediador de leitura se ele mesmo não for um leitor? Como sensibilizar estudantes de Biblioteconomia para a leitura? Como mudar o comportamento de indivíduos adultos não-leitores? Por certo, estas são questões difíceis de responder, sobretudo porque dependem do despertar da consciência individual de cada estudante/profissional para os efeitos da leitura em sua formação intelectual, técnica, científica e cidadã.

Muito embora existam críticas quanto ao tipo de gênero trabalhado por Tolkien, considerando-o como leitura apolítica ou como uma espécie de fuga da realidade, o fato é que as obras desse autor têm contribuído para a construção da leitura como prática habitual. Assim, é possível encontrar entre os leitores aqueles que inclusive já leram as obras por mais de uma vez. Entre os respondentes

contatados, Cassiano (depoimento coletado em 13 de dezembro de 2010) diz ter lido “[...] tantas que já perdi a conta. De *cabo-a-rabo*, devo ter lido *O Senhor dos Anéis* umas cinco vezes, o *Silmarillion* umas cinco também, e os outros um pouco menos. Mas muitas vezes eu seleciono algum trecho pra ler, e aí fica difícil fazer a conta, hehe”.

As leituras e as releituras de *O Senhor dos Anéis* são mais frequentes que dos outros livros de Tolkien. O respondente Brian (depoimento coletado em 21 de dezembro de 2010) informa ter lido “The Lord of the Rings about 20 times. The Hobbit and The Silmarillion probably about 10 and 5 times respectively. I have read most other works two or three times. Some passages much more often as I have studied them.” Por sua vez, Robin (depoimento coletado em 24 de dezembro de 2010) coloca que leu os livros de Tolkien, mas sem especificá-los:

Other than the first documented 100 times, it's impossible to say. For a while, I re-read every year, always in the summer, when I first read them. Then after getting back into the fandom with the film, I re-read the books quite a lot, plus History, plus Silmarillion. I've also taught Tolkien, so that leads to more re-readings.

Entre os leitores, as obras de Tolkien, como as leituras de seu gênero, suscitam reações de encantamento. Carvalho (2007, p.136) explica que tais reações envolvem o tratamento dado às personagens como se fossem reais, chegando ao máximo com a sacralização do autor, haja vista que:

A leitura d’*O Senhor dos Anéis* provoca em seus leitores este apagamento da distância entre a realidade e a fantasia. Os leitores tratam dos personagens como se fossem seres reais e, alguns jovens, envolvidos com esse mundo imaginário, chegam à sacralização do escritor [...] (CARVALHO, 2007, p.136)

Os sentidos dados ao texto também são variados. Quando questionados sobre no que a leitura de *O Senhor dos Anéis* difere de outras leituras que fizeram, os leitores citam que:

A consistência. Escritores de fantasia não se preocupam com detalhes. Afinal, já é fantasia, se for absurdo não tem problema, certo? Errado. A coerência dos fatos interfere drasticamente na imersão do leitor. O ambiente narrado não faz parte do mundo real, mas mesmo assim possui as suas leis, sua lógica. Se a história contraria a lógica do mundo a que pertence, conseguimos enxergar o autor na história, podemos ver a sua criatividade "batendo no fundo do pote". Se o personagem de repente criou asas e voou,

não soa coerente, e a gente olha pro escritor com cara de "ok, boa tentativa" (Fernando, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

Tolkien aborda muitas personalidades, muitos perfis psicológicos e isso me atrai. Além do envolvimento de seres de raças diferentes, de deuses e criaturas poderosas, além de um mundo onde a vida tem laços maiores e mágicos, como não podemos ter em nossa realidade. É uma forma de se teleportar para um mundo melhor, onde coisas grandiosas são possíveis, onde se pode ser um deus ou um grande guerreiro, ou um dragão ou um anão. É incrível! (Marcos, depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

Senhor dos Anéis, através de toda sua complexidade histórica e geográfica, me fez enxergar com bons olhos disciplinas que nunca me dei muito bem no colégio, como História e Geografia. Tolkien me fez compreender que História não é decorar datas, e sim entender fatos, e que a história é circular. (Patrícia, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

Quanto à leitura dos outros livros de Tolkien:

Aprecio bastante o fato de que Tolkien, como um autor moderno, não tenha abraçado um modo irônico, quase niilista. Acho que é isso o que o diferencia (embora não o faça melhor nem pior) de outros autores importantes da literatura no século XX (André, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Toda boa leitura nos faz viajar pela história contada, mas o diferencial de Tolkien é que o mundo fantástico descrito por ele é tão crível, que me faz parecer que vivo na Terra-média enquanto estou lendo, não só viajando como um "intruso" de fora; faço parte dela, (Edson, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Ela é mais "romântica" que as outras. Mais "passional", digamos assim. Tudo gira em torno de construir um mundo onde todos serão felizes, enfrentando conflitos de vontades, de poderes, de desejos e caracteres. Nela encontro personagens com os quais me identifico, assim como o faço com pessoas que conheço. Além, é claro, há uma descrição muito elaborada dos ambientes e clima em que os personagens são dispostos. Demais! (Marcos, depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

A conquista do leitor de Tolkien torna-se possível uma vez que, no processo criativo, ele pensava em um mundo secundário que pudesse ser verossímil e passível de credibilidade. Dessa maneira, um fator que faz com que o leitor tolkieniano possa acreditar, se projetar e desfrutar dessa "realidade subcriada" é o perfeccionismo desse autor, tal como se observa em Monteiro (2007, p. 2):

Ao longo de dezessete anos, Tolkien escreveu, reviu e reformulou uma história que devia ser apenas uma continuação de *The Hobbit* mas que, a pouco e pouco, se transformou numa epopeia medieval projectada num tempo anterior à cristandade, numa terra remotamente parecida com a Inglaterra mas antes da separação dos continentes. Para povoar este mundo que, em grande medida, é uma produção do

inconsciente, carregada de símbolos e emotividade, Tolkien fez uso da sua extraordinária capacidade filológica [...]./ Esta forma peculiar de imaginação, alimentada por um profundo rigor científico e um vasto conhecimento da história medieval estão na base da epopeia fantástica onde a mitologia nórdica se combina com a sociedade medieval germânica pré-cristã, guerreira, violenta, visualizada do ponto de vista não dos senhores, dos cavaleiros, mas dos povos, dos homens e mulheres anônimos que se tornam nos verdadeiros heróis. O enquadramento estético, esse Tolkien vai buscar à cultura celta, que não arturiana.

Ademais, nas obras desse autor são observados valores de amizade, lealdade, romantismo e inteligência, demonstrados em toda a narrativa de Tolkien. Talvez por isso seja tão fácil se identificar com um ou outro personagem e, mais ainda, transportar-se para o universo da Terra-média. Em seu conjunto, esses aspectos da condição humana servem como elemento de atração aos que ainda acreditam e sonham com um mundo real melhor.

7.3 TOLKIEN E SUAS COMUNIDADES DE LEITORES

Almeida (2008) afirma que o meio literário brasileiro, antes inspirado nos modelos de comportamento principalmente franceses, passou a seguir o rumo “americano” de conexão, representado pelos salões literários como principais pontos de encontros, somados e mais tarde substituídos pelas salas de bate papo, sites de discussão (fóruns) e comunidades virtuais. Então, para Almeida (2008, p. 38):

Ler é um trabalho de linguagem, é encontrar sentidos e nomeá-los em direção a outros nomes, a outras leituras, a outras culturas. E quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer, pois um conhecimento leva ao outro. Quanto mais se adquire conhecimentos através da leitura mais se quer conhecer sobre as culturas.

Essa autora, também, coloca que o acesso fácil ao texto proporciona uma fusão completa no exercício da leitura. O acesso ao livro, que nem sempre foi livre a todos, se tornou melhor a partir da modificação dos ambientes de leitura. Hoje, em certa medida em função da Internet, as fontes de informação literárias são encontradas nos formatos impresso e virtual.

Os primeiros pontos de encontros literários, de acordo com Almeida (2008, p. 42), “[...] surgiram na França do início do século XVI. Cafés, restaurantes e, principalmente, os salões literários eram freqüentados essencialmente pela elite burguesa e pelos intelectuais da época [...]”. Já no século XVII, os salões literários

passaram a ser vistos com desconfiança pela corte real. Passado esse momento, uma rua inteira parisiense se torna o maior ponto de encontro da sociedade francesa. Ou seja:

[...] Com seus cafés, restaurantes, hotéis e salões, a rua de Bourg passa a ser, além do lugar de encontros literários, também o local de residência da maioria dos freqüentadores desse ambientes: a elite intelectual, composta por literatos, juristas, cientistas, eclesiásticos e artistas plásticos renomados. [...] (ALMEIDA, 2008, p. 43).

É preciso ressaltar a diferença entre os salões existentes na época. Os salões residenciais eram locais para reuniões familiares, onde discutiam assuntos leves; os salões das cortes reais eram locais onde a comunicação não era livre; finalmente, os salões literários eram lugares onde as pessoas podiam ler, discutir literatura, jogar, beber e se divertir despudoradamente.

No século seguinte, os salões literários passam a se adaptar ao surgimento do mundo capitalista, perdendo a aura glamorosa dos períodos passados. É nesse momento que os primeiros salões literários surgem no Brasil. Os salões cariocas foram os primeiros abertos aos encontros literários, copiando fielmente o modelo francês.

O período áureo dos salões brasileiros teve seu fim com a consolidação do poder republicano, pois a elite intelectual estava incomodada com o autoritarismo do governo, levando ao seu isolamento em pequenos salões fechados. Já no século XX, a Europa passa por um momento de renovação (para a literatura e as outras artes).

Almeida (2008, p.47) aponta o lançamento do Congresso do Espírito Moderno⁴⁹ como um ponto de partida para a agitação intelectual que fervilhava na França nesse século, afirmando que a Semana de Arte Moderna no Brasil “se tornaria ponto de partida para as conquistas da literatura brasileira no século XX”.

Assim, os espaços literários voltam a ganhar destaque no Brasil e no mundo. Almeida (2008, p. 47), em sua dissertação sobre fontes de informação em literatura

⁴⁹ O Congresso do Espírito Moderno foi lançado na França, em março de 1922. Era um espaço onde se podia novamente respirar cultura. Para saber mais, ver: ALMEIDA, Patrícia Pinheiro. **Fontes de informação literária na internet: uma avaliação.** Florianópolis, 2008, 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

na Internet, aponta que as primeiras feiras do livro se consolidaram a partir dos anos 40 como pontos de encontro literários mundiais, em que:

A primeira Feira do Livro de Frankfurt aconteceu no mês de setembro daquele ano. A escolha da cidade se devia ao fato de que as grandes editoras alemãs da época – como a Brockhaus, a Insel e a Suhrkamp – haviam se fixado na região. Após cinco edições, a Feira do Livro de Frankfurt se consagrou, em 1953, como ponto de encontro da literatura mundial ao receber um maior número de participantes estrangeiros que os próprios alemães. Seguindo a tendência de Frankfurt surgem feiras do livro por toda a Europa, como a de Londres, Paris, Belgrado, Berlim, Lisboa, dentre outras. Na América se consolidam a Feira de Guadalajara, no México e de Québec e Toronto, no Canadá; e no Brasil a Bienal do Livro, a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e a Festa Literária Internacional de Parati (FLIP), considerada hoje como um dos mais importantes festivais literários do mundo.

Diante do contexto aqui exposto, o fórum **Valinor** – a partir do qual foram obtidos os depoimentos que sustentam este trabalho de conclusão de curso – é um exemplo de salão literário, porém, virtual, criado especificamente para a discussão da obra do professor e filólogo J.R.R. Tolkien. Nesta comunidade virtual, os usuários, leitores de várias idades, procedências, históricos de vida e práticas de leitura tão diferentes, interagem e socializam-se entre si e constroem práticas semelhantes dentro de seu grupo e diferentes de outros.

No fórum, os tópicos de discussão tratam dos mais variados assuntos, desde a vida do autor até as mais variadas adaptações de suas obras, passando pelas influências do escritor até aquelas que o autor inspirou. As discussões permitem compartilhar suas interpretações acerca dos aspectos da obra e sobre os textos. Os tópicos de notícias também trazem novidades sobre lançamentos póstumos, além de curiosidades referentes à família do escritor.

Por tudo o que esse canal de comunicação transmite, entende-se que Valinor é um site importante para os leitores de Tolkien:

[...] que existe desde o ano 2000, é [o que reúne] o maior em número de membros e acessos [pessoas que visitam a página] e possui uma grande estrutura de funcionamento. Para manter o site ativo na rede mundial de computadores são necessárias várias pessoas – que em sua maioria são jovens – que utilizam seus tempos livres para atualizarem as informações do site, proporem e moderarem as discussões dos fóruns, organizarem o recebimento de material para divulgação e outras atividades (CARVALHO, 2007, p. 154).

O site da Valinor engloba outros sites, como o Ardalambion, Durbatulûk e Lothlórien. Cada um deles dedica-se ao estudo de um assunto específico das obras de Tolkien. Em seu conjunto:

[...] esses sites construídos por jovens nos dão uma demonstração a respeito dos desdobramentos da nova revolução da leitura, como denomina Chartier (1999a, pp. 100-101) quando fala que a revolução do texto eletrônico é também uma revolução da leitura. Essa revolução tem grande acolhida nas redes grupais juvenis da atualidade e, como demonstrado, nas comunidades de leitores de tipo moderno que são, também, comunidades virtuais. A possibilidade de transitar por *arquipélagos textuais* sem fronteiras, como salienta Chartier, dá aos jovens a oportunidade de terem acesso a textos de línguas estrangeiras que, de outro modo, eles não conheceriam. Tolkien, no Brasil, não é um autor estudado nas universidades, nas disciplinas de literatura estrangeira ou em qualquer outra (CARVALHO, 2007, p.166).

As leituras de um modo geral são inspiradoras. Ler Tolkien, para a maioria dos usuários do fórum, também o é. Isso se espelha na vasta produção de artigos e traduções publicados no site. Apesar disso, poucos afirmaram produzir algo relacionado ao universo tolkeniano (e nem sempre referente à escrita). A respeito dessa constatação, faz-se importante observar os depoimentos dos seguintes usuários do fórum Valinor:

Nunca escrevi nada, meu talento está nos trabalhos manuais para tentar extravasar ânsia por coisas da Terra-média. Então, como eu disse, faço desenhos e maquetes. Já fiz maquetes de Dol Guldur, Orthanc, Barad-dûr e Amon Sûl antes de sua destruição, na Segunda Era. E pretendo ainda este ano fazer algo mais relacionado (Edson, depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010).

Tenho tentado compor algumas letras de musicas, algumas melodias já estão quase prontas. (Juliano, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

Sim. Já esbocei uma estória à la SdA, mas ainda não está nem de longe terminada (Lucas, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

Apesar de não fazer parte de nenhum grupo sobre Tolkien, a leitora Robin (depoimento coletado em 24 de dezembro de 2010) escreve “Lord of the Rings fan fiction, sort of combined movie and story verse”. É importante frisar que a relação com o mundo virtual não acarreta a supressão do suporte impresso, pois a comunidade Valinor só existe em função do livro materializado. Ademais, todos os entrevistados leram livros impressos.

A maioria dos entrevistados citou pertencer somente ao fórum Valinor como um grupo de leitores de Tolkien. Contudo, os participantes Fernando (depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011) e Larissa (depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010) citam uma rápida passagem pelo fórum conhecido como Conselho Branco, ressaltando que atualmente fazem parte apenas da Valinor.

Na condução da pesquisa, verificou-se que há quem não considere o fórum como um grupo de leitores. Assim, leitores como Carlos (depoimento coletado em 20 de dezembro de 2010) e Indily (depoimento coletado em 12 de dezembro de 2010), afirmam que não fazem parte de nenhum grupo de leitores de Tolkien, apesar de estarem presentes na Valinor [*sic*], o que levantou o seguinte questionamento: o fórum Valinor é um grupo de leitores? Pelo que se pôde analisar na pesquisa afirma-se que sim, pois nele são discutidos aspectos literários sobre as obras de Tolkien, de suas influências e obras influenciadas, além de discutir literatura variada.

Merece destacar também a leitora Verlyn, que participa do *The Annual Tolkien Symposium*. O conhecimento da existência desse grupo por ela se deu – como ocorre na maioria das vezes – ao pesquisar sobre os livros e/ou filmes de Tolkien. Logo, mais uma vez tem-se a eficiência dos filmes de Peter Jackson em servir como *merchandising* para os livros.

De um modo geral, os leitores encontrados em Valinor começaram a participar desse grupo com o objetivo de interagirem com outros fãs e saberem mais sobre a vida e as outras obras do escritor. Entre os respondentes é comum observar que muitos, antes de participar do fórum, não conheciam ninguém com quem pudessem discutir algo relacionado ao mundo de Tolkien, tal como relatado a seguir quanto aos motivos que levaram um leitor a essa comunidade virtual:

Porque o perfil psicocultural típico dos leitores de Tolkien [ou "tribo dos nerds", como preferir] não é tão compatível com a cultura popular como gostaríamos, logo costuma existir uma certa carência social que acaba nos forçando a nos aglutinar por internet [ou outros meios independentes de geografia] (Fernando, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

O constante aprendizado sobre a cultura da Terra-média e as notícias em primeira mão sobre novos livros e sobre o filme *O Hobbit*, as amizades, as constantes interações entre os fãs são os principais motivos apontados como pretexto para os usuários continuarem atuantes no fórum. A imersão na comunidade

Valinor levou a um dos principais questionamentos quanto ao gosto pela leitura de Tolkien ter ou não a ver com pertencer a grupos que discutam as obras desse autor.

Fernando (depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011) afirma que no mínimo é um pré-requisito, devido à quantidade de páginas. Outros também respondem positivamente, tal como se pode verificar abaixo:

Sim. Pois dentro desses grupos tudo pode vir à mente quando você participa de uma discussão. (Paulo, depoimento coletado em 20 de janeiro de 2011).

Tem a ver no sentido que um levou ao outro. Sem gostar de ler eu nunca me sentiria à vontade na Valinor, por exemplo, porque tudo tolkien-related é discutido com muito mais profundidade que a mostrada nos filmes. (Patrícia, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

Outros que enfatizaram que o gosto pela leitura tem a ver com pertencer a grupos que discutem Tolkien foram os leitores Carlos, Claudio, Edson, Lucas, Marcos, Renatinha, Verlyn e Sauron. Todavia, isso não é consenso, pois Cassiano, André, Gabriela e Luana têm outro posicionamento:

Não necessariamente. Em qualquer obra literária, cada leitor pode encontrar múltiplos significados e ainda há a questão do gosto, pois o que agrada um, não necessariamente agrada o outro. Há ainda pessoas que só gostam de um tipo de leitura, Romance de Fantasia, por exemplo, e despreza outras formas de literatura, o que pode vir a ser um perfil comum e não muito produtivo dentro de um grupo. A obra de Tolkien, por exemplo, conduz a uma série de outras obras, como a literatura medieval, os contos de fadas, as sagas nórdicas, etc., mas nem todos os leitores compartilham desse interesse, o que torna o pertencimento a um grupo pouco produtivo, na minha opinião. Por outro lado, ter interesse em participar de um grupo pode ser estimulante, especialmente para pessoas mais novas. (André, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Tem, mas o primeiro não é *sine qua non* para o segundo. Há quem goste de leitura e não participe de nenhum grupo, tenho vários amigos nessa condição. Mas naturalmente quem pertence a grupos e participa, é pq gosta da leitura. (Cassiano, depoimento coletado em 13 de dezembro de 2010).

Não necessariamente. Você pode gostar de ler, mas não gostar muito de grupos de discussão e essas coisas do tipo. Mas não se consegue participar desses grupos sem gostar de ler, até porque, ler Tolkien exige um pouco mais de dedicação, visto que não é uma leitura fácil (Gabriela, depoimento coletado em 20 de janeiro de 2011).

Acho que são coisas que podem ser separadas. Não vejo a necessidade de participar de grupos de discussão e tenho certeza que não participar destes não influenciou o meu gosto pelos livros do Tolkien (Luana, depoimento coletado em 03 de janeiro de 2011).

Na mesma linha de pensamento pode ser enquadrado Juliano (depoimento coletado em XX de XXXX de 2011), que afirma que gostar de leitura não tem a ver com pertencer a grupos que discutem Tolkien e suas obras, e sim “[...] tem a ver diretamente com tudo o que posso aprender com ela, e o prazer da leitura por si só”. Por outro lado, na condução da pesquisa foi possível verificar que algumas leitoras penderam para os dois lados da questão, ou seja:

Não, mas teve e tem um grande peso por meu interesse nos livros que leio hoje em dia. Sempre comparo as histórias, o modo de escrever, as informações a respeito da historia como um todo. E nos grupos sempre tem muitas indicações e comparações com as obras do Mestre (Nessa Ancalímon, depoimento coletado em 22 de dezembro de 2010).

No meu caso específico, não. Mas se pensar que o gosto por leitura me fez estudar e gostar dos estudos sobre História do Livro e das Práticas de Leitura e Escrita e isso me levou a estudar estes grupos [...] talvez sim (Larissa, depoimento coletado em 25 de janeiro de 2011).

Como já foi dito, foram vários os fatores que levaram os entrevistados a lerem as obras de Tolkien: influência de amigos, banda musical, jogos de RPG, outras leituras baseadas no gênero e, principalmente, a adaptação dos livros para o cinema na trilogia *O Senhor dos Anéis*. É interessante notar, também, que existe um dia específico para se ler Tolkien. É o *Tolkien Reading Day*⁵⁰, realizado no dia 25 de março de cada ano.

Uma atitude como essa pode ser vista como uma consequência da onda de interesse que Tolkien desperta pelo mundo. Sobre isso, os entrevistados têm muito a dizer:

Tolkien teve uma proposta que contrastava com a perspectiva geral de sua época. Quando boa parte dos escritores se lançava para um modo irônico e/ou niilista, ele surgiu com uma proposta um pouco mais otimista, de modo que preenchesse uma grande lacuna deixada pelos outros autores. Sua obra não é alienada, porque não esconde que haja problemas e dificuldades, mas mostra que há uma esperança apesar de tudo – conforme ele propõe no *Sobre Histórias de Fadas*. Mas uma característica importante na obra de Tolkien e que foi compartilhada por outros autores foi o retorno ao mítico, que é de alguma forma, uma tentativa de atribuir significados novos ao universo cotidiano (André, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

A composição entre duas fortes características: a coerência, já citada, faz com que o conto seja *crível*, ao passo que a citação a lendas reais e estereótipos de povos reais ancora a mitologia no subconsciente do leitor

⁵⁰ Data criada pela *Tolkien Society* como dia devotado à leitura da trilogia ou a qualquer livro de Tolkien. Disponível em: <<http://www.tolkiensociety.org/ed/tolkienreadingday.html>>.

que já conheça essas culturas e lendas originais, causando uma sensação de "ter saudade do que nem sequer conheceu". Isso talvez explique o motivo de o interesse ser bem maior em pessoas mais cultas (quanto maior o conhecimento das culturas reais do mundo, maior a sensação de familiaridade ao ver as citações sutis) (Fernando, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

Em minha pesquisa eu pude perceber que os valores éticos e morais esboçados na obra era uma das suas características que mais atraem os jovens leitores. Poderem adentrar, através da leitura, num mundo onde há amizade, onde a honra é um valor e a lealdade não é desprezada, onde o bem e o mal mostram-se claramente, ou não podem se esconder por muito tempo, mas que o verdadeiro herói é aquele que carrega o seu amigo para tornar o fardo mais leve, é uma experiência que os jovens gostam de ter, encantam-se com ela e dela tornam-se fãs, querendo revivê-la continuamente. Além do que é um livro que não subestima a capacidade dos seus leitores, não é bobo, fácil com letras grandes. É um livro ótimo. Num mundo de corrupção, violência, traição e banalização do amor, esses jovens leitores buscam uma trégua nas obras de Tolkien (Larissa, depoimento coletado em 25 de janeiro de 2011).

It's hard to generalise. The main reason is that it is very readable and gripping and moving, in the ways I tried to express in my earlier answers. It may also be that its 'Englishness' appeals to some readers, while the fact that it is not actually set in England prevents it from seeming too limited to one country. It is also possible that people apply it to local/regional circumstances: the story of a small people being threatened by a big aggressive Power can obviously be applied in many different ways. (Brian, depoimento coletado em 21 de dezembro de 2010).

Cláudio (depoimento coletado em 20 de janeiro de 2011) afirma que Tolkien desperta o interesse de tantos leitores pelo mundo porque "[...] ele conseguiu introduzir elementos de diversas áreas e pra diversas pessoas [...]", enquanto Renata (depoimento coletado em 22 de dezembro de 2010) afirma que esse interesse ocorre "pela qualidade de sua escrita e pela atualidade de seus temas". Assim, percebe-se que Tolkien influenciou a leitura de obras que repercutem até a atualidade, dessa forma seus livros além de constituírem grandes obras literárias, podem ainda atuar como fontes de informação da cultura medieval e valores humanos, de conhecimento e de prazer.

7.4 TOLKIEN COMO FONTE DE INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E PRAZER

A prática da leitura sofreu grandes mudanças ao longo de sua história. Seu conceito também mudou, ampliou-se devido às experiências e aos avanços da tecnologia. Ler não significa meramente decifrar códigos e interpretar textos: é o resultado das atividades do homem, construído ao longo de suas experiências e do

contato com o mundo a sua volta. Com efeito, a prática da leitura é uma atividade importante para a obtenção do conhecimento e na formação do ser social.

Ao pesquisar sobre as práticas de leitura, percebe-se que nem todos gostam das mesmas leituras ou daquelas compartilhadas pelo seu grupo. Conforme Pais (2003 *apud* CARVALHO, 2007, p. 94):

A juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se a compararmos com outras gerações; heterogêneo logo que a examinamos como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

Estando a educação intimamente ligada às práticas de leitura, não há como conceber o fato de existir tanta aversão a leitura ou a aliteracia, sobretudo em tempos de se despertar para a consciência da importância do aprendizado para toda a vida. Nessa perspectiva, Silva (1993) divide em três as categorias de leituras – segundo o propósito –, as quais podem inclusive ser aplicadas à leitura dos livros de Tolkien. De acordo com o autor, a leitura serve como informação, conhecimento e prazer.

Como informação, Silva (1993) afirma que a leitura serve para atualizar o homem; como conhecimento, ela se relaciona à pesquisa e ao estudo; e como prazer, ela serve a uma função estética, levando o leitor ao encontro dos gêneros literários. As obras de Tolkien se encaixam perfeitamente nas três categorias, dependendo do uso que o leitor tenha em mente para a leitura que pretende realizar.

Almeida Júnior (2007, p. 34), afirma que a leitura está no cerne da apropriação da informação e que

[...] Por ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. A informação também é disforme, moldando-se ao acervo de conhecimentos de quem a procura. Assim, o documento permite a comunicação da informação. Por sua vez, a decodificação desse documento, o decifrar de sua linguagem, enfim, a leitura é que possibilitará sua apropriação [...].

A informação é, segundo Le Coadic (2004, p. 4), um “[...] conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte”. Para os bibliotecários, a informação passou a ser objeto de estudo a partir dos anos de 1960, à medida que as bibliotecas experimentavam os efeitos e

os impactos da utilização das então Novas Tecnologias de Informação de Informação e Comunicação (NTIC).

A informação só pode estar presente quando se faz uso da leitura, de acordo com o que explica Almeida Júnior (2007). De maneira operativa, ela se processa por meio das fontes ou dos canais pelos quais flui. Segundo Barbosa (1989), fontes de informação são “[...] a origem na qual a informação adequada pode ser retirada [...]”. Atualmente, as fontes de informação são inumeráveis, graças à apropriação da Internet para diferentes fins (políticos, culturais, científicos, econômicos e sociais). O *Guides to information resources*, da University Libraries⁵¹, classifica as fontes de informação em primárias, secundárias e terciárias.

[...] as fontes primárias são definidas como “material original” e “não filtrado por interpretações”; as fontes secundárias são “interpretações e avaliações de fontes primárias”; e as terciárias são uma espécie de “destilação e coleção de fontes primárias e secundárias” [...] (PINHEIRO, 2006, p. 2).

No contexto desta discussão sobre fontes, a literatura também deve ser entendida como fonte de informação porque, segundo Nova (1998), ela nasce dentro dela mesma, ou seja, da intertextualidade, fazendo referências às muitas outras literaturas, sejam elas ficcionais ou não. A autora afirma, ainda, que hoje em dia é comum a interação entre os textos e as artes. Nesse caso, pode-se citar a versão fílmica da trilogia de Tolkien, dirigida por Peter Jackson.

Silva (1993) classifica a leitura em três categorias, afirmando que uma classificação pode mudar à medida que o material lido é apreendido e adquire (ou não) outro significado. A primeira categoria é a informacional, ou seja:

A leitura informacional me mantém atualizado a cerca dos acontecimentos que ocorrem ao meu redor. Com o objetivo de acompanhar os fatos do meu contexto e outros contextos, dirijo a minha consciência, habitualmente, para aqueles veículos escritos (diários, seminários ou mesários) que funcionam como difusores rápidos de informações (SILVA, 1993, p. 54).

A segunda categoria, por sua vez, corresponde à leitura de conhecimento ou formativa, aquela que coleta ou fornece informações para gerar conhecimento, estando diretamente ligada ao desenvolvimento de estudos e à elaboração de

⁵¹ A *University Libraries* faz parte da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

trabalhos acadêmicos, à produção de livros, revistas ou, ainda, à pesquisa básica e aplicada. Significa dizer que:

A leitura de conhecimento está diretamente relacionada com os meus processos de pesquisa e estudo. Enquanto uma pessoa que optou por uma profissão e que, por isso mesmo, tem determinadas responsabilidades sociais a cumprir, o estudo permanente daqueles conteúdos circunscritos a minha área de atuação na sociedade coloca-se como fundamental (SILVA, 1993, p. 54).

A terceira e última categoria diz respeito à leitura de prazer ou entretenimento, um tipo de leitura que proporciona divertimento sem muita preocupação com o aspecto do saber. Gibis, alguns tipos de periódicos e obras literárias são exemplos deste tipo de leitura. Assim, explica-se que:

A leitura de prazer estético me conduz a poesia e a outros gêneros literários. Os horizontes propostos pela literatura são ilimitados e as suas interpretações, dada a polissemia da palavra literária, infinitas. A convivência com textos literários, a motivação da busca de bons autores, em muito alimenta a minha consciência e me permite chegar a conhecimentos os mais diversos (SILVA, 1993, p. 55).

O entusiasmo também está voltado para a busca das obras que influenciaram o trabalho de Tolkien, pois para construir seu universo fantástico, ele recorre a uma ampla gama de fontes. Os pontos principais nos quais baseou seus personagens, lugares e acontecimentos estão presentes no seu vasto conhecimento sobre linguística, literatura antiga e história.

As principais fontes utilizadas por Tolkien foram as sagas e os textos já demonstrados em capítulo específico produzido nesta pesquisa. Para o leitor das obras desse escritor inglês, deve-se ter em mente que Tolkien criou um mito cosmogônico em *O Silmarillion*, bem como os acontecimentos da Terra-média para adequarem-se aos seus idiomas particulares, tal como ele mesmo menciona em uma carta pessoal para Christopher Bretherton. Na mesma correspondência, ele explica que:

O germe de minha tentativa de escrever lendas minhas para adequarem-se a meus idiomas particulares foi o conto trágico do infeliz Kullervo no *Kalevala* finlandês. Permanece um aspecto importante nas lendas da Primeira Era (que espero publicar como *O Silmarillion*), embora como “Os Filhos de Húrin” esteja inteiramente modificado, exceto no final trágico [...] (CARPENTER, 2006, p. 328).

Os leitores de Tolkien conseguem – aos menos aqueles capazes de realizar uma leitura intertextual, ou seja, de perceber as referências a outros textos – identificar elementos de outras obras e textos míticos. Entre os mais identificados tem-se os temas e as características encontradas em textos e poemas nórdicos e celtas. Houve, também, quem identificasse temas como aqueles encontrados na Bíblia e elementos das lendas arturianas. Outros leitores conseguem fazer essa relação somente após o estudo com maior acuidade das obras de Tolkien. A respeito dessas constatações, importa ler os depoimentos abaixo:

Consegui apenas depois de algum estudo. Há, por exemplo, a presença de espadas e artefatos mágicos, que remontam aos contos de fadas e ao ciclo arturiano. Várias referências ao Beowulf: o rei Hrothgar e Sauron são chamados de doadores de anéis; o episódio do roubo da taça do dragão por Bilbo é semelhante ao roubo do dragão de Beowulf; a personagem Fruta D'Ouro parece ser uma espécie de ondina (personagem do folclore alemão); o Anel parece ter paralelo com o Anel dos Nibelungos ou mesmo com o Anel de Giges, relatado na República de Platão, etc. Alguns autores apontam ainda referências a textos mais recentes, como Shakespeare, por exemplo (André, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Desde a básica associação de cada povo da terra média a um povo do mundo real (Anões -> Bárbaros / Hobbits -> Celtas / Haradrim -> Árabes / etc) até mesmo citações de histórias específicas, como a lenda do continente perdido de Atlântida sutilmente citado com o naufrágio de Númenor (Fernando, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

[...] alguns elementos cristãos na obra, como na criação a semelhança da origem de Lucifer e da origem de Melkor (ambos eram os mais 'fortes' e se rebelaram contra o criador), além da própria demanda do anel, que começou em 25 de dezembro (natal) e terminou em 25 de março com a queda de Barad-dûr (data original da páscoa na Inglaterra medieval) (Anônimo 1, depoimento coletado em 16 de janeiro de 2011).

Sim, mas eu precisei estudar muito para encontrá-los. O menos óbvio, mas mais importante, é a Bíblia, pois Tolkien era Católico e os povos bons do Ocidente compartilham sua crença. Não é óbvio porque, sendo que os elfos conheciam os Ainur pessoalmente, e os Ainur conheciam Deus (Eru Ilúvatar) pessoalmente, a construção de templos era desnecessária para a Fé verdadeira. / Os Valar são basicamente os deuses nórdicos, encaixados em uma posição de anjos judaico-cristãos. Os dragões vêm de várias fontes, como o que mata Beowulf, e também Fáfnir no Edda. Túrin Turambar é baseado tanto em Sigurd/Siegfried como em Kullervo do Kalevala. A Queda de Gondolin é baseada na Ilíada. A Queda de Númenor é baseada no conto de Atlântida. O conto de Eärendil é baseado no verso “Éala, Éarendel, engla beorhtast” que gerou a frase em Quenya *Aiya Eärendil Elenion Ancalima!* “Salve Eärendil mais brilhante das Estrelas!” e a partir daí gerou todo o resto da história. Talvez mais importante do que qualquer conto épico, me parece que a história de vida de Tolkien teve mais impacto nos seus livros do que qualquer coisa que ele tenha lido. Os seus heróis sempre perdem os pais cedo na vida, como ele. Sempre são criados por um tutor, como ele. Sempre se apaixonam por uma mulher de cabelos escuros e olhos claros, como ele. Sempre o tutor proíbe o romance dos dois, como aconteceu com ele. Sempre o herói precisa fazer o impossível

para receber permissão para se casar com a mulher que ama, como ele. E sempre a esposa vem de uma “linhagem” diferente, o que causa problemas de relacionamento, como os que Tolkien tinha com a esposa, que era católica relutante (ela preferia ser protestante e converteu-se porque Tolkien exigiu), muito menos culta do que ele e, por isso, não se encaixava no mundo acadêmico que era o habitat natural do Prof. Tolkien e seus amigos (Rodrigo, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

Day, em seu livro *O mundo de Tolkien* (2004), aborda uma vasta gama de influências que permearam o trabalho de Tolkien, não somente os livros relacionados à Terra-média, mas suas obras como um todo. Ele afirma que Tolkien:

[...] recorre a “Beowulf” e às histórias anglo-saxônicas, o idioma que lecionava em Oxford. Ele olha para as lendas celtas, por exemplo, na história e nos personagens dos elfos. Na mitologia nórdica, o deus Odin está na base da criação tanto de Sauron, o Senhor do Anel, como do mago Gandalf. Tolkien aborda lendas do rei Arthur, da Islândia e da Alemanha, assim como histórias bíblicas e da Grécia e Roma antigas, mitos tibetanos e a lenda da Atlântida. [...] Nos reinos de Arnor e Gondor, por exemplo, Tolkien viu os reinos divididos de Roma e Bizantina. Assim como as tentativas de Carlos Magno em reunir esses elementos sob o Império Carolíngio, coube a Aragorn reunir os povos de Dúnedain. Os elfos, assim como as tribos hebréias de Moisés, são o “povo escolhido”, que sobrevive a terríveis dificuldades para chegar à “terra prometida das Terras Imortais. As grandes frotas de guerra dos Senhores de Umbar, sem mencionar o uso de elefantes, são comparáveis aos senhores de Cartago (DAY, 2004, p. 6).

Ecoando as respostas de grande parte dos entrevistados, Day (2004, p. 7) também esclarece que:

[...] Em Melkor, também conhecido como Morgoth o Inimigo Negro, Tolkien empregou elementos do personagem de Satã no *Paraíso Perdido* de John Milton. Enquanto isso, *A canção de Roland*, obra-prima da literatura medieval, oferece inspiração para a última atitude de Boromir em sua batalha com os orcs em Amon Hen. Os pensamentos de Tolkien sobre Shakespeare, por outro lado, foram menos lisonjeiros. Ele não gostava de dramas e dizia que “a descrença não deve apenas ser suspensa, mas enforcada, afogada e esquecida”, e saboreou especialmente a heresia literária de criticar o grande poeta. Em sua “Marcha dos Ents”, que ecoa a chegada do Grande Bosque de Birnam a Dunsinane em *Macbeth*, e a morte do rei-Bruxo, que se relaciona com a profecia da própria morte de Macbeth, Tolkien está aprimorando esses motivos shakesperianos (DAY, 2004, p. 7).

Ao identificar textos e elementos de outros poemas míticos, os leitores trazem à tona o que Carvalho (2007, p. 171) chama de:

[...] uma outra produção dos jovens leitores de Tolkien: o gosto por história, pelo período histórico medieval, por mitologia. Nestes termos, eles produzem novos sentidos ao conhecimento histórico. Não àquele

das aulas de história da escola, em que datas e nomes assumem valor primordial, mas outros sentidos, de deleite, de pesquisa por aspectos da história que encantam, que estão presentes em leituras de fantasia, em jogos de RPG. Sentidos que significam o conhecimento histórico.

Questionar se os leitores entrevistados conseguem identificar nas obras elementos de outros textos, pode mostrar muito da forma como eles lêem os livros de Tolkien, ou seja, se buscam informações complementares ao que lhes desperta a curiosidade na produção desse escritor inglês. Ou, mais especificamente, da finalidade da leitura das obras do autor. Ao mesmo tempo em que, como leitora, a autora deste trabalho de conclusão de curso possa considerar que Tolkien se adéqua às três categorias, a finalidade dessa leitura pode ser diferente.

Entre os leitores contatados, Indily foi a única a afirmar que lê Tolkien como fonte de informação. Cassiano, Fernando, José, Livy, Luana, Marcos, Patrícia e Renatinha e o entrevistado Anônimo 2 afirmaram que lêem Tolkien essencialmente por prazer, ou seja, de maneira descompromissada com o conhecimento. Partindo do pressuposto de que o conhecimento é adquirido através da informação, Claudio, Sauron, Edson e Rodrigo foram alguns dos poucos a declarar que lêem os livros de Tolkien de ambos os modos. Por outro lado, têm-se também os leitores que lêem essas obras com as três finalidades, tal como declarado abaixo:

Serve sim como informação, conhecimento e prazer, embora esses termos sejam um pouco abrangentes demais. O universo de Tolkien é enorme e fascinante, e dentro dele podemos encontrar muitas coisas semelhantes ao nosso mundo. Sua obra não é informativa no sentido de um manual de instruções ou de um texto antropológico, mas ela pode transmitir alguns valores ao examinar diferentes culturas, pessoas e posturas e o modo como elas se relacionam entre si. Acho que uma palavra melhor para informação seria sabedoria – conforme explicitado por Walter Benjamin no ensaio “O Narrador” –, pois Tolkien não explica demais seu universo, mas dá os elementos de forma que o leitor possa atribuir seu próprio significado. Indo para uma seara mais restrita, o conhecimento contido em sua obra, especialmente para os interessados em literatura, é bastante evidente, e ainda abre portas para diversos mundos mais antigos e fascinantes. O prazer estético envolvido em sua leitura é evidente, especialmente pela capacidade de fornecer um mergulho em um novo universo, ao mesmo tempo diferente e semelhante ao nosso, e, por vezes, mais encantador e fascinante. Tolkien consegue isso ao se afastar do modo irônico, que geralmente distancia o leitor dos fatos narrados. Ao contrário, Tolkien traz tudo para perto, sem, porém, tornar-se excessivamente piegas (Andre, depoimento coletado em 15 de dezembro de 2010).

Os livros de Tolkien servem para tudo, pois através deles tenho um passatempo prazeroso e amplio minha percepção de literatura, quero pesquisar a fundo os aspectos de sua obra (Mônica, depoimento coletado em 19 de janeiro de 2011).

I don't really separate these out--I read them for pleasure, I read them to analyze them, I read them to teach--it's all pleasure, but also involves work (this approach is not unknown among literature professors who often love much of what they teach) (Robin, depoimento coletado em 24 de dezembro de 2010).

Para mim, todas as três. Como informação porque fornece pistas, por exemplo, sobre a imagem da mulher no que se imaginava ser a Idade Média e, indiretamente, na sociedade das décadas de 1930 a 50; como conhecimento porque o vocabulário utilizado por Tolkien vai além do usual, tanto em inglês como em português e, com isso, meu repertório é enriquecido; e como prazer porque, como já disse, a leitura desse autor é prazerosa tanto em termos de linguagem quanto trama e conteúdo (Renata, depoimento coletado em 22 de dezembro de 2010).

Ao conseguir identificar tais elementos e classificar Tolkien no tipo de leitura cuja finalidade seja informar, entreter ou promover conhecimento, percebe-se que:

Tolkien quis, efetivamente, produzir uma obra de história, um mito. [...] A escrita de Tolkien, o cuidado com as histórias dos povos que habitam a Terra-Média, com as línguas, fazem com que os jovens se interessem pelo modo como o autor produziu o texto e se interessem por história. Na procura pelas fontes históricas inspiradoras de Tolkien, os jovens dão novos sentidos à pesquisa e ao ensino de história (CARVALHO, 2007, p.171).

A mitologia, sendo um conjunto de mitos que narram a história de um povo, intercala a história e a literatura na escala de interesses dos leitores de Tolkien. O que se percebe nas referências textuais é que, de posse de novas formas de conhecimento sobre o autor e suas obras, os leitores criam espaços culturais onde podem compartilhar e discutir suas leituras, fazer amizades e trocar experiências, tal como ocorre no fórum Valinor.

Nesse contexto, o que se entende a partir da análise das respostas dos leitores contatados na pesquisa, e da leitura da biografia e das obras de Tolkien, é que a construção mais bem-sucedida do hábito de ler irá depender das finalidades e das estratégias escolhidas pelos mediadores, sejam estes educadores, contadores de história, bibliotecários e outros.

Mas, independente das estratégias escolhidas e das finalidades que se quer alcançar, formando leitores a partir dos livros de Tolkien, é fundamental saber que mais tais obras são fontes de prazer, de informação e, principalmente, de conhecimento, tal como revela esta pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se, pois, às considerações finais deste trabalho. A pesquisa realizada buscou produzir conhecimentos sobre J.R.R. Tolkien para subsídio às atividades de formação de leitores. Assim, entende-se que a leitura de obras literárias deve ser estimulada pelo profissional bibliotecário, pois esta é umas das suas principais funções, especialmente quando inserido no ambiente escolar ou em bibliotecas públicas e comunitárias.

O estudo mostra que Tolkien criou uma diversidade de personagens em seus romances, cada um com sua própria jornada em uma estrutura narrativa épica num mundo ficcional, inclusive com aspectos etnográficos e linguísticos próprios. Ele escreveu sobre o bem e o mal. Seus contos, entrelaçados com tantas personalidades diferentes, de alguma forma consegue provocar a autoidentificação do leitor com os personagens, razão talvez do sucesso de suas obras até a contemporaneidade. Em seus escritos, Tolkien teve o cuidado de equilibrar as batalhas épicas e pessoais dos seus personagens.

Ao criar um mundo no qual os idiomas são igualmente (re)inventados ele não se contentou apenas em criar uma história, mas personalizar seus personagens a partir de sua erudição sobre história, geografia, etnologia e linguística. Com efeito, Tolkien criou um núcleo complexo de seus escritos, envolvendo as mesmas emoções e valores importantes na vida humana: amizade, lealdade, compaixão e amor. Aspectos que precisam ser incentivados em crianças, jovens e adultos, ainda que por meio da leitura.

Tolkien fez fluir, para dentro de suas obras, seus conhecimentos, suas ideias, suas leituras e posições enquanto intelectual de Oxford, professor de literatura inglesa medieval e anglo-saxã, estudioso de mitologia, filologia e letras clássicas. Assim, a leitura de *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis* e *O Silmarillion* traz à tona todas as influências do autor, sejam elas históricas ou literárias.

Por meio desta pesquisa foi possível conhecer as construções de práticas culturais realizadas pelos leitores, traduzidas não somente na produção de trabalhos acadêmicos, mas, também, no esboço de novas histórias e na construção de comunidades de socialização da leitura, sejam estas presenciais ou virtuais.

Entrecruzando a contribuição teórica de Ezequiel Theodoro da Silva (1993) com o material empírico recolhido na pesquisa, foi possível compreender como a

leitura de uma obra literária pode atuar como fonte de informação. Assim, percebe-se que, ao mesmo tempo em que os leitores de Tolkien identificam os temas que influenciaram o escritor, eles também conseguem ver as obras como fontes de informação, apesar da leitura não ter, necessariamente, esse objetivo. Pois a intenção primeira de Tolkien foi criar uma mitologia para a Inglaterra. E acredita-se neste trabalho que ele conseguiu.

Com suas obras, o escritor liderou uma revolução no mundo da literatura universal e fez com que surgissem novos âmbitos de exploração de uma obra literária, nesse caso, como subsídio à formação de leitores. Consciente de que ainda há muito a explorar sobre as obras de Tolkien, espera-se ter colaborado para que estudos mais aprofundados sejam realizados entre aqueles que vêem na leitura algo mais do que simples entretenimento ou fuga do mundo real.

Que se procure descobrir o livro como uma forma de conhecer não somente os conteúdos escritos nele – ou seja, a informação –, mas, também, o autor que o produziu e o processo criativo que há por trás de uma obra. Assim, defende-se neste estudo a ideia de que o domínio desses aspectos ajuda a formar leitores mais comprometidos com seu desenvolvimento cognitivo e cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Francine Maciel de. **Harry Potter no Orkut: formando leitores adolescentes**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <<http://dited.bn.pt/31594/2579/3097.pdf>> Acesso em 12 dez. 2010.
- ALMEIDA, Patrícia Pinheiro. **Fontes de informação literária na internet: uma avaliação**. 2008. Tese (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <www.colombiadigital.net/.../958-fontes-de-informacao-literaria-na-internet-uma-avaliacao.pdf> Acesso em 22 maio 2011.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168 p. p. 33-45.
- ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, n. 77, p. 205-220, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a10n77.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2010.
- ANTUNES, Thiago. **Tradição e modernidade em O Senhor dos Anéis**. 2009. Dissertação (Pós-graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Araraquara, 2009. 143 p. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/antunes_t_me_mar.pdf>. Acesso em 20 ago. 2010.
- AUDEN, V. H. The Quest Hero. In: ZIMBARDO, Rose A.; ISAACS, Neil D. **Understanding the Lord of the Rings: the best of Tolkien criticism**. London: Houghton Mifflin, 2004. p. 31–51.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: _____. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 1998.
- BARBOSA, Maria Dorothea. **Orientação bibliográfica: da pesquisa à apresentação de trabalhos**. Curitiba: Scientia met labor, 1989.
- BELLOWS, Henry Adams (trad). **The Poetic Edda**. New York: Princeton University Press, 1936. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/poe/>>. Acesso em 25 ago. 2010.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, vol. 1). 253 p.
- BOULHOSA, Patricia Pires. Breves Observações sobre a *Edda* em Prosa. **Brathair**, vol. 4, p.13-18, 2004. Disponível em: <<http://www.brathair.cjb.net>>. Acesso em 20

ago. 2010.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. 418 p. v. 1.

BROOKE-ROSE, Christine. **A Rhetoric of the Unreal: studies in narrative and structure, especially of the fantastic**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. 446 p.

CAMPBELL, Joseph. **The hero with a thousand faces**. New Jersey: Princeton University Press, 2003.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CARPENTER, Humphrey. **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra, 2006. 460 p.

CARTER, Lin. **O senhor do Senhor dos Anéis: o mundo de Tolkien**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 221 p.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Os jovens leitores de O Senhor dos Anéis: produções culturais saberes e sociabilidades**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11098/000605697.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 dez. 2010.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada**, 3: da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COLBERT, David. **O mundo mágico do Senhor dos Anéis: mitos, lendas e histórias fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 187 p.

DAY, David. **O mundo de Tolkien: fontes mitológicas de O Senhor dos Anéis**. São Paulo: Arx Jove, 2004. 184 p.

DETTMAN, David L. **Tolkien in/ Tolkien and Academia**. Disponível em: <http://www.americantolkienociety.org/pdf.files/academia1.pdf>. Acesso em 12 dez. 2010.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica**

na formação do profissional da informação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. 168 p. p. 65-76.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Romances da literatura de massa. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Orgs.) **Formas e expressões do conhecimento:** introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escolad e Biblioteconomia da UFMG, 1998. 414 p.

FORTUNA, Carlos. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, nº 33, p. 127-141, fev. 1997.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_33/rbcs33_08.htm>. Acesso em 12 dez. 2010.

FRITSCH, Valter Henrique. **One ring to rule them all:** the mythological appeal in Tolkien's *The Lord of the Rings*. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 71 p. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22050/000738621.pdf?sequence=1>>. Acesso em 12 dez. 2010.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica.** São Paulo: Cultrix, 1973. 400 p.

HAGUE, Michael. **Tolkien's world:** Paintings from Middle-earth. London: Harpercollins, 1993. 144 p.

HALL, Michael. **The influence of J.R.R. Tolkien on popular culture.** Tese (História) Illinois, 2005. Disponível em: <http://opensiuc.lib.siu.edu/uhp_theses/287>. Acesso em 12 dez. 2010.

ISER, W. **L'acte de lecture.** Trad. Franc. Bruxelles: Mardaga, 1985.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2002. 161 p.

KESTI, Tutta. **Heroes of Middle-earth:** Joseph Campbell's monomyth in J.R.R. Tolkien's *The Lord of the Rings (1954-1955)*. 2007. Tese (Pós-graduação em Inglês) – University of Jyväskylä, 2007. 95 p. Disponível em:

<https://jyx.jyu.fi/dspace/bitstream/handle/123456789/7305/URN_NBN_fi_jyu-2007550.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 dez. 2010.

KYRMSE, Ronald. **Explicando Tolkien.** São Paulo: Martins Fontes, 2003. 180 p.

LANGER, Johnni. Alguns apontamentos sobre as Eddas. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). **Mitologia germano-escandinava:** do caos ao apocalipse. Rio de Janeiro: NEA/ URJ, 2007. 88 p (Col. Projeto Antiguidade). Disponível em:

<http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/mitologia_germano_escandinava.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2010.

LE COADIC, Yves-François. O objeto: A informação. In: _____. **A ciência da informação.** 2 ed. rev. Brasília, DF: Brique de Lemos/ Livros, 2004. 124p. p. 03-11.

LIMA, Alexandre Ribeiro de. **Reflexões sobre leitura**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/artigo_sobre_leitura_forum2010.pdf>.

Acesso em: 12 dez. 2010.

LONG, Steven S. et al. **O Senhor dos Anéis – RPG**: Livro básico. São Paulo: Devir, 2002. 304 p.

LÖNNROT, Elias. **Kalevala**: poema primeiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 191 p.

LUKÁCS, George. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: 34, 2000. 240 p.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo**: o *Bildungsroman* na história da literatura. São Paulo: UNESP, 2000. 272 p.

MAGALDI, Carolina Alves. **Kalevala**: literatura, história e formação nacional. 2006. Dissertação (Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Araraquara, 2006. 106 p. Disponível em: <http://www.btdt.ufjf.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=33>. Acesso em 25 ago. 2010.

MAGALHÃES, Leopoldo Doray. Beowulf, a épica anglo-saxã e o tema do cantor. **Língua, Literatura e Ensino**, v. 3, p. 289-299, maio 2008. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/le/article/viewFile/81/67>>. Acesso em 25 ago. 2010.

MAGNUSSON, Eirirkr; MORRIS, William. (Trad). **The story of Volsungs**. London: Walter Scott Press, 1888. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/vlsng/vlsng00.htm>>. Acesso em 25 ago. 2010.

MEIER, Bruno. Uma geração descobre o prazer de ler. **Veja**, São Paulo, v. 44, n. 20, pp. 98-108, maio, 2011.

MEREGE, Ana Lúcia. Literatura fantástica: um guia para mediadores de leitura. In: FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Gêneros e leitura da literatura**. Rio de Janeiro, 2010. p. 11-28. (Cursos da Casa de Leitura, 5).

MERP: Maps & geneology of Middle-earth. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/Pvuq9QyO/MERP_Maps_Geneology_of_Middle.html>. Acesso em 08 jun. 2011.

MONTEIRO, Maria do Rosário. **O Senhor dos Anéis**: mitos, história e fantasia. ed. rev. 2007. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/LOTR_rmonteiro.pdf>. Acesso em 25 ago. 2010.

SAINT CLAIR, Gloriana. **Tolkien's Cauldron**: northern Literature and *The Lord of the Rings*. Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 2000. Disponível em: <http://repository.cmu.edu/lib_science/67/>. Acesso em 20 ago. 2010.

SHIPPEY, Tom. **J.R.R. Tolkien**: author of the century. London: Harper Collins, 2001.

SHURNWAY, Daniel B. (trad). **The Nibelungenlied**. New York: Houghton Mifflin, 1909. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/nblng/nblng02.htm>> Acesso em 25 ago. 2010.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1993. 115 p.

STURLSON, SNORRI. **The Prose Edda**. Trad. Arthur Gilchrist Brodeur. New York: The American-Scandinavian Foundation, 1916. Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/neu/pre/pre00.htm>> Acesso em: 25 ag. 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Col. Debates). 188p.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 293p.

_____. **O Senhor dos Anéis**: primeira parte: a sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 566p.

_____. **O Senhor dos Anéis**: segunda parte: as duas torres. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 486p.

_____. **O Senhor dos Anéis**: terceira parte: o retorno do rei. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 565p.

_____. **O Silmarillion**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 460p.

_____. Sobre histórias de fadas. In: LOPES, Reinaldo José. **A Árvore das Estórias**: uma proposta de tradução para *Tree and Leaf*, de J.R.R. Tolkien. 2006. Dissertação (pós-graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p.35-147.

Tolkien Reading Day. Disponível em: <<http://www.tolkiensociety.org/ed/tolkienreadingday.html>> Acesso em: 12 dez. 2010.

WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 308 p.

WIENKER-PIEPHO, Sabine. 2004. Kansantarinat ja folklore fantasian maaperänä in K. Blomberg, I. Hirsjärvi and U. Kovala (eds.), **Fantasian monet maailmat**. Helsinki: BTJ Kirjastopalvelu Oy, 32.

ZILMERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC São Paulo, 2001. 131 p. (Ponto Futuro, 04).

GLOSSÁRIO⁵²

Abismo de Helm: fortaleza usada como refúgio por Théoden, localizada nos vales no norte das Montanhas Brancas.

Ainulindalë: conto do surgimento do mundo a partir da Música dos Ainur.

Ainur: “Os Sagrados”; os primeiros seres criados por Ilúvatar (singular Ainu).

Akallabêth: história da ilha Númenor, desde sua criação até sua destruição.

Almaren: primeira morada dos Valar em Arda.

Alqualondë: “Porto dos Cisnes”; principal cidade e porto dos teleri nas costas de Aman.

Aman: “Abençoada”; a terra no oeste, do outro lado do grande mar, onde os Valar foram morar.

Amandil: “Amante de Aman”; último senhor de Andúnië em Númenor, descendente de Elros.

Amon Hen: a Colina da Vista, lugar onde a Sociedade se rompe para sempre.

Anar: nome em quenya do Sol.

Anárion: filho mais novo de Elendil, senhor de Minas Anor.

Anduin: rio a leste das Montanhas Nevoentas.

Anéis de Poder: anéis forjados por Celebrimbor sob orientação de Sauron. Três anéis foram dados aos elfos, sete aos anões e nove aos homens.

Aragorn: trigésimo nono herdeiro de Isildur em linha direta, Rei dos reinos reunificados de Arnor e Gondor após a Guerra do Anel.

Arda: “Reino”; nome da Terra como reino de Manwë.

Arien: uma Maia, condutora da nave do Sol.

Arken: gema branca preciosa descoberta por um antepassado de Thorin, Thráin, era o símbolo dos Povos de Durin.

Armanelos: Cidade dos Reis em Númenor.

Arnor: “Terra do Rei”; reino númenoriano na Terra-média fundado por Elendil.

Árvore Branca: descendente de Nimloth, a Árvore Branca de Númenor, sua muda foi plantada em Gondor no final da Guerra do Anel.

Arwen: elfa, filha de Elrond, antepassada de Lúthien. Como ela, Arwen renuncia a imortalidade de seu povo para viver ao lado de Aragorn, um homem mortal.

⁵²Dados disponíveis em: <<http://www.glyphweb.com/Arda/>>.

Ar-Pharazôn: vigésimo quarto e último rei de Númenor.

Athelas: planta conhecida como folha-do-rei, de propriedades curativas.

Aulë: um Vala, ferreiro e mestre artífice, esposo de Yavanna.

Avallónë: porto e cidade dos eldar em Tol Eressëa, a cidade mais próxima de Valinor.

Avari: “os Relutantes”; elfos que não seguiram a marcha para o oeste a partir de Cuivienén.

Balin: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Balrog: “Demônio de Força”; espírito de fogo, servo de Melkor/Morgoth.

Barbárvore: o mais velho dos ents da Floresta de Fangorn.

Bard: arqueiro responsável pela morte do dragão Smaug.

Bëor: “O Velho”, chefe da primeira casa dos homens.

Beorn: um troca-pele, homem que se transforma em urso.

Beleriand: antigo litoral do noroeste da Terra-média.

Beren: filho de Barahir, da casa de Bëor, o Velho, foi o único dos homens mortais a voltar da morte.

Bifur: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Bilbo: hobbit morador do Condado, um dos últimos portadores do Anel.

Bofur: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Bolsão: a toca, lar de Bilbo e Frodo.

Bolseiro: uma família hobbit.

Bombur: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Boromir: filho primogênito de Denethor, homem de Gondor.

Brandebuque: uma família hobbit.

Bree: uma pequena e antiga aldeia.

Caradhras: um dos mais altos picos das Montanhas Nebulosas.

Caras Galadhon: a principal cidade do reino de Lothlórien.

Celeborn: elfo de Doriath, parente de Thingol.

Círdan: “O Armador”; foi guardião dos Portos Cinzentos.

Cirith Ungol: antiga fortaleza de Gondor.

Condado: área povoada exclusivamente por hobbits, um lugar idílico.

Cuiviénen: “Água do Despertar”; lago na Terra-média onde os elfos despertaram pela primeira vez.

Dain: parente de Thorin.

Denethor: pai de Boromir e Faramir, regente de Gondor.

Dior: “Herdeiro de Thingol”; filho de Beren e Lúthien.

Dori: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Doriath: “Terra da Cerca”; reino de Thingol e Melian nas florestas de Neldoreth, protegido pelo Cinturão de Melian.

Dúnedain: “Edain do Oeste”; os remanescentes dos edain que sobreviveram ao desaparecimento de Númenor e se exilaram na Terra-média. (singular Dúnadan).

Dwalin: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Ëa: “É”, “Que seja”; o Mundo, o Universo material.

Eärendil: “Meio-elfo”, “Marinheiro”; filho de Tuor e Idril, portador da silmaril que Beren e Lúthien resgataram.

Edain: “O Segundo Povo”; os homens (singular Atan). Eram aqueles homens pertencentes as Três Casas dos amigos-dos-elfos (singular Adan, plural Edain).

Edoras: capital do reino de Rohan.

Eldar: “Povo das Estrelas”; de acordo com as lendas élficas, era o nome dado aos elfos em geral. Mais tarde, passou a indicar os elfos que iniciaram a marcha para o oeste a partir de Cuiviénen (vanyar, noldor e teleri).

Elendil: filho de Amandil, último senhor de Andúnië em Númenor.

Elendili: “Amigos-dos-elfos”; os númenorianos que não se afastaram dos eldar.

Elessar: nome dado a Aragorn por Galadriel, se torna um título.

Elladan: irmão de Elrohir e Arwen, filho de Elrond e Celebrían.

Elrohir: irmão de Elladan e Arwen, filho de Elrond e Celebrían.

Elrond: filho de Eärendil e Elwing, escolheu pertencer aos Primogênitos, é o senhor de Valfenda.

Elros: filho de Eärendil e Elwing, escolheu pertencer aos Sucessores, é o primeiro rei de Númenor, chamado Tar-Myniatur.

Elu Thingol: irmão de Olwë, rei de Doriath, também conhecido como Elwë Singollo.

Elwing: filha de Dior, esposa de Eärendil.

Emyn Muil: conjunto de colinas pontiagudas e desniveladas com inúmeros precipícios a leste do rio Anduin.

Ent: uma raça muito antiga de árvores humanóides da Terra-média.

Entebate: debate realizado pelos ents.

Éomer: sobrinho do rei Théoden e futuro rei de Rohan.

Éowyn: sobrinha do rei Théoden, se disfarça como guerreiro rohirrim chamado Dernhelm para ir para a guerra.

Erebor: significa Montanha Solitária, localizada a leste da Floresta das Trevas.

Eressëa: “A Ilha Solitária”; ilha na qual os elfos vanyar, noldor e teleri foram arrastados por Ulmo pelo oceano e que se fixou perto do litoral de Aman.

Erkenbrand: um dos rohirrim, comandante das defesas Ocidentais de Rohan.

Esgaroth: a Cidade do Lago, construída sobre palafitas e habitada por Homens alguns dos quais são descendentes da antiga cidade de Valle.

Estê: uma das Valier, esposa de Irmo.

Faramir: irmão caçula de Boromir.

Fëanor: filho primogênito de Finwë, maior de todos os noldor, inventor das silmarils e da escrita fëanoriana.

Fili: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Finarfin: terceiro filho de Finwë, permaneceu em Aman após a partida dos noldor.

Fingolfin: segundo filho de Finwë, Rei Supremo dos noldor em Beleriand, morto em combate homem a homem contra Melkor/Morgoth.

Finwë: líder dos noldor na viagem para o oeste a partir de Cuiviénen, Rei dos noldor em Aman.

Floresta das Trevas: também chamada Floresta Verde.

Floresta de Fangorn: um vestígio da floresta primordial que outrora se estendia desde os vales do Anduin, através do Desfildeiro de Rohan até os Portos Cinzentos.

Floresta Velha: lar de árvores que se comunicam entre si.

Formenos: fortaleza de Fëanor no norte de Valinor.

Forte da Trombeta: forte localizado no Abismo de Helm.

Frodo: hobbit parente de Bilbo, o Portador do Anel.

Galadriel: Filha de Finarfin e irmã de Finrod, esposa de Celeborn.

Gamgi: uma família hobbit.

Gandalf: um dos istari, também chamado Mithrandir.

Gimli: único anão participante da Sociedade.

Gil-galad: “Estrela Radiante”; nome pelo qual o filho de Fingon, Ereinion, ficou conhecido. O último Rei Supremo dos Noldor na Terra-média, líder com Elendil da Última Aliança entre homens e elfos, morto com ele em combate com Sauron.

Gloin: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Glorfindel: elfo noldor, líder da Casa da Flor Dourada, uma das doze casas nobres de Gondolin.

Gollum: antes chamado Sméagol, matou o primo por querer o Anel e foi expulso da família. Viveu muito tempo sob o domínio do Anel.

Gondolin: cidade oculta do rei Turgon.

Gondor: “Terra de Pedra”; reino númenoriano na Terra-média fundado por Isildur e Anárion .

Gríma Língua-de-cobra: conselheiro do rei Théoden, informante de Saruman.

Gwaihir: descendente direto da águia de Manwë, Thorondor.

Haldad: líder da segunda casa dos homens.

Harad: terras ao sul de Mordor.

Hobbit: menor que um anão, discreto e amante da tranquilidade de uma terra campestre.

Huorns: criaturas semelhantes aos ents, mas que não tem a capacidade de sentir as coisas.

Idril: filha única de Turgon, mulher de Tuor e mãe de Eärendil.

Indis: mulher élfica vanyarin, parenta de Ingwë, segunda esposa de Finwë.

Ingwë: líder dos vanyar.

Illuin: uma das luminárias dos Valar localizada ao norte da Terra-média.

Ilúvatar: “Pai de Todos”; Eru.

Imrahil: filho de Adrahil e Príncipe de Dol Amroth, desempenhou um papel fundamental na defesa de Minas Tirith.

Irmo: Vala conhecido como Lórien, local de sua morada.

Isengard: tradução do nome Angrenost.

Isil: nome em quenya da Lua

Isildur: filho primogênito de Elendil, senhor de Minas Ithil.

Istari: os magos.

Ithilien: terra de Gondor, situada na borda de Mordor.

Kili: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Laracna: a última descendente de Ungoliant.

Laurelin: a mais nova das Duas Árvores de Valinor, também chamada de Árvore Dourada.

Legolas: único elfo participante da Sociedade do Anel, se torna amigo do anão Gimli.

Lembas: pão de viagem dos eldar.

Lindon: após a Primeira Era, denominação dada às terras a oeste das Montanhas Azuis.

Lórien: território governado por Celeborn e Galadriel entre os rios Celebrant e Anduin. Também denomina os jardins do Vala Irmo em Valinor.

Lothlórien: “Lórien da Flor”.

Lúthien Tinúviel: filha de Thingol e Melian, elfa de grande beleza que escolheu a mortalidade para poder viver ao lado do mortal Beren (Tinúviel é um termo poético para o rouxinol).

Maedhros: filho primogênito de Fëanor.

Maeglor: segundo filho de Fëanor.

Maiar: Ainur de linhagem inferior aos Valar (singular Maia).

Marach: líder da terceira casa dos homens.

Manwë: o principal Vala, o Governante de Arda.

Meduseld: palácio principal da cidade de Edoras.

Melian: Maia que deixou Valinor e se tornou a Rainha de Doriath. Mãe de Lúthien e antepassada de Elros e Elrond.

Melkor: o Vala rebelde, inicialmente o mais poderoso dos Ainur. Após o roubo das silmarils, Fëanor o chamou Morgoth, nome pelo qual passou a ser conhecido.

Merry Brandebuque: hobbit participante da Sociedade, presta juramento de fidelidade a Rohan e ajuda Éowyn a derrotar o líder dos nâzgul.

Minas Anor: “Torre do Sol”; mais tarde chamada Minas Tirith, a cidade de Anárion em Gondor.

Minas Ithil: “Torre da Lua”; cidade de Isildur em Arnor, após sua captura pelos Espectros do Anel, passou a ser chamada Minas Morgul.

Minas Tirith: chamada A Cidade de Gondor.

Míriel: primeira esposa de Finwë, mãe de Fëanor.

Montanhas Nevoentas: “Linha de Picos Nebulosos”.

Montanhas Sombrias: cadeia de montanhas ao norte da Terra-média na Primeira Era.

Mordor: “Terra Negra”; o reino de Sauron.

Moria: “Abismo Negro”.

Námo: um Vala, geralmente conhecido como Mandos.

Narsil: espada de Elendil que quebrou quando em combate com Sauron. De seus fragmentos, ela foi reforjada para Aragorn e recebeu o nome de Andúril.

Narya: um dos três Anéis dos Elfos, o Anel do Fogo ou Anel Vermelho, portado por Círdan e depois por Gandalf.

Nazgûl: os Espectros do Anel, escravos dos Nove Anéis dos Homens e principais servos de Sauron, também conhecidos como Cavaleiros Negros.

Neldoreth: floresta de faias que faz parte da região de Doriath.

Nenya: um dos três Anéis dos Elfos, o Anel da Água ou Anel de Diamante, portado por Galadriel.

Nessa: uma Valië, irmã de Oromë e esposa de Tulkas.

Nienna: uma Valië, irmã de Manos e Lórien.

Nimloth: Árvore Branca de Númenor, cujo fruto se tornou a Árvore Branca de Minas Ithil.

Noldor: o segundo grupo dos eldar que marcharam para o oeste a partir de Cuivienén, liderado por Finwë (singular noldo).

Nori: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Númenor: a grande ilha preparada pelos Valar como morada para os edain após o final da Primeira Era, também chamada Anadûne, Elenna, Terra da Estrela. Após sua queda, Akallabêth, Atalantë.

Oin: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Olwë: irmão de Elwë (Elu Thingol), senhor dos teleri em Alqualondë.

Orc: servos de Sauron, criaturas surgidas da maleficação dos elfos.

Orcrist: espada de Thorin.

Ori: um dos anões acompanhantes de Thorin.

Ormal: uma das luminárias dos Valar localizada ao sul da Terra-média.

Orodruin: “Montanha do Fogo Ardente”; onde Sauron forjou o Um Anel.

Oromë: o Vala mais hábil na caça, esposo da Valië Vána.

Palácios de Mandos: o local de morada do Vala Námo em Aman, também chamado Casas dos Mortos. O nome Mandos também é comumente usado para denominar o Vala.

Palantíri: “As que vigiam de longe”; as sete Pedras-videntes levadas por Elendil na fuga de Númenor, feitas por Fëanor em Aman.

Peregrin Tûk: hobbit amigo de Frodo, um dos membros da Sociedade, tornou-se um thain (título honorário de um líder militar) de sua comunidade.

Portos Cinzentos: os portos dos elfos no Golfo do Lûn.

Primogênitos: os Filhos Mais Velhos de Ilúvatar, os elfos.

Quenta Silmarillion: história das pedras preciosas silmarils, desde sua criação até sua destruição.

Rohan: “País dos Cavalos”.

Rohirrim: “Senhores dos Cavalos” de Rohan.

Sammath Naur: “Câmaras de Fogo”; local onde Sauron criou o Um Anel e onde o objeto deveria ser destruído.

Sam Gamgi: amigo de Frodo, um dos hobbits que partiu com a Sociedade do Anel e o último Portador do Anel na Terra-média.

Saruman: “Homem de Talento”; tradução do nome Curunír entre os homens, um dos istari.

Sauron: “O Abominável”; antigo Maia de Aulë, se tornou o maior dos servos de Melkor/Morgoth.

Scadufax: cavalo pertence a raça dos Mearas, mais velozes, fortes e resistentes que os cavalos comuns.

Senhor das Águias: líder das águias que ajudam Bilbo, Gandalf e os anões a escaparem dos orcs e wargs. Esse título também denomina Gwaihir.

Senhor dos Nazgûl: o Rei Bruxo de Angmar, o mais perverso servo de Sauron.

Silmarils: três pedras preciosas criadas por Fëanor, repletas de luz das Duas Árvores de Valinor.

Smaug: poderoso dragão do Norte, de tempos antigos.

Sucessores: os Filhos Mais Novos de Ilúvatar, os homens.

Tar-Ancalimon: décimo quarto rei de Númenor.

Tar-Minastir: décimo primeiro rei de Númenor.

Teleri: a terceira e mais numerosa hoste de eldar na viagem para o oeste a partir de Cuiviénen, liderada por Elwë (Elu Thingol) e Olwë.

Telperion: a mais velha das Duas Árvores de Valinor, também chamada de Árvore Branca.

Templo da Colina: refúgio nas montanhas.

Terra Escura: terra de Mordor, região devastada coberta de pó, cinza e fogo.

Terras Imortais: Aman e Eressëa, também chamadas de Terras sem Morte.

Terra-média: as terras a leste do Grande Mar, também chamadas de Endor.

Théoden: décimo sétimo rei de Rohan.

Thranduil: elfo sindarin, Rei dos elfos-silvestres no norte da Floresta Verde (Floresta das Trevas), pai de Legolas.

Tilion: um Maia, o timoneiro da Lua.

Tirion: “Grande Torre de Vigia; cidade élfica em Aman.

Tom Bombadil: um ser misterioso que habita a Floresta Velha e que conversa com as árvores.

Topo do Vento: a colina mais ao sul das Colinas do Vento em Eriador, uma antiga torre de vigia construída pelos númenorianos na Terra-média.

Thorin Escudo-de-Carvalho: neto do rei Thrór, um excelente guerreiro morto na batalha entre elfos, anões, homens e orcs.

Thrór: anão do Povo de Durin, foi o primeiro a viver em exílio.

Torre de Orthanc: torre construída pelos númenorianos, localizada em Isengard.

Tûk: uma família hobbit.

Tulkas: um Vala, também chamado Astaldo.

Tuor: filho de Huor e Rian criado pelos elfos-cinzentos, pai de Eärendil.

Turgon: segundo filho de Fingolfin, pai de Idril e avô de Eärendil, governou Gondolin até sua destruição por Melkor/Morgoth.

Ulmo: um Vala, chamado Senhor das Águas e Rei do Mar.

Última Aliança: última união entre elfos e homens no final da Segunda Era para derrotar Sauron.

Umbar: fortaleza e porto natural dos númenorianos.

Um Anel: o mais poderoso Anel de Poder, governante dos anéis élficos dados aos elfos, homens e anões.

Ungoliant: a aranha gigante que destrói as Árvores de Valinor.

Utumno: a primeira fortaleza de Morgoth, no norte da Terra-média.

Vairë: “A Tecelã”; uma das Valier, esposa de Námo Mandos.

Valfenda: um dos últimos refúgios élficos na Terra-média. Em inglês, Rivendell, traduzida para as edições em português como Imladris. Somente a edição da Martins Fontes traduziu como “Valfenda”.

Valar: “Os Poderes”; os grandes Ainur que entraram em Eä e assumiram a função de governar Arda (singular Vala). Suas contrapartes femininas eram as Valier, “As Rainhas dos Valar” (singular Valië).

Valaquentia: conto detalhado sobre os Valar, os Maiar e os Inimigos.

Valinor: terra dos Valar em Aman.

Vána: uma Valië, esposa de Oromë.

Vanyar: o primeiro grupo dos Valar que viajou para o oeste a partir de Cuiviénen, liderado por Ingwë (singular Vanya).

Varda: “A Sublime”; a mais importante Valië, esposa de Manwë, também chamada Senhora das Estrelas.

Vau de Bruinen: vau localizado na entrada de Valfenda.

Vilya: um dos três Anéis dos Elfos, o Anel do Ar ou Anel de Safira, portado por Gil-Galad e depois por Elrond.

Wargs: lobos selvagens provavelmente descendentes do cão Carcharoth, guardião dos portões da fortaleza de Melkor/Morgoth.

Yavanna: “Provedora de frutos”; uma Valië, esposa de Aulë.